

M 2016



**BIOGRAFIAS ILUSTRADAS,
O RETRATO E A EXPERIÊNCIA DO SER**

RELATÓRIO DE PROJETO
CLÁUDIA SOFIA BRÁS SALGUEIRO

ORIENTAÇÃO
PROFESSOR LUÍS MENDONÇA

APRESENTADO
À FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO
EM DESIGN GRÁFICO E PROJETOS EDITORIAIS

**BIOGRAFIAS ILUSTRADAS,
O RETRATO E A EXPERIÊNCIA DO SER**

RELATÓRIO DE PROJETO
CLÁUDIA SOFIA BRÁS SALGUEIRO

ORIENTAÇÃO
PROFESSOR LUÍS MENDONÇA

APRESENTADO
À FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO
EM DESIGN GRÁFICO E PROJETOS EDITORIAIS

Porto, 15 de Setembro de 2016

Ao Prof. Luís Mendonça,
pelo empenho, exigência, entusiasmo e dedicação.

Aos colegas de mestrado e ao Prof. Eduardo Aires,
por dois anos de aprendizagem contínua.

Ao Prof. Emílio Remelhe,
pela disponibilidade.

À Faculdade,
por ter sido uma casa durante os últimos seis anos
e por tudo o que me ensinou a ser.

Aos amigos,
pela força e apoio.

Ao país,
por tudo.

A todos aqueles que tornaram este projeto possível,
obrigada.

RESUMO

Este relatório de projeto tem como objetivo refletir sobre a cidade do Porto e sobre quem a constrói e torna relevante. Desde as suas origens mais remotas o Porto tem vindo a crescer e a tornar-se uma cidade de referência com exposição internacional. Mas uma cidade não se faz por si só, são as pessoas que a habitam, que a tornam viva e que a fazem memorável... que lhe dão alma e a fazem crescer.

Tendo em conta uma lacuna de mercado neste âmbito específico, foi realizada uma investigação sobre biografia/retrato, contextualização histórica e pertinência artística e científica. Partindo de um levantamento de figuras de relevo da cidade, é proposto um conjunto de retratos biográficos/memórias gráficas, que enfatizam e homenageiam uma série de 20 personalidades portuenses.

O retrato suspende no tempo, torna presente a ausência, ressuscita o modelo morto, porque o fixa numa imagem viva, mas mais do que a fixação de um vivo na eternidade, como se afirma comumente, o retrato realiza o poder extraordinário de construir a eternidade como tempo sem fim de uma presença una e singular, tal como diz José Gil.

É esse o cerne deste projeto. A criação de um artefacto gráfico que através do retrato revitalize e dê destaque a todas estas pessoas. Um projeto que para além de homenagear inspire as pessoas da cidade.

Palavras - Chave

Design Editorial, Ilustração, Retrato, Biografia, Cidade, Memória, Porto

ABSTRACT

This project is a reflection about the city of Oporto and the people who make it relevant. From its earliest origins Oporto has grown and become a reference city with international exposure. But a city doesn't live by itself, the people who live here make it alive and make it memorable...

11

Looking for a market gap in this particular field, we developed an investigation about biography/portrait, historical context and artistic/scientific relevance. Noting who are the leading figures of the city, we propose a set of biographical portraits/graphic memories that emphasize and honor a series of 20 personalities.

A portrait suspends the time and resurrects the dead model, but more than establishing a person through the eternity, as stated often, the picture carries the extraordinary power to build eternity as singular presence, as José Gil says.

This is the heart of this project. Creating a graphical artifact that through portrait revitalizes and gives prominence to all these people. A project that intends not only to honor but also to inspire the people in the city.

Keywords

Editorial Design, Illustration, Portrait, Biography, City, Memory, Oporto.

ÍNDICE

Introdução	I5
1. Contextualização e Enquadramento	
1.1 Cidade e Problemática	I7
1.2 Revisão da Literatura	I8
1.3 Pertinência	24
1.4 O Retrato: Síntese histórica	26
1.5 Casos de Estudo	37
1.5.1 André Carrilho	39
1.5.2 Frederico Babina	43
1.5.3 Tullio Pericoli	49
2. Conceção e Exequibilidade	
2.1 Produção Gráfica: o livro e as suas possibilidades	53
2.2 O retrato biográfico	60
2.3 Pertencer	63
2.4 Investigação e análise biográfica	64
3. Projeto Final	
3.1 Opções formais e técnicas	67
3.2 Retratos e retratados	72
3.3 Artefacto	I2I
3.4 Considerações	I28
Conclusão	I3I
Anexos	I33
Índice de Figuras	I45
Bibliografia	I49

INTRODUÇÃO

*“A cidade não é apenas um espaço físico mas uma foija de relações.
É o centro de um tempo onde se fabricam e refabricam as identidades próprias.”*

Mia Couto, Pensatempos – Textos de opinião, 2005

O individualismo é uma das marcas do séc. XXI, estamos na “Era do Vazio” de Lipovetsky, que diz que se *“À luz da civilização, todo o mundo está focado em si mesmo, nos seus interesses, nos seus prazeres, no seu bem-estar: o sentido da vida deixou de estar na transformação do mundo através da ação coletiva e da utilização da força, passando a estar no auto-desenvolvimento.”* (Lipovetsky, 2015:10)

A sociedade vive virada para o “eu” e para ela própria, mas no seio da sociedade a importância e mérito do “outro” continua a ser reconhecida e alvo de orgulho.

Uma cidade caracteriza-se por um estilo de vida particular dos seus habitantes, pela sua história e urbanização, mas também por quem a habita. Este projeto pretende ser uma homenagem, uma ode à memória daqueles que fizeram e fazem, construíram e constroem a cidade do Porto. A todos aqueles que se elevaram e mostraram a força dos seus desejos e sonhos e a todos aqueles que marcam o rumo da cidade.

O retrato suspende no tempo, torna presente a ausência, ressuscita o modelo morto, porque o fixa numa imagem viva, mas mais do que a fixação de um vivo na eternidade, como se afirma comumente, o retrato realiza o poder extraordinário de construir a eternidade como tempo sem fim de uma presença única e singular, tal como diz José Gil.¹ É esse o cerne deste projeto. A criação de um artefacto gráfico que através do retrato revitalize e dê destaque a todas estas pessoas. Um projeto que para além de homenagear inspire as pessoas da cidade.

No desenvolvimento da investigação, o relatório de projeto foi construído com base nas perguntas: Porque vou fazer? O que vou fazer? Como vou fazer? O que foi feito?

Sendo que a partir daí se desenvolveu um primeiro capítulo sobre a contextualização, enquadramento e pertinência do projeto. Um segundo capítulo sobre conceção, produção e execução, terminando com um capítulo sobre os resultados obtidos e possíveis reflexões sobre o mesmo.

No decorrer da investigação tentar-se-á perceber como o retrato se relaciona com o público, qual a sua contextualização histórica e se este continuará a ser pertinente hoje em dia. Questionar-se-á o que dá destaque a alguém e o que a torna pertinente na história da cidade, assim como o que faz com que alguém lhe pertença. Procurar-se-á perceber estratégias de ilustração e narrati-

¹ José Gil cit. por João Castelo-Branco Pereira, A arte do retrato – Quotidiano e circunstância, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 12

va biográfica, e no fim, qual será a melhor forma de retratar alguém? O relatório de projeto pretende, assim, não só ser uma descrição do desenvolvimento processual e metodológico mas também ser uma reflexão sobre a relação das pessoas, da cidade e do retrato.

As motivações que lhe estão adjacentes, nascem da vontade de responder a um desafio, da vontade de explorar as possibilidades do desenho e da vontade de questionar a cidade. Evoluir tecnicamente, experimentar e pensar sobre design, ilustração, desenho e identidade. Porque no final o retrato é a celebração da identidade humana e como é frequentemente dito o retrato é sempre autorretrato.

CAPÍTULO 1

Contextualização e Enquadramento

1.1 Cidade e Problemática

O Porto é uma cidade que nos últimos anos tem assistido a um crescimento cultural e turístico notório, sendo uma cidade efervescente e cada vez mais relevante a nível europeu. É a segunda maior cidade do país, conta com 41,42 KM² de área e distribui por sete freguesias os seus cerca de 237.000 habitantes.

Têm surgido imensos projetos que a enaltecem e que aproveitam este seu apogeu, contudo, a cidade é muitas vezes abordada de um ponto de vista “exterior”, fala-se de arquitetura, arte, gastronomia e história, mas não são muitas as vezes que se realçam as pessoas que a constroem, as pessoas que a habitam e que são personalidades de relevo para a cidade contemporânea. Vejamos que a cidade é mundialmente reconhecida pelo vinho, pelas pontes, pela dita arquitetura e pelo seu centro histórico, classificado em 1996 como património mundial da UNESCO. No entanto, o Porto desde sempre foi casa de muitos heróis e personalidades incontornáveis da História Portuguesa, desde o Infante D. Henrique a Sophia de Mello Breyner ou Manoel de Oliveira, mas será assim tão imediato identificar 5 ou 10 nome de portuenses? Será relevante identificá-los como tal?

Uma cidade não é só um lugar como nos diz Mia Couto em “Pensageiro Frequente”, uma cidade “...é a moldura de uma vida, um chão para a memória.” (Couto, 2010:21). A cidade é vida, é passado, presente e futuro, é aquilo que fazemos dela, aquilo que lhe damos e aquilo que ela nos dá. A cidade é feita de pessoas que a elevam e que a fazem respirar, sendo por isso importante dar a conhecer quem nas mais diversas áreas, com determinação, paixão, força de vontade e persistência aos poucos marcou e marca o caminho da mesma. É preciso mostrar quem elas são no sentido de as evidenciar na memória de todos. Para além de homenagear a cidade enquanto um todo, torna-se importante perceber quem são estas figuras que a constroem e alimentam.

Nas palavras de Rui Moreira, Presidente da cidade do Porto desde 2013:

“Apesar de ser uma cidade de pequena dimensão e diminuta importância, porque mesmo em Portugal é pouco influente, e ainda menos afluente do que quer que seja, o Porto tem um carácter inconfundível. O que está longe de ser um aspeto desprezível e o que, sendo um motivo de orgulho, também é causa de muitas preocupações. Esta identidade complexa e única não decorre apenas da sua história ou, pelo menos, da história que é contada pelos compêndios e pelos manuais. Afinal, sob esse ponto de vista, todas as cidades têm histórias diferentes, e a nossa, que reclama ser Invicta, também sofreu os seus sobressaltos. Creio que a marca de água do Porto resulta das suas resistentes e fortes tradições, de uma

versão plebeia e não escrita da história, e também, ou principalmente, do facto de ser a primeira das cidades atlânticas da Europa. Não a maior, obviamente, mas a primeira, já que é a mais meridional de uma cadeia de cidades costeiras e portuárias que se estende pelo Norte de Espanha, pela Gasconha, pela Bretanha e Normandia, pela Bélgica e pela Holanda até às cidades hanseáticas da Alemanha. Todas estas cidades têm climas parecidos e muitas outras semelhanças entre si.

Isto mesmo, ouvi, um dia, Jorge Sampaio confessar, ao dizer que quando chegava ao Porto e percorria a Foz e depois subia a marginal, sentia que estava numa cidade do Norte da Europa, pelas suas cores e pela estreiteza do seu rio, em contraste com Lisboa, com a luz que a define e o seu rio espraiado a que alguns lisboetas chamam mar. E, de facto, enquanto Lisboa é uma cidade do sul da Europa, que tem um rio que é também um horizonte, o Porto é, na sua morfologia e na sua arquitetura e urbanismo, que aproveitaram ou se resignaram às suas condições naturais, a mais meridional dessas cidades atlânticas, a primeira do norte da Europa. Mas também resulta em muito, essa sua natureza diferente, das suas gentes. Da sua forma de estar, de falar, da sua franqueza, da sua generosidade e da sua irascibilidade, que é característica comum a quase todos os que cá vivem, e que nem sempre é muito apreciada, sobretudo entre aqueles que cultivam as boas maneiras e a gentileza das palavras como forma de esconder a adulação, a mentira e a hipocrisia dos jogos de poder. O Porto tem, na verdade, um carácter irrepetível e único.”¹

1.2 Revisão da Literatura

Neste sentido é relevante perceber *a priori* o que já foi feito no âmbito das personagens e figuras da cidade. Que artefatos e objetos de divulgação existem com este objetivo? Será este tipo de informação acessível? Realizámos uma busca por livrarias, alfarrabistas, feiras do livro e bibliotecas, no entanto não encontramos nada neste sentido específico. A nível nacional existem várias obras que destacam as grandes figuras da história do país, “Grandes Figuras da História de Portugal” da autoria de António Zorro e editado pela Verbo, é um deles. O livro toma um papel de dicionário, onde as grandes personagens vão surgindo uma atrás da outra pontuadas pelos dados biográficos que as tornaram reconhecidas no tempo. Contudo vemos que não serão este tipo de obras que nos motivam, sendo que nos interessa procurar uma relação mais íntima com o leitor, perceber relações de texto/imagem.

¹ Rui Moreira, *Entrevista com o Dr. Rui Moreira*,
<http://escolacomercialeindustrial.blogspot.pt/2011/05/entrevista-com-o-dr-rui-moreira.html>
(23/03/2016)

Olhemos então para algumas das obras que durante a pesquisa nos pareceram ter um discurso mais próximo do objeto de estudo. Um dos primeiros livros analisados foi, “Retratos Legendados”, uma edição da U. Porto pela mão de Serafim Guimarães. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Serafim Guimarães apresenta-nos um livro onde cerca de 50 personalidades de relevância na vida pública portuguesa surgem retratadas pelo próprio, que alia ao desenho textos curtos e justificativos da sua escolha. São textos íntimos que ora revelam admiração, ora demonstram uma amizade e uma cumplicidade antiga. São personalidades nacionais e de diversas áreas, desde Camilo Castelo Branco, Amália e Eça de Queiroz a Eduardo Lourenço, Daniel Serrão ou Armanda Passos, mas o próprio questiona “*O que é ser cientista, ou artista, ou humanista? Cada pessoa é todas essas coisas: religioso, cientista, filósofo, poeta. Só varia o grau de componente e proporção em que esses componentes convivem no ser em que habitam.*” (Guimarães, 2012: 26). Sendo que a partir desta mensagem torna-se importante refletir na figura para lá da profissão, questionando-nos sobre “o que nos define”?

Ainda na U. Porto encontramos “Os Reitores da Universidade do Porto: Retratos e notas biográficas” de Francisco Ribeiro da Silva, esta é uma obra restrita onde se apresentam especificamente os reitores da universidade. Interessa-nos por isso observá-la na medida em que mostra um conjunto de personalidades num contexto específico. De que forma isto é feito?

Nesta obra é apresentada uma biografia resumida de cada um dos dezoito reitores, em português e inglês, juntamente com uma fotografia do retrato oficial, pretendendo realçar o perfil humano, académico e de gestor universitário de cada reitor.² Neste âmbito foi realizada uma visita à Galeria dos Retratos na Reitoria da Universidade do Porto, onde se registou cada uma das obras e se observou a sua evolução no tempo, desde os retratos mais renascentistas ao realismo das pinturas mais recentes encontramos obras de vários dos pintores da cidade do Porto como Joaquim Lopes, Abel Moura, Agostinho Salgado, Amândio Silva, António Figueiredo, Carlos Carneiro, Guilherme Camarinha ou Dário Alves. Os retratos são sempre pintados óleo optando pelo formalismo da imagem, apresentando a figura sobre fundos vazios e maioritariamente negros, com exceção de Ruy Luís Gomes, 12º Reitor, que se apresenta com uma estante de livros nas suas traseiras e António de Sousa Pereira, 11º Reitor, o único que se apresenta com um objeto, neste caso igualmente um livro.

Para além desta galeria onde se apresentam cronologicamente os reitores da universidade, o Salão Nobre exibe um outro conjunto de retratos, onde cerca

² Universidade do Porto, *Biografias dos reitores da U. Porto reunidas em livro*, https://sigarra.up.pt/up/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=12197, (29/11/15)

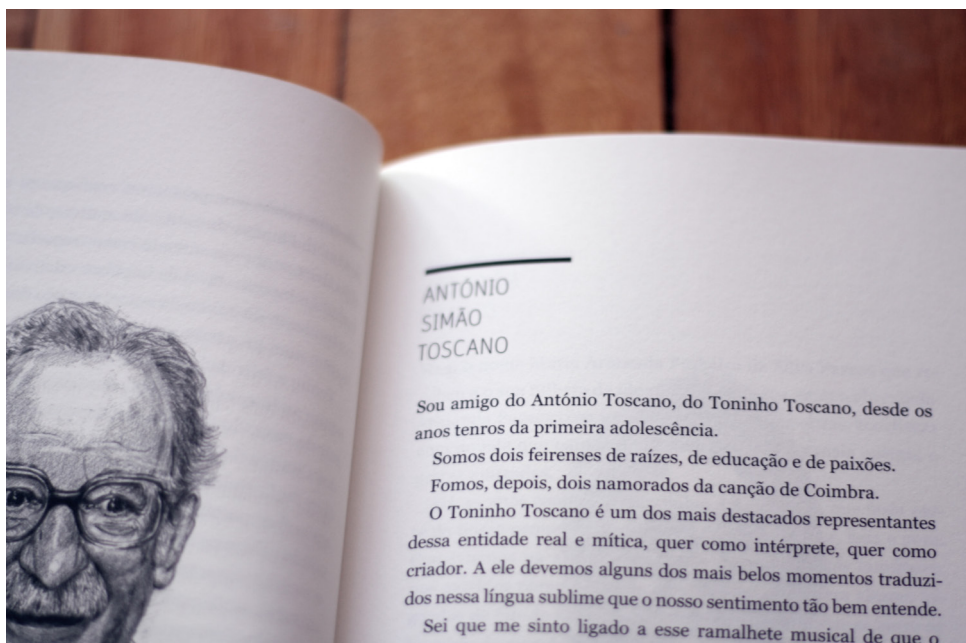


FIG. 1 – Pormenor do livro “Retratos Legendados” de Serafim Guimarães, editado pela U.Porto nas edições celebrativas do centenário da instituição. O livro segue um esquema de retrato na página ímpar e texto biográfico à direita. Os textos variam entre uma a múltiplas páginas. Os retratos são maioritariamente só de rosto, havendo no entanto algumas exceções de meio-corpo.

LISTA DE RETRATADOS NO LIVRO

Adriano Moreira, Alfredo Henriques, Álvaro Siza Vieira, Amália,
 Américo Ferreira Pinto Guimarães, António Almeida Santos,
 António Ferreira, António Gama Brandão, António Lobo Antunes,
 António Joaquim, António Simão Toscano, Armanda Passos,
 Arnaldo Saraiva, Camilo Castelo Branco, Celestino Portela, Daniel Serrão,
 Eça de Queiroz, Eduardo Lourenço, Fernando Pessoa,
 Francisco Sá Carneiro, Frederico Mendes, Henrique Lecour de Meneses,
 Zeca Afonso, José Garrett, José Mattoso, José Novais Barbosa,
 D. José Policarpo, Júlio Resende, Julius Axelrod, Ludgero Marques,
 Luís Gões, Luís de Pina, Luís Portela, Luís Valente de Oliveira, D. Manuel Clemente,
 Manuel Eugénio Machado Macedo, Manuel Sobrinho Simões,
 Maria de Belém Roseira, Martin Rodbell, Miguel Cadilhe, Miguel Torga,
 Olívia de Menezes, Paula Rego, Paulo Portas, Pedro Homem de Mello,
 Robert F. Furchgott, Ulf S. Von Euler, Ullrich Trendelenburg, Walter Osswald.

de 50 figuras relevantes na História de Portugal e do Porto são expostos. Aqui podemos encontrar figuras tão díspares como Passos Manuel, político liberal e fundador da Academia Politécnica do Porto, D. João VI, 27.º Rei de Portugal, António José de Almeida, político republicano, fundador da Universidade do Porto e presidente da República entre 5 de Outubro de 1919 e 5 de Outubro de 1923, Gonçalo Sampaio, professor universitário e naturalista botânico, Luís Woodhouse, matemático, professor, diretor da FCUP e vice-reitor da U. Porto ou Venceslau de Lima, filósofo, professor, geólogo, político e viticultor. Curioso será perceber que entre estas figuras existem, segundo Paulo Gusmão, coordenador do Serviço de Comunicação e Imagem da Reitoria da Universidade, algumas obras que permanecem expostas mas cuja identidade do retratado se perdeu no tempo. Não será esta uma prova do valor do retrato? A forma como o retrato de alguém traz a sua imagem até nós para além do tempo enquanto o seu nome se desvanece?

Em direção a Lisboa vemos um livro ilustrado por André Carrilho que nos chama a atenção pela sua seleção de poetas lisboetas. “Lisbon Poets” é, tal como a obra anterior, uma edição bilingue, em português e inglês, que nos dá a conhecer uma breve biografia do autor escolhido ladeada de uma ilustração de André Carrilho a preto e branco, seguindo-se alguns poemas do poeta em questão.

Fernando Pessoa, Luís de Camões, Florbela Espanca e Mário de Sá-Carneiro são alguns dos poetas em destaque nesta obra. Atentemos no facto de que Florbela Espanca nasce em Vila Viçosa e vem a falecer em Matosinhos. Em 1917 ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa sendo que é a partir daí que o seu percurso vai alternando entre a capital, Olhão, Guimarães, Esmoriz e mais tarde Matosinhos. Mas o que a faz ser uma poeta lisboeta? O que a torna parte deste grupo? Esta é uma das questões que iremos abordar mais à frente na sequência da nossa seleção de personalidades portuenses.

Depois desta análise de obras, tornou-se relevante visitar José da Cruz Santos. Editor e proclamado inventor de livros pelas suas iniciativas, ideias e publicações ímpares, afirmando que gosta de imaginar livros que ainda não existem foi falando um pouco de si, do seu percurso e dos livros que foi fazendo ao longo do tempo. A ideia de “edições de luxo” com uma tiragem exígua que correm o risco de se tornarem raras, grandes formatos e livros que dialogam entre as artes plásticas e a escrita são a imagem de marca da sua editora “Modo de Ler”.

Interrogado sobre o seu lado comemorativo e sobre as homenagens que tem feito pouco a pouco a várias personalidades do Porto e não só, segue-se uma resposta citando os múltiplos livros dedicados a Eugénio de Andrade, com particular paixão por “Uma prenda para Eugénio com algumas túlipas”,



FIG. 2 – Retratos presentes na Galeria de Retratos na Reitoria da Universidade do Porto.
Imagens cedidas pelo Gabinete de Comunicação U. Porto.

DA ESQ. PARA A DIR., DE CIMA PARA BAIXO

Gomes Teixeira, por Abel Moura
 Cândido de Pinho, por Agostinho Salgado
 Augusto Nobre, por Abel de Moura
 Alfredo de Magalhães, por Agostinho Salgado
 Sousa Pinto, por Joaquim Lopes
 Alberto Plácido, por Carlos Carneiro
 José Pereira Salgado, por Abel de Moura
 Adriano Rodrigues, por Abel de Moura
 Amândio Tavares, por Agostinho Salgado
 Manuel Correia de Barros, por António Figueiredo
 António de Sousa Pereira, por Guilherme Camarinha
 Ruy Luís Gomes, por Amândio Silva
 Manuel da Silva Pinto, por Fernando Rosário
 Campos e Matos, por Júlio Resende
 Luís de Oliveira Ramos, por Amândio Silva
 Alberto Amaral, por Dario Alves
 José Novais Barbosa, por Dario Alves
 Marques dos Santos, por Luís Miguel Alcide d'Oliveira

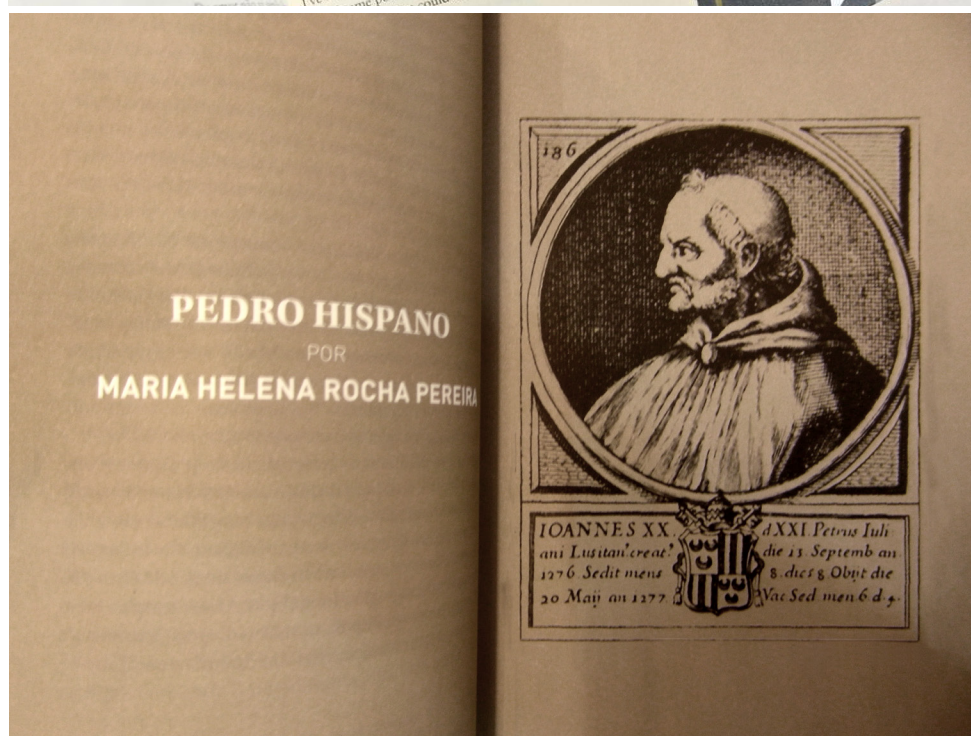


FIG.3 (topo) – Capa e pormenor interior do livro “Lisbon Poets” ilustrado por André Carrilho e editado pela “Lisbon Poets & Co” em 2015.

FIG.4 (baixo) – Pormenor do miolo do livro “21 personalidades do séc. XX/XXI escolhem as vinte e uma personalidades portuguesas do milénio”, editado pela editora “Modo de Ler” em 2014.

mas também o mais recente “21 personalidades do séc. xx/xxi escolhem as vinte e uma personalidades portuguesas do milénio”, projeto onde selecionando figuras e amigos pelos quais nutre apreço cria uma História de Portugal através de 42 grandes personalidades. Em termos de objetos gráficos realça o trabalho de Armando Alves e de Rui Mendonça nos projetos mais recentes e ambiciosos, salientando que também tem vindo a recorrer ao estúdio “Duotone – Comunicação e Imagem” para livros de pequenos formatos e edições mais simples.

É também de destacar a importância que dá à criação de livros sobre a cidade, numa atitude de homenagem e divulgação desta para com público em geral. Durante a visita à sua livraria mostrou-nos a prateleira onde na época que antevê o Natal expõe as suas edições mais limitadas, os livros objeto que se tornam prendas especiais. São cerca de 20 livros. Livros de grandes formato, com caixas e acabamentos especiais. Henrique Pousão, António Cruz, Agustina Bessa-Luís e inevitavelmente Eugénio de Andrade são alguns dos artistas e poetas que completam a mesa.

Visto isto, podemos então considerar que existem vários artefatos com objetivos algo semelhantes ao nosso, contudo não foi encontrado nenhum que se debruce especificamente sobre o Porto e sobre personalidades das várias áreas de conhecimento ligadas à cidade, sendo obras ora demasiado genéricas com figuras nacionais e de todos os tempos, ora demasiado específicas, centrando-se em ramos e assuntos especializados.

1.2 Pertinência

No início de cada projeto torna-se sempre importante questionar se de facto ele será pertinente e que lugar ocupará. Na revisão da literatura percebemos que não existem muitos projetos com este objetivo específico, sendo que sobre o Porto não encontramos mais do que livros centrados em áreas restritas. No entanto será que este projeto irá preencher mesmo alguma lacuna? Será que a cidade tem esta necessidade? Será que essa lacuna precisa de ser preenchida? Qual é o seu interesse e o que virá acrescentar?

Afim de perceber até que ponto este projeto é necessário começou-se por realizar uma série de inquéritos, (anexo 1), à população em geral. Aqui foi importante não só perceber as figuras de excelência frequentemente apontadas, mas também aquelas que muitas vezes são esquecidas. O inquérito centrou-se em duas partes onde se questionava quais as personalidades de relevo da cidade do Porto, assim como sua respectiva profissão, separando os vivos dos falecidos.

De forma a conseguir ampliar os resultados e analisar nichos e grupos etários diferentes o inquérito foi realizado em vários espaços, ora de forma presencial, ora online através da plataforma *Google Forms*, vejamos:

Inquéritos Presenciais:

Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto
 Associação Agitar
 Universidade Sénior de Arte e Cultura do Porto
 Campo 24 de Agosto
 Estação Ferroviária de Porto – Campanhã
 Foz do Rio Douro
 Rua de Santa Catarina, Porto
 Norteshopping
 Praça D. João I, Porto
 Rotunda da Boavista, Porto
 Parque da Cidade, Porto

Online:

Escola Artística de Soares dos Reis
 Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
 Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
 Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto
 Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
 Faculdade de Direito da Universidade do Porto
 Faculdade de Economia da Universidade do Porto
 Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto
 Faculdade de Letras da Universidade do Porto
 Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
 Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto
 Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

No total foram realizados centenas de inquéritos, onde a resposta em branco ou “*Não sei*” se mostrou predominante embora cada pessoa tenha dedicado, em média, 5/15 minutos para a mesma. Na análise dos inquéritos, podemos encontrar a citação a muitas figuras diferentes, sendo notório um maior reconhecimento na área das artes onde foram discriminados a maioria nomes. Álvaro Siza Vieira é inquestionavelmente a figura mais reconhecida pelo público em geral com aproximadamente um terço das pessoas a selecioná-lo com uma figura de excelência da cidade, seguido de Pinto da Costa apontado por cerca

de uma centena de inquiridos. Para uma observação mais cuidada dos dados, assim como a lista total de personalidades citadas ver anexo 2.

O que podemos concluir é que figuras menos mediáticas relacionadas com as ciências sociais ou as ciências naturais acabam por ser desconhecidas ou ficar esquecidas pela maioria da população inquirida. Para além disso, muitas das vezes os inquéritos são preenchidos apenas com 3 ou 4 nomes relevando um interesse particular numa área específica ou personalidades em voga durante as semanas em que o questionário foi realizado. Exemplo disso é Paulo Cunha e Silva, um nome completamente ausente até à data da sua morte e presença constante nas semanas seguintes.

Para além de inquirir a população em geral tornou-se importante realizar o inquérito a algumas personalidades ligadas à cultura do Porto, inquirir os pares e perceber a que a figuras reconhecem importância e relevância na cidade. Tentou-se chegar a pessoas de diferentes áreas, desde a gestão cultural ao desporto, das artes à política, contudo embora tenhamos recebido muitas respostas positivas, houve muitos inquéritos que acabaram não chegar até nós por questões de tempo e disponibilidade. Observando as respostas recebidas, podemos entender várias posturas, houve os que só indicaram os falecidos ou só os vivos, ou outros ainda que como Adriano Nazareth citaram alguns nomes no ar mas realçaram a relatividade da questão. *“As pessoas flutuam, daqui a 200 anos ninguém se vai lembrar de nós, serão outros os de relevo. Depende da circunstância, do espaço e do tempo.”* Sentimos que dada a sensibilidade da questão, embora assegurando o anonimato da resposta, houve alguma reticência nestas respostas.

Assim acreditamos que o projeto é essencial para a cidade e para as pessoas que a habitam e visitam. Dar a conhecer personalidades de sucesso em vários ramos profissionais contribuirá para a valorização da cidade e das pessoas que nela vivem.

1.4 O Retrato: Síntese histórica

Desde o início da humanidade que o retrato ganha importância enquanto criador de memórias, ao longo dos séculos vai tomando diferentes formas e percorre toda a história da arte. José Gil em “A Arte do Retrato – Quotidiano e circunstância” faz-nos notar que em “História Natural” de Plínio o retrato é colocado em relação direta com o mito que dá origem à pintura, vejamos que *“Ao utilizar também a terra, o ceramista Butades de Secione foi o primeiro a descobrir a arte de modelar os retratos em argila; passava-se isto em Corinto, e ele deveu a sua*

invenção à filha que se tinha enamorado por um rapaz; como este ia partir para o estrangeiro, ela contornou com uma linha a sombra do seu rosto projetada na parede pela luz de uma lanterna; o seu pai aplicou argila sobre o esboço, e fez um relevo que pôs a endurecer ao fogo com o resto das suas cerâmicas, depois de o ter secado.” (Pereira, 1999: 11).

Aqui sentimos já uma ligação e uma necessidade do retrato aliado à ideia de conservar a presença de alguém, o perpetuar da memória, não deixando de ser curioso como se justifica o aparecimento da pintura por esta necessidade maior de imortalizar uma pessoa. O retrato é *a priori* a forma mais direta de representar alguém, sendo por isso essencial partir de uma análise àquilo que o constitui assim como à sua evolução temporal para perceber estratégias e hipóteses de trabalho.

Em termos históricos as opiniões dividem-se, sendo que enquanto muitos consideram que o retrato em termos concretos foi inventado no Renascimento, uma vez que até aí o retrato pintado e comissariado por alguém é escasso ou mesmo quase ausente, a verdade é que encontramos o primeiro desenho de uma cara humana na Idade do Gelo. Em 2006 perto de Angoulême foi descoberto aquele que até agora se considera a representação mais antiga de um rosto humano com cerca de 27 mil anos.³ Por isso tudo depende da definição que atribuímos ao retrato. Ora então, o que é um retrato?

Atendendo ao “Dicionário Integral da Língua Portuguesa”:

Retratar *v. Tr.* 1. fazer o retrato de 2. tirar a fotografia a 3. fotografar, pintar ou desenhar a figura ou imagem de 4. (*fig.*) descrever com exatidão 5. revelar, deixar transparecer 6. mostrar 7. *v. Refl.* refletir-se 8. espelhar-se 9. revelar-se 10. mostrar-se 11. transparecer

Já no “Dicionário Priberam da Língua Portuguesa”:

Retrato *s. M.* 1. imagem (de pessoa) reproduzida pela pintura, pelo desenho ou pela fotografia 2. imagem fotográfica, fotografia 3. semelhança 4. descrição de um carácter, de uma época, etc.

³ Adam Sage, *Cave face the oldest portrait on record*,
<https://web.archive.org/web/20080724131845/> (19/12/2015)



FIG. 5 (topo) – Joseph Wright of Derby, *The Corinthian Maid*, c.1782(?)
 óleo sobre tela, 106.3 x 130.8 cm, National Gallery of Art, Washington.

FIG. 6 (baixo) – Joseph-Benoît Suvée, *Invention of the Art of Drawing*, 1791
 Groeninge Museum, Bruges.

Exemplos da representação do mito do ceramista Butades de Secione,
 da origem da pintura e do retrato, contado na “História Natural” de Plínio.

Para além disso, na definição do “The Columbia Electronic Encyclopedia” encontramos uma descrição mais lata que nos fornece mais alguma informação ligada ao seu conceito:

Retrato, a arte de representar a semelhança física e psicológica de um indivíduo real ou imaginário. Os principais meios do retrato são a pintura, o desenho a escultura e a fotografia. Desde o primórdio dos tempos que o retrato é considerado um meio para a imortalidade. Muitas culturas atribuíram-lhe propriedades mágicas: simbolizando majestade ou autoridade, substituição presencial de uma pessoa falecida ou furto da alma da pessoa viva.

O retrato na sua definição literal está então, naturalmente, muito ligado à ideia de semelhança e descrição, mas a noção de revelar e transparecer aliada à representação não só física mas também psicológica que a enciclopédia “The Columbia” sugere, deixa-nos algumas questões. O retrato partirá sempre de rosto, já que nenhuma das três definições acima o indica diretamente? De que forma a magia que a última definição sugere poderá transparecer? A imortalidade é uma constante em vários textos e observações sobre este conceito, sendo uma ideia chave para o projeto, uma vez que o que queremos é de alguma forma imortalizar e tornar visíveis aqueles que se destacam na cidade do Porto, qual será a melhor forma de o fazer?

Etimologicamente o retrato está ligado à ideia de voltar atrás, tendo origem no latim *retractus*, particípio passado de *retrahere*, onde *re* significará a noção de “para trás” enquanto que o *trahere* se ligará a “tirar, puxar”, é assim neste *retrahere* que encontramos uma origem mais diretamente ligada à imortalidade, à ideia de trazer de novo a luz e fazer reviver alguma coisa, poderemos então dizer que mais do que uma expressão e um conceito, a imortalidade poderá ser literalmente uma descrição da palavra.

Contudo, tal como Shearer West argumenta na sua obra “Portraiture”, os retratos não deverão ser vistos só sobre o ângulo da semelhança e parelha, pois são obras de arte que se relacionam com a ideia de identidade e de como esta é percebida e representada em diferentes tempos e espaços. Identidade poderá ter a ver com carácter, personalidade, presença social, profissão, idade e género do retratado, aspetos estes que não podem reproduzidos mas apenas sugeridos e evocados.

Assim, a definição de retrato embora aparentemente óbvia e clara, não será assim tão evidente e objetiva como poderemos *a priori* pensar, “*enquanto que um retrato poderá estar concentrado na semelhança física de uma pessoa, também poderá representar a sua posição social ou “vida interior”, carácter e virtudes.*” (West, 2004:21).



FIG. 7 – The Librarian, Giuseppe Arcimboldo, c. 1566(?), óleo sobre tela, 71 x 97 cm
Skoklosters Slott, Bålsta, Suécia.

Nesta obra Arcimboldo cria formas mais abstratas e menos literais, enquanto que noutras obras utiliza as formas e curvas da própria para criar as formas do rosto, aqui um livro aberto é cabelo, chaves são olhos, marcadores de livro são dedos. Dir-se-á também, que a pilha de livros que forma toda a personagem será metáfora para a quantidade avultada de obras que Wolfgang Lazius produziu no seu tempo.

Também Richard Brilliant, em “Portraiture”, diz-nos que “*a verosimilhança, enquanto conceito, tem os seus limites no retrato; é uma característica muito comum nos retratos (...), mas nem todas as imagens que se parecem com alguém, devido a um intenso grau de realismo descritivo, são necessariamente, e por esse motivo, um retrato.*” (Brilliant, 2008:72). Lembrando também em “Portraits: The Limitations of Likeness” que “*para Cícero o retrato deverá ser sobre a semelhança não da alma mas do corpo enquanto que para Augustinian William de St. Thierry, a semelhança é uma relação puramente espiritual.*” (Brilliant, 1987:172)

Sendo Quigley que nos dá ainda outra perspectiva, afirmando o retrato como uma forma de investigação narrativa, onde o investigador usa ferramentas qualitativas de forma determinada e sistemática para descrever um fenómeno, enquanto usa a beleza e as propriedades estéticas da arte. (Quigley, 2013:841). Assumiremos então que para o nosso estudo o retrato será sobretudo sobre identidade, sobre quem é aquela pessoa, sobre o que a distingue para além do rosto, o que a faz diferente e sobretudo para o nosso caso, o que a faz relevante entre os demais.

Embora na Época Clássica o retrato seja sobretudo usado na arte pública, é na Roma Antiga que o retrato começa a ser mais individualizado, com particular foco nos bustos, que para além da função política que desempenhavam ao ser espalhados pelo império e celebrar o poder de Roma, também se tornavam objetos importantes no espaço privado.

Posteriormente, embora no Egito encontremos exemplos nos sarcófagos e bustos, como por exemplo os “Retratos de Faium”, a sua presença sofre um decréscimo a partir da época helenística e não é muito notória até ao século xv, onde assistimos ao início de um dos grandes apogeus do retrato. Leonardo Da Vinci, Rafael, Jan van Eyck ou Holbein são alguns dos nomes que podemos começar por destacar. Monarcas e eclesiásticos, mas também nobres fora da corte como comerciantes, alfaiates e outros, começam a ser objeto de retrato para si e para as suas famílias. Giuseppe Arcimboldo, conhecido pelas suas composições com objetos inanimados foi um dos retratistas oficiais da corte de Viena e embora poucos dos seus retratos mais clássicos tenham chegado até aos dias de hoje é nos rostos construídos com vegetais, plantas, frutas, criaturas marinhas, entre outros, que reside a sua fama e o nosso interesse.

Cada objeto é colocado e pensado de acordo com a caracterização que se pretende dar ao personagem, neste sentido o exemplo mais comum será a obra “O bibliotecário”, onde na sua composição com livros se crê criticar a sociedade da altura e a forma como esta colecionava livros em vez de os ler, contudo em 2005, o historiador Sven Alfons afirma que se trata especificamente de um retra-

to de Wolfgang Lazius. (Kaufmann, 2010: 253) Não o reconheceremos pela sua semelhança física, mas será isso importante?

No século XVI o retrato começa também a ganhar terreno na teoria da arte, e é aqui que encontramos o tratado de Francisco de Holanda, “Do tirar polo natural”, publicado em 1548, considerada a primeira obra totalmente dedicada ao tema. Aqui, é descrita uma conversa entre Fernando e Braz Pereira, que terá tido lugar curiosamente aqui, na cidade do Porto. É discutida a prática do retrato ao vivo, a fisionomia da face humana assim como alguns conselhos sobre o próprio desenho, desde a boca, os olhos, o perfil do nariz, as sobrancelhas, as orelhas, o corpo e a vestimenta. Francisco de Holanda refere também o poder do retrato e como só os ilustres merecem ser retratados para a memória eterna, acentuando a dificuldade do retrato perfeito. Segundo o autor, “*o grande officio de imitar ao sumo de Deus nas suas obras, e o mandar à memória um príncipe ou pessoa digna de merecimento (que estes sós são os que merecem ser ao natural terladados, e mostrados ao mundo), se não deve fiar senão de um eminente e singular desenhador.*” e “*... como são poucos os merecem ao natural serem terladados, assim hão-de ser poucos os eminentes pintores, que tenham a ousadia de tirar ao natural um claro e ínclito rei, que não nasce em muitos anos, porque em outros tantos nasce um pintor para nobremente pintá-lo.*” (Holanda, 1984: 15)

Aqui, realça-se então a relação entre o retrato e as figuras de excelência para além de mais uma vez se acentuar a importância da semelhança física, um exemplo paradoxal com a pintura de Arcimboldo descrita anteriormente. Embora contemporâneos, Arcimboldo é já um maneirista e anteveria já um pouco a reviravolta que o conceito de retrato teria até aos dias de hoje. Não obstante, é sobretudo esta a dicotomia transversal que encontramos ao longo da história. O que é mais importante? A aparência física ou psicológica? Como aliar as duas? Quando uma se deve sobrepor à outra?

Até ao início do século XIX esta temática mantém-se na sua maioria muito ligada ao realismo, embora se dêem algumas alterações relevantes na sua história, nomeadamente o aparecimento de retratos de pessoas anónimas e de classe-média, enfatizando um lado mais humano e incluindo detalhes do quotidiano. “A Leiteira” de Vermeer, será talvez uma das obras mais conhecidas, passando depois também por Gustave Courbet, Jean-François Millet ou Honoré Daumier que se debruçavam já sobre as classes trabalhadoras e mais desfavorecidas.

É após a revolução industrial que começamos a ver grandes alterações causadas pelo aparecimento da fotografia, mas também pelas novas correntes artísticas que recusam a mimésis. Vejamos que, com a invenção da fotografia em 1820, surgem muitos fotógrafos que fazem do retrato a sua profissão, de forma rápida e com verossimilhança assegurada esta técnica rapidamente se torna um

sucesso. Assim sendo, parte dos pintores retratistas tenderam a explorar outras formas e a libertar-se do realismo ambicionado até aqui. Surgem nomes como Gustave Klimt, Picasso e Matisse, que não rompendo com a tradição representativa fogem já da tradição mimética, seja através da linha, das cores ou da luz.

Contudo muitos outros arriscaram em retratos mais abstratos e não-representativos, como é o caso de Katherine Dreier ou Charles Demuth. Demuth, inspirado pelos cubistas e futuristas, cria uma série de “Retratos Poster” em honra de alguns dos seus amigos, artistas e escritores, como Marsden Hartley ou Georgia O’Keeffe, onde utiliza objetos, palavras e caracteres para transmitir vida em vez de procurar a parecença dos retratados.

Em “I Saw the Figure 5 in Gold”, um dos exemplos mais famosos, Demuth representa o seu amigo William Carlos Williams, ilustrando um poema que o próprio retratado teria escrito, adicionando o seu nome no meio da composição. Em baixo podemos ver as iniciais (wcw), a sua alcunha em cima (Bill) e o seu nome do meio enleado ao centro da imagem. Em “Love, Love, Love” o artista retrata Gertrude Stein, a escritora, poeta e feminista que usava frequentemente a repetição na sua obra literária. Já na sua homenagem a Arthur Dove, pintor americano, recorre não só ao tema da natureza utilizado pelo amigo, como também brinca com uma fita vermelha amarrada ao cabo de uma foice, uma referência subtil ao relacionamento que Arthur Dove teria com Helen Torr, que sendo ruiva era tratada por “Reds”. Em “Poster Portrait of Georgia O’Keeffe”, trabalha sobretudo na composição tipográfica e brinca com o facto de o público muita vezes não saber quantos “e” e “f” tem o sobrenome da artista. Os retratos de Demuth são então constituídos não só por referências ao universo do retratado, mas também subtilmente repletos de brincadeiras pessoais que teria com os mesmos.

A pintora americana Katherine Dreier, uma modernista que defendia o retrato não-objetivo, acreditava também que a representação mimética seria uma maneira imperfeita para transmitir a essência de uma pessoa e que em vez disso os retratistas deveriam usar a forma e a cor como meio para evocar, em vez de descrever, as qualidades do retratado. (West, 2004:200)

Continuando a percorrer a evolução histórica do retrato, em Portugal destacam-se António Carneiro, que reproduz uma quantidade notável de retratos a óleo no Porto, modelando a luz criteriosamente mas mantendo a veracidade e semelhança do retrato e Rafael Bordalo Pinheiro com a caricatura já nos finais do século XIX.

Durante no século XX, o retrato entra mais do que nunca na dicotomia do mimético/não-mimético, para além da escultura, pintura e desenho, começam a surgir trabalhos multimédia, com recurso a materiais menos óbvios para um



FIG. 8 (topo esq.) – Charles Demuth, *I Saw the Figure 5 in Gold*, 1928, óleo sobre cartão, 90.2 x 76.2 cm, The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque

FIG. 9 (topo dir.) – Charles Demuth, *Love, Love, Love*, 1929, óleo sobre painel, 51 x 53 cm, Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid

FIG. 10 (baixo esq.) – Charles Demuth, *Poster Portrait of Arthur Dove*, 1924, óleo sobre painel, 57.2 x 67 cm, Arquivo Alfred Stieglitz/Georgia O'Keeffe, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade de Yale, Connecticut.

FIG. 11 (baixo dir.) – Charles Demuth, *Poster Portrait of Georgia O'Keeffe*, 1924, óleo sobre tela, 59 x 48 cm, Arquivo Alfred Stieglitz/Georgia O'Keeffe, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade de Yale, Connecticut.

Conjunto de retratos da série “Poster Portraits” de Charles Demuth.

retrato, sendo que o principal objetivo do meio passa a ser uma vontade de revelar algo mais sobre a vida em si. Shearer West exemplifica com Tracey Emin, uma artista que utiliza o autorretrato de uma forma pouco convencional, explorando a ideia de identidade e história, questionando a própria função do autorretrato e revelando detalhes sobre a sua vida privada ao invés de explorar a sua imagem física.

José Gil alerta-nos para ideia comum de que a arte moderna matou o retrato, contudo ressalva que não é certo que assim seja, uma vez que na primeira metade do século XX o retrato mantém a sua tradição mas modifica-a profundamente, afirmando então que “*a arte do retrato ainda está por (re)inventar.*” (Pereira, 1999: 27).

Em “*Illustration Now! Portraits*” Steven Heller também se debruça sobre o tema, focando-se desta vez no retrato ilustrado, questionando quem é que não conhece o retrato de Bob Dylan da década de sessenta realizado por Milton Glaser ou o mais recente retrato de Obama ilustrado por Shepard Fairey?

O autor alerta para as dificuldades que uma cara famosa acarreta afirmando que o ilustrador deve impregná-la de novos sentidos e afastá-la da sua pose tradicional. Este livro resulta de uma coleção de retratos ilustrados para fins editoriais, publicitários ou expositivos, são retratos contemporâneos e todos eles representam de forma mais realista ou abstrata o rosto dos seus alvos. André Carrilho ou Hanoeh Piven são destacados pela forma como se afastam do fotorrealismo e têm a capacidade de brincar com as formas de maneira a intensificar a experiência visual acrescentando sentimentos e elementos biográficos. (Wiedemann, 2011:20)

Citando Salvador Dali, que dizia “*nunca pinto um retrato para que o mesmo se assemelhe ao retratado*”, e Umberto Boccioni “*um retrato, para ser uma obra de arte, não pode representar o sujeito retratado... importa, isso sim, pintar a sua atmosfera.*” Steven Heller leva-nos a questionar não o que é o retrato, mas o que é um bom retrato. (Heller, 2016:16). Afirmando depois que este deve servir para acrescentar informação sobre o retratado ou sobre a temática em que este se integra.

O retrato continua então a ser uma ferramenta atual e pertinente. Yuri M. Lotman considera que “*o retrato é o género mais natural da pintura, e em teoria, o que menos precisa de uma justificação teórica.*” (Lotman, 2011:25), contudo ele continua a ser fonte de discussão, exploração e pensamento, talvez porque como José Gil nos disse o retrato ainda está por (re)inventar.

Presentemente podemos considerar que se procura uma semelhança mais identitária do que física. Não é o fotorrealismo que interessa, mas sim, essa ideia de identidade que engloba a personalidade, o carácter, a profissão e muito mais. Porque o retrato deverá ser uma expressão do ser, sendo que a grande



FIG. 12 (topo) – Tracey Emin, *Everyone I Have Ever Slept With*, 1995, instalação, 122 x 245 x 215 cm, The Saatchi Gallery, fotografia de Stephen White.

FIG. 13 (baixo esq.) – Shepard Fairey, *Hope*, 2008, digital.

FIG. 14 (baixo dir.) – Milton Glaser, *Dylan*, 1966, litografia offset, 83.8 x 55.8 cm, The Museum of Modern Art, Nova Iorque.

questão será sobre o que nos faz ser quem somos e de que forma isto poderá ser representado visualmente ou mesmo além disso.

1.5 Casos de estudo

Para além de analisarmos autores que se têm dedicado especificamente ao retrato ilustrado, foi realizada uma análise aos catálogos e às obras apresentadas no âmbito da Bienal Ilustrarte. Embora a bienal seja dedicada à infância e não seja esta a meta a que nos propomos, a mostra traz-nos um panorama da ilustração contemporânea internacional, onde vários estilos, técnicas e temas são retratados, sendo que a posterior visita à bienal deste ano nos iria trazer a mais valia de poder observar os trabalhos originais dos 50 artistas selecionados.

No historial de ilustrações selecionadas ao longo dos anos interessou-nos o carácter autoral dos desenhos, as técnicas utilizadas e as opções formais tomadas. Observando os catálogos, percebemos que embora o retrato em si mesmo não seja uma vertente maioritariamente explorada, existe um grande número de personagens ilustradas e enfoque no rosto que se tornariam úteis na paleta de referências para o projeto. No retrato propriamente dito destacamos o trabalho da ilustradora belga Ingrid Godon, “Retratos”, apresentado na Bienal de 2007. Já em termos de personagens e rostos, podemos ver por um lado as ilustrações de Sonja Danowski, “Sonhadores de Cachimbo”, onde observamos um caminho próximo do realismo, no catálogo de 2009, ou os rostos “Sem Título” de André Letria, que seguem um caminho mais sintético, abstrato e conceptual, neste caso em 2005, sendo que esta é uma dualidade de estilos e opções naturalmente presente ao longo dos anos.

Na mostra deste ano não encontramos retratos, contudo procurou-se, sobretudo, perceber opções gráficas e de desenho que pudessem ser relevantes para o projeto, atentando nos ilustradores mais consagrados mas também nos ilustradores mais jovens.

Quatro dos ilustradores apresentam trabalhos digitais, 27 expõem técnicas mistas, enquanto que os restantes 31 salteiam entre grafite, lápis de cor, canetas de feltro, serigrafia, bordado, gravura, litografia, carimbos, guache, acrílico, óleo e colagem.

Salientamos Ana Bustelo, pela colagem de papéis com diferentes cores e texturas aliados aos recortes fotográficos, que nos mostram figuras desenhadas em ações quotidianas. As figuras aparecem saturadas, quase sempre a preto e branco com um ou outro pequeno realce a lápis de cor, contrastando com as cores do papel. Anna Martinucci, pelas formas abstratas desenhadas a grafite



FIG. 15 (topo esq.) – André Carrilho, *Alicia Keys*, c. 2010(?), digital, La Luna de Metropoli, El Mundo.

FIG. 16 (topo centro) – André Carrilho, *Tom Waits*, 2011, digital, Word Magazine.

FIG. 17 (topo dir.) – André Carrilho, *Tiago Miranda*, c. 2010(?), digital, Flyer Lux.

FIG. 18 (baixo esq.) – André Carrilho, *Jimi Hendrix*, 2007, digital, Cotrim, João Paulo, *André Carrilho - O Rosto do Alpinista*, Lisboa: Assírio&Alvim, 2007.

FIG. 19 (baixo centro) – André Carrilho, *Pete Seeger*, 2009, digital, Suplemento ABC, The Independent.

FIG. 20 (baixo dir.) – André Carrilho, *Keith Richards*, c. 2010(?), digital, Suplemento ABC, The Independent.

Conjunto de ilustrações músicos, retratados por André Carrilho, são exemplos onde se destaca a semelhança de fundo sólido e a presença do instrumento.

sobre papel, lembrando a tradição de M.C. Escher, criando ilusões ópticas e jogos de perspectiva que criam narrativas com recurso ao espaço vazio. Mas também Fabienne Cinquin pelas suas fadas, criadas com recurso a recortes, onde posteriormente é aplicado desenho a tinta vermelha, negra e branca. São interpretações de fadas contemporâneas e tal como em Ana Bustelo há uma referência ao quotidiano, seja pelas roupas ou pelas posições e ações das personagens. Interessa-nos a apropriação do recorte, a ilustração que serve de base e se transforma numa outra pelas relações de contacto entre figuras, pelo desenho posterior da ilustradora que ora escolhe esconder ora escolhe destacar diferentes zonas. As caras são quase sempre escondidas por máscaras que aludem ao mundo fantástico e que tapam a identidade que a ilustração de outrora trazia consigo. Sobretudo em termos técnicos interessou-nos observar também o tipo de traço a grafite que Daniel Moreira, Matteo Pagani e Sylvie Bello revelaram nas suas obras.

Focando novamente no retrato especificamente, vejamos a obra de três ilustradores contemporâneos que nos parecem pertinentes:

1.5.1 André Carrilho

André Carrilho, um dos mestres do cartoon e caricatura portuguesa, nasce em 1974 em Lisboa, trabalhando desde 1992 como designer e ilustrador. O seu primeiro trabalho foi uma caricatura para o jornal “Ponto Final” do Ex-Governador de Macau, Rocha Vieira, ilustrado com o cabelo de Mao Tsé-Tung. A partir daí e até hoje foi marcando o nome em revistas e jornais como a “New Yorker”, a “Vanity Fair”, a “New York Magazine”, o “The Independent”, o “Sunday”, ou os portugueses “Público”, “Expresso” e “Diário de Notícias”.

Diz que a caricatura é um jogo visual com os elementos denominantes num rosto, sendo depois um trabalho de exagero, simplificação e contraste. O computador permitiu-lhe experimentar coisas novas como uma *assemblage* de técnicas sem restrições que viria a resultar na maioria dos trabalhos que apresenta atualmente.

O retrato de Peter O’Tolle valeu-lhe o primeiro trabalho de relevância com uma publicação internacional, o jornal inglês “The Independent”, a partir daí as composições dinâmicas, as figuras sinuosas e esguias começaram a ser parte do seu dia-a-dia.

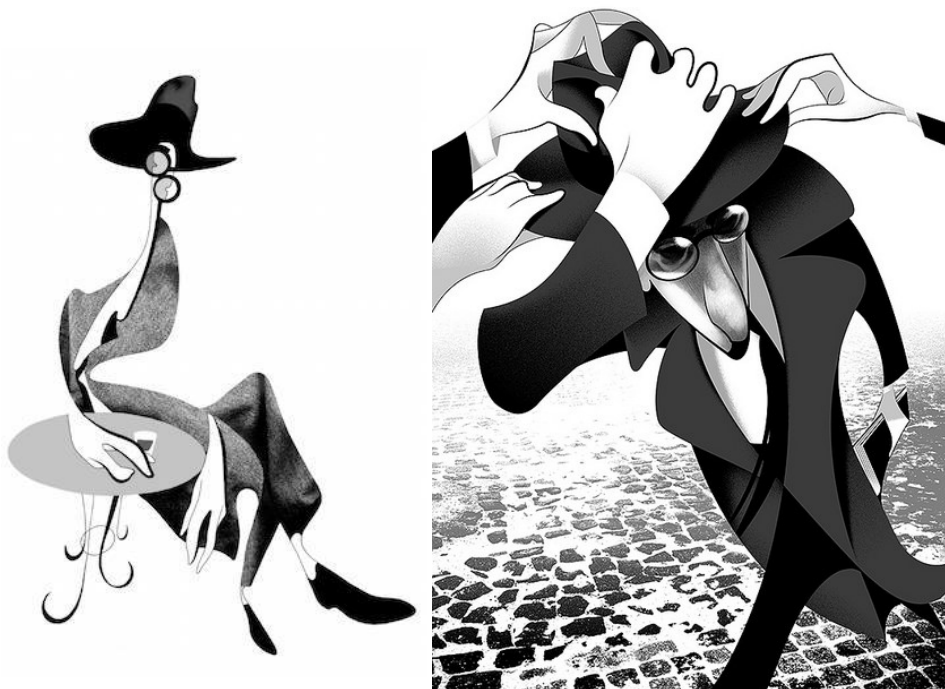


FIG. 21 (esq.) – André Carrilho *Fernando Pessoa*, c. 2010(?), digital,

FIG. 22 (dir.) – André Carrilho, *Fernando Pessoa*, 2015, digital,
AA.VV. *Lisbon Poets*, Lisboa: Lisbon Poets & Co, 2015.

Fernando Pessoa já foi várias vezes ilustrado por André Carrilho,
contudo seleccionámos estes dois exemplos. Por um lado o poeta surge sentado e descontraído.
Apesar da ausência de cenário sentimos que através da mesa ele existe,
será o tão típico café onde Pessoa deambulava.
Por lado, vemos o poeta de livro na mão a correr atribulado.
Há aqui uma referência aos heterónimos em todas as mãos que tentam roubar o chapéu.
No chão vemos calçada portuguesa e percebemos Lisboa.
Fernando Pessoa é um dos mais icónicos escritores portugueses
e poderemos dizer que quase que bastarão os óculos redondos, o chapéu e o bigode,
para que grande parte da população consiga discernir a sua identidade.



FIG. 23 (topo esq.) – André Carrilho, *Florbela Espanca*, 2015, digital, AA.VV., *Lisbon Poets*, Lisboa: Lisbon Poets & Co, 2015.

FIG. 24 (topo dir.) – André Carrilho, *Luís de Camões*, 2015, digital, AA.VV., *Lisbon Poets*, Lisboa: Lisbon Poets & Co, 2015.

FIG.25 (baixo esq.) – André Carrilho, *Mário de Sá Carneiro*, 2015, digital, AA.VV., *Lisbon Poets*, Lisboa: Lisbon Poets & Co, 2015.

FIG. 26 (baixo dir.) – André Carrilho, *Cesário Verde*, 2015, digital, AA.VV., *Lisbon Poets*, Lisboa: Lisbon Poets & Co, 2015.

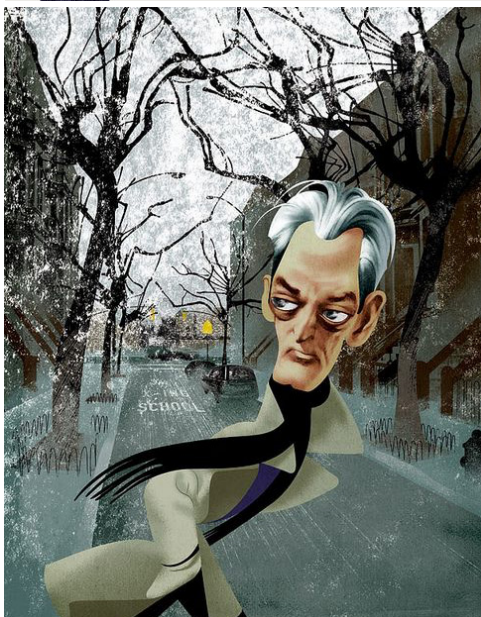


FIG. 27 (*topo esq.*) – André Carrilho, *Peter O'Toole*, 2001, digital, The Independent.

FIG.28 (*topo dir.*) – André Carrilho, *António Lobo Antunes*, 2009, digital, The New Yorker.

FIG.29 (*baixo esq.*) – André Carrilho, *Paul Aster*, 2010, digital.

FIG.30 (*baixo dir.*) – André Carrilho, *Thomas Hampson*, 2014, digital, Departures Magazine.

Afirma que a semelhança é importante, mas quer mais do que isso, “*Se alguém pergunta, quem é este gajo?, significa que não está bem feita. É claro que me baseio na semelhança física. Mas depois extrapolo para expressões faciais, maneiras de estar, gestos, informo-me sobre vida e obra. Uma fotografia de passe não me diz nada sobre a pessoa.*”⁴

As suas caricaturas são na maioria das vezes de meio-corpo ou corpo inteiro, recorrendo ao lápis, às texturas da roupa e finalmente à cor digital. Por vezes existem ambientes de fundo, contextualizações de lugar, como António Lobo Antunes em Lisboa, ou Paul Auster numa rua sombria de Nova Iorque, mas também outros objetos, vejamos que os cantores e músicos surgem muitas vezes com microfones e guitarras e os desportistas em campo e em pleno movimento.

Já no caso dos retratos realizados para o livro “Lisbon Poets”, na página anterior, podemos observar, por exemplo, que Florbela Espanca é representada sentada num banco de jardim, rodeada de rosas, possivelmente simbolizando o carácter emocional e a condição sentimental dos seus poemas. Enquanto que Luís de Camões é retratado com a indumentária que o caracteriza, com o simbólico olho fechado e a coroa de louro. O cenário leva-nos a Lisboa e a uma Torre de Belém que se dirige diretamente à época e poesia do autor.

Não obstante na maioria das vezes, as ilustrações dedicam-se apenas ao rosto e à figura, surgem num trabalho não de mimética, mas de verosimilhança caricatural.

1.5.2 Frederico Babina

Frederico Babina nasce em 1969 em Bolonha, passando depois a viver em Barcelona desde 2007. É arquiteto e designer gráfico, sendo que o seu trabalho enquanto ilustrador se torna numa mistura dos dois. Segundo o próprio às vezes é arquiteto com uma paixão por ilustração e outras vezes é ilustrador com uma paixão por arquitetura, afirmando que um arquiteto tem de ser um bom ilustrador e que a habilidade é essencial para a comunicação visual. O desenho é o primeiro caminho para formar uma ideia, e as ideias podem ser formadas e mudadas através da ilustração.⁵ Muitos dos seus projetos são séries de retratos ilustrados com base na arquitetura e na forma dos edifícios, “ArchiDirector” por

⁴ André Carrilho, *André Carrilho*, 2006
<http://anabelamotaribeiro.pt/andre-carrilho-94445> (10/05/2016)

⁵ (s/a), *Designers // Federico Babina*,
<https://invasioni.net/2015/06/25/federico-babina> (14/06/2016)



FIG. 31 – Federico Babina, *Archidirector City*, 2015, digital.
<http://www.archidirectors.com>

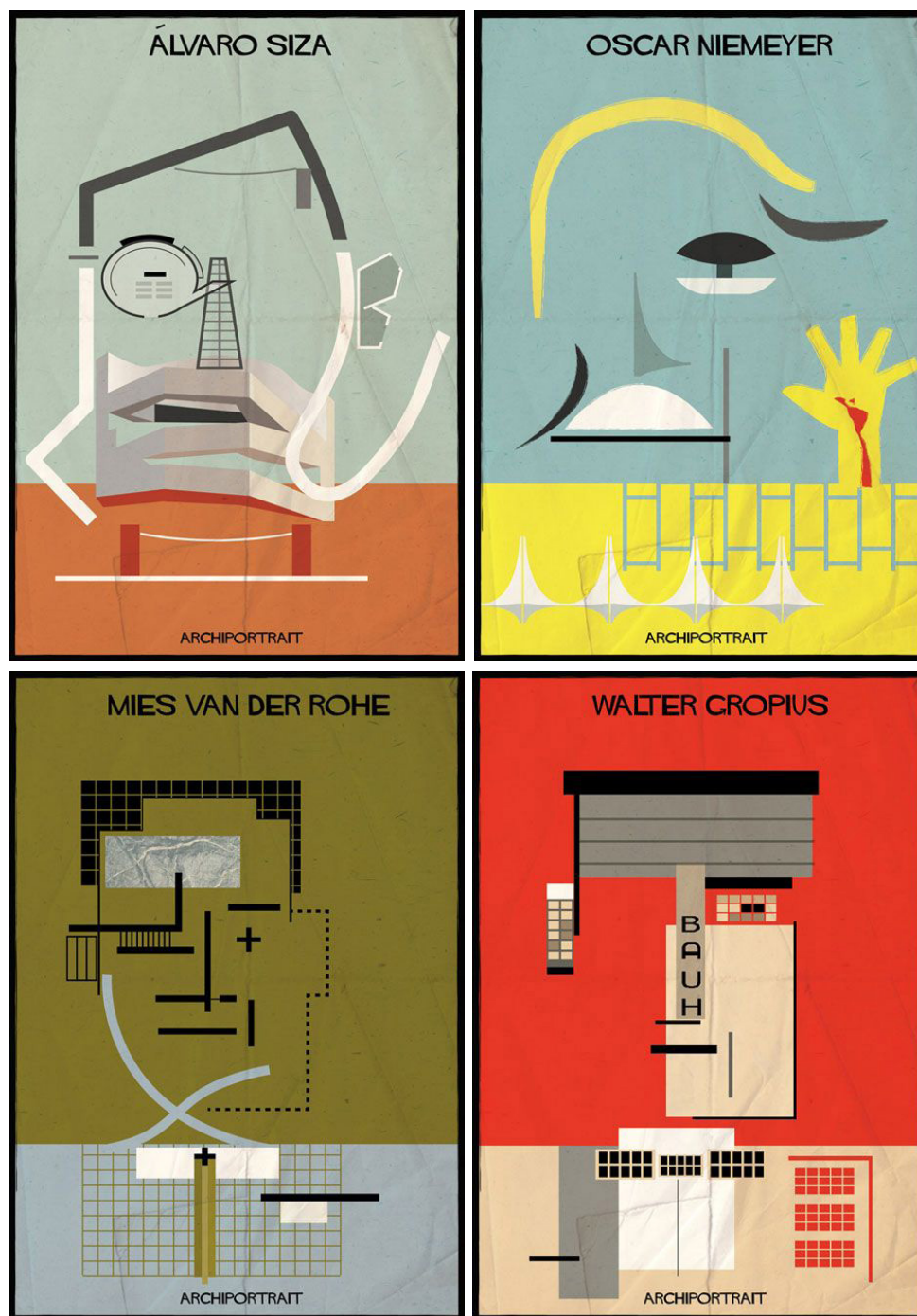


FIG. 32 – Frederico Babina, *ArchiPortrait*, 2014, digital.

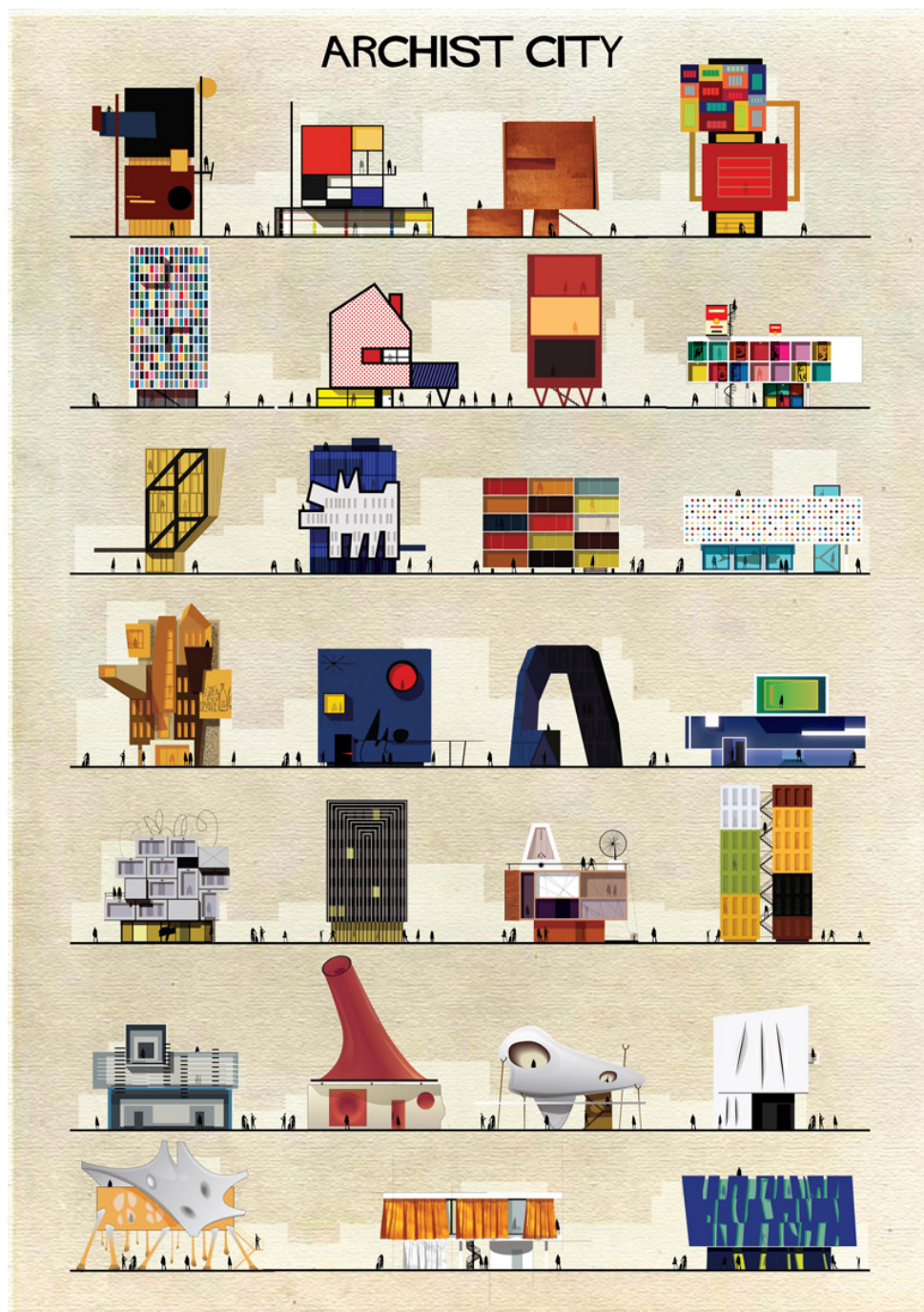


FIG. 33 — Frederico Babina, *Archist City*, 2014, digital.

exemplo, é uma série de 27 ilustrações inspirada na personalidade de realizadores de cinema como Wim Wenders, Charlie Chaplin, David Lynch ou Stanley Kubrik, refletindo nas construções a estética cinematográfica de cada um através da cor, do material e da forma. No caso de Kubrik podemos ver um edifício/nave entre a ideia de casa/robot que tenta demonstrar a atmosfera do realizador. Enquanto que para o caso de Chaplin, o ilustrador tenta criar uma casa que balance entre a era da máquina e do mundo mecanizado e a simplicidade de uma casa de madeira.

Já em “Inkonic Faces”, propõe um conjunto de 30 retratos simplificados baseados no rosto mas recorrendo a formas básicas e sobretudo à linha. Contudo o exemplo que mais nos interessa é aquele por que escolhemos este ilustrador como caso de estudo, diz respeito “ArchiPortrait”, um projeto assumidamente de retrato, onde 33 arquitetos são ilustrados recorrendo à forma dos seus edifícios e à sua iconografia pessoal. No caso de Álvaro Siza, por exemplo, encontramos os óculos e podemos discernir a barba na Fundação Iberê Camargo, em Walter Gropius há mesmo uma referência textual à Bauhaus e em Antoni Gaudí a Igreja da Sagrada Família marca presença. O autor diz-nos que um retrato deve ser o espelho da alma e as formas e geometrias desenhadas pelo arquiteto devem tomar lugar de destaque no desenho do seu rosto.⁶

O autor mostra-nos então dois caminhos possíveis, o primeiro no caso dos realizadores de cinema, onde faz um retrato não figurativo inspirado no mundo e na visão de cada um dos retratados. Possivelmente não adivinharíamos quem é quem facilmente se não houvesse uma legenda, mas tendo como objetivo uma homenagem e uma referência aos grandes nomes do cinema, não será a parecença a principal preocupação. A narrativa biográfica surge nas pequenas pistas que decoram a ação e tornam o projeto numa descoberta do mundo do cinema. Não bastarão as luzes da casa e o pássaro que voa para identificar o Hitchcock, ou o ambiente negro e mágico onde habita uma figura de pernas altas que lembra “O Estranho Mundo de Jack” para identificar Tim Burton? Para os conhecedores certamente que sim, para os outros provavelmente não...

No caso seguinte, “ArchiPortrait”, o autor toma um outro caminho. O caminho de um rosto, onde podemos assistir por vezes a alguma parecença física, podemos tentar vislumbrar uns óculos, uma barba ou um chapéu, mas o que fica é sobretudo a linguagem gráfica do retratado e sobretudo um edifício icónico que nos transporta rapidamente para o nome.

Frederico Babina explora assim um caminho mais abstrato e experimental do que André Carrilho, inserindo elementos da vida e trabalho profissional do

6 (s/a), *Archi_Portrait by Federico Babina*,

<http://www.urdesign.it/index.php/2014/04/02/archi-portrait-by-federico-babina/> (15/06/2016)



FIG. 34 (topo esq.) – Tullio Pericoli, *Charles Darwin*, 1986, aguarela e tinta sobre papel, 56 x 38 cm.

FIG. 35 (topo centro) – Tullio Pericoli, *Jean-Paul Sartre*, 1985, aguarela e tinta sobre papel, 56 x 38 cm.

FIG. 36 (topo dir.) – Tullio Pericoli, *Woody Allen*, 1987, tinta e aguarela sobre papel, 57 x 36 cm.

FIG. 37 (baixo esq.) – Tullio Pericoli, *James Joyce*, 1987, aguarela e tinta sobre papel, 61 x 38 cm.

FIG. 38 (baixo centro) – Tullio Pericoli, *Sigmund Freud*, 1986, aguarela e tinta sobre papel, 56 x 38 cm.

FIG. 39 (baixo dir.) – Tullio Pericoli, *Italo Calvino*, 1987, aguarela e tinta sobre papel, 56 x 38 cm.

autor retratado, oferecendo-nos uma outra dimensão mas deixando por vezes um pouco em aberto a identidade do autor, solucionando o problema com uma legenda no próprio desenho.

1.5.3 Tullio Pericoli

Tullio Pericoli, nasce em 1936 na cidade de Colli del Tronto em Itália, tornando-se pintor, desenhador, cenógrafo, ilustrador e retratista. Desde 1970 que trabalha com várias revistas, jornais e publicações como a revista “Linus”, especializada em cartoon, o jornal diário “Corriere della Sera”, a revista semanal “L’Espresso” ou o diário “La Repubblica”, realizando simultaneamente várias exposições e estabelecendo-se como pintor.

É 1988 que edita “Woody, Freud e gli altri” a sua primeira publicação dedicada ao retrato, onde percorrendo as 156 páginas encontramos várias retratos ilustrados de figuras do mundo da cultura e do espetáculo.

Em 1990 volta a dedicar-se ao tema e publica “Ritratti Arbitrari”, mais uma coleção de retratos com introdução de Umberto Eco, que afirma que “*como todos os grandes retratistas, Pericoli aponta à alma e na verdade não retrata só um rosto, retrata um pensamento, uma visão do mundo, um estilo poético e narrativo.*” Pericoli fixa as suas personagens com “o olhar do coração” um olhar de ironia e leveza que aliado a citações dos próprios autores retratados faz um jogo entre a imagem, a linguagem e o leitor.⁷

Assim, no seu percurso com trabalhos de paisagem, desenhos para teatro, gravuras e pinturas, encontramos um lugar especial e uma atenção redobrada ao retrato. No seu portfólio, surge uma lista alfabética onde cada letra esconde dezenas de nomes que ao longo do tempo foram sendo retratados pelo autor. José Saramago e Fernando Pessoa são os dois autores portugueses que fazem parte da lista. Enquanto que o primeiro surge retratado a tinta sobre papel num desenho simples e linear onde a atenção se fica apenas pelo rosto e por uma sugestão de movimento esguio do corpo, Fernando Pessoa é alvo de 7 desenhos diferentes. Quatro deles ficam-se pela linha a caneta em tudo semelhantes ao retrato de Saramago, não obstante os outros dois já demonstram mais da alma e do olhar do coração que Umberto Eco sugere. Num deles, a aguarela dá forma a um desenho onírico onde o poeta surge a tomar uma bebida enquanto os seus heterónimos passeiam ao fundo. Num outro, Fernando Pessoa escreve numa silhueta em forma nuvem repleta de linhas que formam a sua impressão digital, apresen-

⁷ Tullio Pericoli, *Ritratti arbitrari*,

<http://www.einaudi.it/libri/libro/tullio-pericoli/ritratti-arbitrari/978880612266> (15/06/2016)



FIG. 40 (topo esq.) – Tullio Pericoli, *José Saramago*, 1990, tinta sobre papel, 35 x 28 cm.

FIG. 41 (topo dir.) – Tullio Pericoli, *Theodor Adorno*, 1990, tinta sobre papel, 35 x 28 cm.

FIG. 42 (baixo esq.) – Tullio Pericoli, *Jacques Derrida*, 2002, carvão sobre papel, 38,5 x 28,5 cm.

FIG. 43 (baixo dir.) – Tullio Pericoli, *Jane Austen*, 1994, lápis sobre papel, 29,5 x 21 cm.

tando toda a iconografia associada ao autor, vejamos que para além da gabardine, do chapéu e dos óculos, há um café que derrama, livros na mesa, fotografias na parede e uma janela para a Torre de Belém em Lisboa.

Em 2004 é lançado o livro “Retratos”, contando com 580 retratos ao longo de 600 páginas. A particularidade desta obra é que não usa palavras, não há prólogo, introdução ou qualquer outra explicação, são as imagens que importam, tal como o jornal “El Mundo” ressalta a intenção é clara, o conteúdo do livro está no rosto dos personagens retratados por Pericoli, no mesmo artigo, Silvia Meucci, a editora, diz que se tratam de biografias e não de caricaturas, acentuando o carácter do retrato biográfico que falaremos posteriormente.⁸ A obra destaca-se por um jogo com o leitor no processo de tentar adivinhar quem é a figura retratada, não só pelo rosto, mas sobretudo pelos símbolos e pistas que o ilustrador deixa. O autor realça que tenta fazer uma biografia distinta da dita oficial, uma síntese visual que assenta numa espécie de “rosto-resumo” e deixa-nos a questão: *“Poderia existir um rosto que apesar de parecer autêntico é mais verdadeiro porque nos conta uma história?”*⁹

Os seus retratos são, então, contos, narrativas biográficas que procuram a alma do retratado. Naqueles que consideramos mais interessantes as figuras surgem em ação, rodeadas de objetos e citações literárias, não são só um rosto em pose, são histórias por contar. Muitas das vezes a referência à profissão é a primeira coisa que vemos, como é o caso dos escritores (Virginia Wolf, Jean-Paul Sartre, Marcel Proust ou o já referido Fernando Pessoa, p.e.) onde é frequentemente colocada a caneta/aparo na mão ou uma representação de leitura (Thomas Mann, James Joyce, p.e.), dos músicos que surgem a tocar (Beethoven ou Mozart, p.e.) ou ainda dos cientistas como Newton, que olha através do telescópio e Darwin que observa as espécies em seu redor. Não obstante existem também algumas situações mais metafóricas como Freud que pesca sonhos ou Italo Calvino que repousa sobre as suas cidades.

Será talvez um meio-termo entre os retratos de Babina e Carrilho, colocando elementos biográficos por vezes metafóricos e misteriosos que nos deixam a pensar de quem se trata, mas também trabalhando o rosto e a caricatura, dando forma a um retrato mais mimético que Babina e mais próximo de André Carrilho.

8 (s/a), *Las biografías de Pericoli*,
http://www.elmundo.es/elmundolibro/2004/12/10/lujos_papel/1102686674.html, (16/06/2016)

9 *idem*.

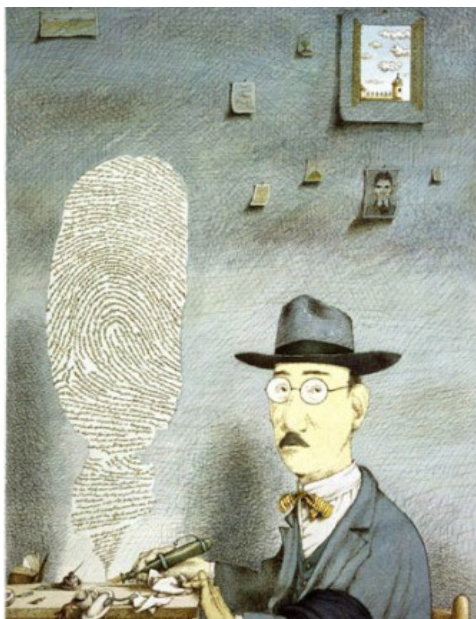


FIG. 44 (topo esq.) – Tullio Pericoli, *Fernando Pessoa*, 1987, tinta e aguarela sobre papel, 56 x 38 cm.

FIG. 45 (topo dir.) – Tullio Pericoli, *Fernando Pessoa*, 1987, tinta sobre papel, 35 x 28 cm.

FIG. 46 (baixo esq.) – Tullio Pericoli, *Fernando Pessoa*, 1990, lápis sobre papel, 29,5 x 21 cm.

FIG. 47 (baixo dir.) – Tullio Pericoli, *Fernando Pessoa*, 2002, tinta e aguarela sobre papel, 42,5 x 29,5 cm.

CAPÍTULO 2

Conceção e Exequibilidade

2.1 Produção Gráfica: o livro e as suas possibilidades

De forma a ampliar conhecimentos de produção gráfica que pudessem vir a ser úteis na fase final do projeto – a conceção do artefacto – foram realizadas visitas à “Greca – Artes Gráficas” e à “MaiaDouro”, tendo especial atenção nos livros impressos pelas mesmas, nos desafios passados e no tipo de serviço que oferecem em termos de impressão, textura, formatos, etc.

A primeira visita centrou-se no portfólio de objetos disponíveis, onde José Pinto realçou que a gráfica em questão só trabalha com papel, afirmando ainda que, na sua opinião, num livro não se pode variar muito, tendo por isso objetos muito semelhantes entre si e poucas invulgaridades, contudo foi possível perceber muitas plastificações tradicionais nas capas, algumas termoestampagens, relevos secos e uma opção por verniz UV bastante recorrente nos títulos das obras selecionadas, para além de várias soluções curiosas em termos de design.

Destacam-se algumas obras do “Atelier Martino&Jana” no âmbito de Guimarães 2012, nomeadamente “A Paixão das Origens” e o catálogo “Editoria”, livros que optam por costuras visíveis e que recorrem a soluções menos habituais. No primeiro é relevante perceber a solução encontrada nas guardas traseiras para evitar a curvatura das páginas a abrir, obtendo uma abertura de 180º graus em todos os *spreads*, para além da termoestampagem vermelha sobre cartão prensado na capa e lombada, que acresce valor estético e gráfico ao objeto. O segundo é um objeto mais modesto não deixando de se destacar de um catálogo regular: impresso a preto e branco e uma cor, exceto alguns cadernos impressos a quadricomia devido à natureza das fotografias, relevo seco sobre capa de cartolina e dois formatos de papel que se juntam aproximadamente a meio.

Já na MaiaDouro foi visitada a sala de excessos de impressão, onde de forma bibliotecária múltiplos exemplares dos livros impressos permanecem guardados em estantes. Aqui devido ao próprio tamanho do armazém o número de obras e soluções é bastante maior. Em primeiro lugar é destacado “D. Manuel II e os livros de Camões”, um catálogo relativo a uma exposição da Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com a Fundação Casa de Bragança, onde o cortante realizado para a capa trouxe problemas devido à sua dimensão ser pequena demais, obrigando a uma posterior alteração do tamanho do corte. Para além disso e da variedade de acabamentos e encadernações demonstradas surgem algumas situações curiosas em catálogos específicos, como por exemplo “Comme ça du Mode Woman”, um catálogo de moda, onde se opta por uma capa de esponja e abertura em harmónio. Foi também realizada uma visita à sala de máquinas e impressões, onde não foi autorizado o registo

fotográfico, mas se pôde observar as várias tecnologias usadas, nomeadamente máquinas de impressão offset, máquinas de corte e dobragem e ainda as máquinas de embalagem em manga plástica, por exemplo.

Para além de perceber o que as gráficas oferecem e o que produzem atualmente, sentimos necessidade de analisar e perceber o que tem sido feito nos estúdios de design, afim compreender e ter uma visão mais profunda sobre as possibilidades sensoriais e físicas que um livro fornece.

Com este fim foi realizada uma visita ao “White Studio” onde foi pedido para ver alguns objetos onde a materialidade fosse um componente forte, tanto no conceito como na resolução. O livro “Inside/Outside” aparece rapidamente em cima da mesa, com uma caixa em MDF pintado onde o título surge numa termoestampagem mate, é um objeto curioso especialmente na sua relação negro/branco, onde a caixa escura protege um capa de brancura frágil. A opção serigráfica na lombada do livro “Arte e Comunidade” ao invés de uma impressão direta no miolo também nos pareceu relevante e curiosa uma vez que imprime no livro uma fragilidade e plasticidade acrescida.

Já no estúdio de Andrew Howard, que ao longo do tempo se tem focado no design editorial e expositivo, colocámos questões sobre os desafios do livro enquanto objeto e a sua relação com o tato e os sentidos. Andrew realça o livro como uma experiência e afirma que cada um tem as suas particularidades e desafios, começando por apontar “O Ser Urbano: No Caminho de Nuno Portas” onde inicialmente se pretendia criar analogias diretas com camadas e sobreposições estéticas utilizadas no espaço expositivo, o que por questões de leitura acabou por se tornar impraticável, resolvendo ir por um caminho diferente. “Leituras de Marques da Silva” também é destacado, pelo trabalho realizado nas colunas recorrendo a grelhas flexíveis e “Património e Indústria no Vale do Ave: Um Passado com Futuro” pelo quantidade de texto e informação requerida.

É sobretudo salientada a ideia de que o design não pode sobrepor-se ao conteúdo, devendo por sua vez aliar-se a ele criando uma solução coerente com o mesmo em todos os sentidos, desde o formato, à cor e ao papel. Exemplificando, então, com um exercício realizado num workshop em Paris, onde através do número de alunos inscritos no curso (25) e dos alunos presentes (20) resultou uma publicação de 20 x 25 cm. Deixando depois no ar uma pergunta sobre a relação dos objetos com a investigação que lhes serve de base.

Paralelamente foi analisada a obra de outros designers cujo trabalho, por uma ou outra razão, se reflete em soluções táteis.

Humberto Nelson, designer de algumas das obras indicadas pelo editor José da Cruz Santos como o livro “Meu Porto” de Mário Cláudio, ou o catálo-

go da exposição de pintura e desenho «As Naturezas Metafísicas», de Nikias Skapinakis, uma obra com tiragem de 500 exemplares, como dimensões de 450 x 315 MM e oito páginas onde se apresenta um texto do pintor e a reprodução das obras expostas.

Para além destes, a edição comemorativa do centenário da morte de António Nobre, “Georges! Anda ver o meu país de marinheiros”, também se revela pertinente, uma vez que apresenta uma solução de capa com os escritos do poeta em folhas soltas e doze ilustrações de Júlia Pintão. Com dimensões de 500 x 350 MM e uma tiragem de 1000 exemplares, 100 foram numerados e assinados pela pintora.

O recente catálogo da exposição “Boca(s) de Cena” de Evelina Oliveira, um dos livros selecionados por José Pinto na visita à “Greca – Artes Gráficas,” é também ele obra do designer. Com costuras visíveis a linha vermelha e uso de carimbo com lacre de cera na capa é considerado pela pintora um dos melhores livros artísticos que tem até ao momento.¹

António Queirós refere que não tem muitos projetos de livros realizados neste âmbito mais objetual/tátil embora gostasse de ter oportunidade para tal. Não obstante, no seu trabalho encontramos esta sensorialidade e textura sobretudo no design de produto, pelo que se releva uma mais valia observar algumas estratégias de produção gráfica utilizadas. Salientamos as caixas de chocolate da confeitaria Arcádia, com estampagens a vermelho metálico, dourado e recurso a vernizes. O rótulo para o vinho “Furtiva Lágrima”, vencedor de um prémio Graphis em 2013, que recorre a um papel texturado e estampa-gem a prata, sendo no cortante em forma de lágrima que reside o ponto chave do objeto que se revela quando o vinho vai a meio e a luz passa entre o vidro e a bebida, criando um jogo de cores que o designer classifica como mágico.

“Álvaro Siza, One House in Mallorca” é talvez um dos livros do estúdio de António Queirós, onde o objeto ganha mais importância. O livro, com 118 páginas, é distinguido pela sua horizontalidade, com as dimensões de 210 x 20 x 300 MM. É apresentado com uma sobrecapa em caixa que fecha com um cortante onde a palavra “One” é mantida em destaque, já na lombada opta-se mais uma vez pelas costuras visíveis em linha branca.

Armando Alves, que dirigiu graficamente a “Editorial Inova” nos seus primórdios, é ainda hoje um dos designers de eleição do editor José da Cruz Santos. “Livros-caixa” como “Pousão” de Abel Salazar, “os dóceis animais” de Eugénio de Andrade com 12 desenhos de Cristina Valadas, o dito “Uma Pren-

¹ “*Design de Humberto Nelson, um livro artístico (O melhor que tenho até ao momento) e impresso pela Greca-Artes Gráficas.*” Comunicação pessoal de Evelina Oliveira, <https://www.facebook.com/EvelinaOliveira.Art/?fref=ts> – 19 de Março de 2014. (05/03/2016)



FIG. 48 – Pormenores de livros e meios de produção gráfica observados durante as visitas à “MaiaDouro” e “Greca – Artes Gráficas”.



FIG. 49 (topo) – Eduardo Aires, *Inside/Outside*, White Studio, 2013

FIG. 50 (baixo esq.) – Andrew Howard, *A Ordem do Ver e do Dizer*, Fundação de Serralves, 1995

FIG. 51 (baixo dir.) – Humberto Nelson, *Georges! Anda ver o meu país de marinheiros*, C. M. Póvoa do Varzim, 2000

da para Eugénio com algumas Tulipas” e “Artistas retratam Escritores que retratam Artistas”, coordenados pelo editor, “Aparição” de Vergílio Ferreira, “Levantado do Chão” de José Saramago ou ainda “Daqui Houve Nome Portugal”, antologia de verso e prosa organizada por Eugénio de Andrade, são alguns dos exemplares que podemos observar na livraria do editor e que espelham a obra gráfica que Armando Alves desenvolveu. Destaca-se também “21 Retratos do Porto para o Século 21”, aparentemente o projeto mais semelhante àquele que se pretende criar, mas que no entanto se centra em retratos literais da cidade (através de fotografias, desenhos e textos) e não em retratos de figuras ou personalidades. Na sua apresentação encontramos as palavras de Eduardo Lourenço “*vinte e um dos nossos contemporâneos portuenses, de gema uns, outros de adoção, como o mesmo Eugénio, outros forasteiros ou romeiros da capital do Norte, improvisaram uma festa em volta de um velho burgo em vias de se converter numa metrópole europeia à part entière, e não apenas a título mítico, como convívio obrigatório em todos os banquetes do mundo*”², onde se volta a questionar a ideia do ser. O que é ou não ser do Porto? Como selecionar as personagens alvo?

Salientamos também o projeto “72 Personalidades da Arte... da Literatura... da Universidade e da Política”, uma obra que nasce da tentativa de salvar a editora “Inova” que se encontrava prestes a fechar face ao enredamento da distribuidora e à descolonização Angola e Moçambique para onde outrora se escoavam muitos dos livros. Assim de forma a pedir resgate à banca, Cruz Santos, organiza esta publicação onde 72 personalidades deporiam sobre o valor da editora, contudo esta ação não iria verter os frutos desejados e a editora acabaria por fechar. Na capa, as cores e o design de Armando Alves poderão também revelar alguma dessa tristeza, tal como sugere Pedro Piedade Marques “*a amargura parece ser o sentimento geral que impregna o texto de apresentação e até a soturna capa de Armando Alves.*”³

Tendo em atenção o todo o trabalho gráfico presente nestas obras, ressalta-se a escolha dos papéis, como o *Pop Set*, *Tintoretto* ou *Cartolina Chagall* e a ideia de caixa que se funde com a ideia de prenda e objeto especial, edições limitadas quase sempre numeradas e assinadas, finalizadas com acabamentos requintados.

Jorge Silva, diretor de arte e responsável pelo design editorial de muitas das publicações periódicas portuguesas, tem também alguns projetos que se tornam relevantes observar. Vejamos, em primeiro lugar, o livro “Sérgio Godinho e as 40 Ilustrações” editado pela “Abyssmo”. Este projeto, lançado em celebra-

2 AA.VV. *21 Retratos do Porto para o Século 21*, Porto: Asa, 2004, p. 12

3 (s/a), *Sabendo a Editorial Inova ameaçada de desaparecimento*, <https://pedromarquesdg.wordpress.com/2013/01/09/sabendo-a-editorial-inova-ameacada-de-desaparecimento/> (14/03/16)

ção dos 40 anos de carreira do músico, parte de um desafio lançado a vários ilustradores para interpretarem cada uma das músicas selecionadas e pretende ser, segundo João Paulo Cotrim, uma panorâmica da ilustração portuguesa.⁴ O livro é impresso em papel Munken 150 GR, com guardas em papel Pop'set cor pimentão de 170 GR e capa forrada a tela Imitlin E/RO5 branco neve de 125 GR e é assim uma simbiose entre o livro ilustrado e o livro homenagem a um só autor.

Já na recente coleção “Designer Portugueses”, editada pelo Jornal Público em parceria com a “Cardume Editores e Autores”, é feito um volume sobre o autor, onde João Paulo Cotrim salienta que *“As raízes de Jorge Silva são as de comunicação, cruzam a publicidade com a política, mas procuram a eficácia máxima. Parte de um desenho vivificado, que começa por ser ideia antes de se tornar corpo, fazem da página o palco onde contracenam com a tipografia levada aos limites extremos, já que ela se faz peça de uma engrenagem, umas construtivistas, outras poéticas. Sempre expressivas.”*⁵

Salientamos também o projeto “Almanaque Silva”, onde em forma de blogue online publica histórias da ilustração portuguesa. Aqui pudemos observar, vários objetos ilustrados selecionados pelo designer e opções tipográficas e formais recorrentes ao longo do tempo.

Já nas Edições Eterogémeas, com Luís Mendonça, destacamos a multiplicidade de capas, tecidos e cores que o livro “Minha Mãe” propõe, assumindo um carácter de homenagem a todas as mães e possibilitando uma escolha mais pessoal e distinta por parte do leitor. Mas, para além disso, também a constante descoberta e exploração de dimensões e possibilidades do livro enquanto objeto. Destacamos a obra “Efémera” que por questões de conceito é colocada horizontalmente, a coleção “Notas à solta” onde o cartão prensado é aliado a uma série de carimbos que se desmultiplicam pelas várias obras. “Trocar as voltas ao tempo”, por exemplo, é um dos volumes onde por entre as palavras de João Pedro Mésseder encontramos as ilustrações de Gémeo Luís numa termoestampagem a vermelho metálico. Obras como “Invasão da Casa Andersen” e “A Vida das Histórias”, em que o designer opta por utilizar caixas viriam a ser referências fulcrais para o projeto, sendo por isso referidas mais à frente.

O trinómio designer/editor/ilustrador é aqui fundamental permitindo ao autor uma ampla exploração sobre o livro enquanto objeto e sobre as suas diferentes possibilidades de comunicação visual e material.

4 João Paulo Cotrim, *Sérgio Godinho e as 40 ilustrações*, <http://www.dn.pt/artes/livros/interior/sergio-godinho-e-as-40-ilustracoes-2129731.html> (10/07/2016)

5 João Paulo Cotrim, *Jorge Silva*, Matosinhos: Cardume Editores e Autores, 2016, p. 42



FIG. 52 (topo esq.) – António Queirós, Álvaro Siza – *One House in Mallorca*, A.mag, 2014

FIG. 53 (topo dir.) – Armando Alves, *Uma Prenda para Eugénio com Algumas Túlipas*, Edições Asa, 2004

FIG. 54 (centro esq.) – Armando Alves, *Artistas Retratar Escriptores que Retratar Artistas*, Modo de Ler, 2008

FIG. 54 (centro dir.) – Armando Alves, *os dóceis animais*, Edições Asa, 2003

FIG. 56 (baixo) – Luís Mendonça, *Minhamãe*, Edições Eterogémeas, 2012



FIG. 57 (topo esq.) – Luís Mendonça, *Efêmera*, Edições Eterogémeas, 2014

FIG. 58 (topo dir.) – Conjunto de livros, Luís Mendonça/Gémeo Luís

FIG. 59 (centro esq.) – Rui Mendonça, *7Artistas/7 Poetas*, Modo de Ler, 2012

FIG. 60 (centro dir.) – Rui Mendonça, *Miguel Veiga - Cinco Esboços para um Retrato*, Modo de Ler, 2011

FIG. 61 (baixo) – Rui Mendonça, *Avelino Sá*, Galeria Fernando Santos, 2012

João Machado, talvez um dos designers mais importantes dos últimos 50 anos em Portugal, é sobretudo cartazista mas o livro também não lhe é obviamente indiferente. “O nosso Niemeyer” é uma edição comemorativa dos 100 anos do arquiteto, tem um formato de 25 x 29,5 cm e destaca-se pelas fotografias à massa na página esquerda, sempre a preto e branco e presença constante ao longo de todo o livro. Já no catálogo fotográfico “Sob a Terra”, de Jorge Barros, há uma focagem no trabalho fotográfico e o texto é presença escassa, aspeto que noutros catálogos como “Artes da Mesa em Portugal”, editado pela Civilização Editora, ou “Mário Botas – O pintor e o mito” pelas Edições João Sá da Costa, continua a ser explorado embora o texto se torne mais presente.

No programa televisivo *Design PT*, o escultor João Machado fala-nos exatamente desta relação pessoal que tem com a imagem. “*É uma marca dos meus trabalhos, é cor intensa, há uma depuração do desenho, a sintetização da imagem. Uso em primeiro lugar a imagem, o texto nunca é o mais importante, eu privilegio sempre a imagem para dizer aquilo que quero e para passar a mensagem que pretendo.*”⁶

Rui Mendonça, outro dos designers de eleição da editora “Modo de Ler” e responsável por alguns dos livros analisados, como é o caso de “Retratos Legendos” de Serafim Guimarães, apresenta-nos também alguns objetos relevantes para o estudo. Veja-se “Quadros Portuenses”, com textos Agustina Bessa-Luís e aguarelas de António Cruz, uma edição de luxo refletida num livro em cofrê com 289 x 360 x 45 mm. “7 Artistas/ 7 Poetas” é mais um dos livros, onde através de uma caixa e de uma edição cuidada, José da Cruz Santos faz uma homenagem e põe em confronto poetas e artistas. O livro conta com um formato de 335 x 321 x 85 mm e é acompanhado por uma carteira em cartolina, onde se apresenta uma reprodução de retratos dos sete artistas e poetas representados.

Bernardo Pinto de Almeida, no prefácio do livro “Desenho – Pensar, Agir, Comunicar” diz-nos que “*O universo visual de Rui Mendonça é análogo ao de um pintor. [...] E, diante de cada um dos seus desenhos, o espectador simplesmente vai fruindo de uma alegria de ver, de descobrir, para além do estrito campo da mensagem que ainda assim preenche com escrúpulo e competência o fio condutor de uma forma, de uma ideia plástica, de um gesto inesperado e envolvente. Tal como na pintura.*”⁷

Já no livro “Avelino Sá”, impresso por ocasião da exposição do pintor na Galeria Fernando Santos, o objeto faz-se acompanhar de um manuscrito de Miguel Von Hafe Pérez e de duas serigrafias do autor numeradas e assinadas.

6 *Design PT – Episódio 2* [vídeo], Porto: RTP, 2016. (28 min.)

7 Bernardo Pinto de Almeida, *Desenho - Pensar, Agir, Comunicar*, http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=18043 (10/06/2016)

Para além destes, destacamos ainda a obra “Miguel Veiga – Cinco Esboços para um Retrato”, uma homenagem ao advogado, onde cinco autores o retratam por palavras. O objeto é cuidado e guarda numa caixa negra uma série de folhetos relativos a cada um dos “retratistas”. Conta com dimensões de 169 x 231 x 4 mm, às quais se aliam um desenho de Álvaro Siza Vieira e um poema de Marta Cristina de Araújo.

2.2 O Retrato Biográfico

“Um retrato é uma espécie de História Geral da Vida da Pessoa que representa, não apenas para Ele, que a conhece, mas para Muitos Outros, que à ocasião de o verem frequentemente lhes é dito o que é mais Material no que lhe diz respeito, pelo menos do seu Carácter Geral; (...) Estes, portanto, frequentemente correspondem aos Fins da Pintura Histórica.” (Richardson, 1719:45)

O retrato poderá ter múltiplas funções, desde objeto artístico, a função documental, comemorativa, memorial ou política, passando por prenda ou oferenda. Tendo também uma forte função biográfica, tal como Richardson nos diz, um retrato pode dar-nos tanta informação como uma biografia. Poderemos chamar-lhes retratos narrativos, retratos que contam uma história e que tentam revelar a biografia do retratado através da imagem. Na prática como isto resulta? Como uma imagem pode contar tanto como um texto? Como um texto pode contar tanto como uma imagem? Como aliar os dois?

No século xv, os próprios retratos eram acompanhados por lemas, emblemas ou outras fontes que remetessem para o carácter do retratado de forma a ganharem um significado mais profundo, o historiador Pope-Hennessy, chamou-lhe retratos aumentados. (Pope-Hennessy, 1966:208)

Shearer West também aborda o tema e faz notar que *“um retrato poderá assumir apenas os elementos mais básicos de uma biografia, enquanto que uma biografia não conseguirá transmitir a presença do indivíduo com tanta prontidão e poder evocativo.”* (West, 2004:52) Sendo claro que um não substituirá o outro na totalidade mas que se poderão completar e ajudar a criar uma memória mais completa da pessoa retratada.

A biografia é tida com um género literário onde se narra a vida de uma pessoa. Em “Vidas Imaginárias”, Marcel Schwob, diz que *“a arte do biógrafo consiste justamente na escolha”* (Schwob, 1997:11), numa escolha de histórias, ações e momentos que distinguiram a vida de determinado sujeito. Mas e o que acontece com os outros momentos? Os não escolhidos? Serão eles importantes?

Schwob, refletindo sobre isso afirma que “*A ciência histórica deixa-nos na incerteza sobre os indivíduos. Ela só nos revela os pontos pelos quais eles se ligaram às ações gerais. Ela diz-nos que Napoleão sofria no dia de Waterloo, que é preciso atribuir a excessiva atividade intelectual de Newton à continência absoluta de seu temperamento, que Alexandre estava bêbado quando matou Clitos e que a fístula de Luís XIV pode ser a causa de algumas de suas resoluções. Todos esses fatos individuais só têm valor porque modificaram os acontecimentos ou porque poderiam ter desviado a série. São causas reais ou possíveis. É preciso deixá-las aos sábios.*” (Schwob, 1997:11)

Fernando Pessoa, na voz de Alberto Caeiro dizia-nos que depois de morrer na sua biografia só deveriam constar duas datas, nascimento e morte, entre uma e outra, todos os dias seriam seus.⁸

O projeto a que nos propomos não pretende uma criação biográfica de origem, na nossa investigação partiremos por isso de uma série de pesquisas debruçadas sobre elementos biográficos e entrevistas *a priori* feitas às personagens em questão, serão por isso, talvez, escolhas feitas a partir de escolhas. Queremos sobretudo perceber o que as torna de relevo, quem são e porque o são, no entanto, serão estas as informações mais significativas sobre determinada personalidade? Não nos propomos, nem pretendemos propor a contar tudo, queremos pois, através da ilustração, dar a mostrar um panorama geral da vida destas pessoas, que mostre o já sabemos mas também parte do que não sabemos, que esteja repleto de pequenas pistas escondidas sobre o seu lado público mas também sobre o seu lado mais humano e pessoal. Será isto possível pela ilustração?

Walter Benjamin, em “Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura”, num capítulo dedicado ao narrador, assume que a narrativa dirige-se sempre a alguém (ouvinte) e que a arte de narrar é a arte de trocar experiências. A forma como experimentamos a vida será a parte mais intrínseca daquilo que somos.

Michel Foucault, em a “A Hermenêutica do Sujeito”, diz-nos que “*o ser não se constitui historicamente por si mesmo, mas por uma experiência do sujeito. Ora, como a experiência do ser pode ser capturada pelo historiador? Através da história dos saberes, que se nos entrega pelos jogos de verdade pelos quais os saberes se constituem.*” (Sugizaki, 2008:207)

“*Podemos conhecer aquilo que conhecemos colocando-nos por trás das nossas experiências passadas e precedentes. Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos aquilo que somos, tanto mais será possível compreender porque é que a realidade é o*

⁸ “depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia/ Não há nada mais simples/ Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte. /Entre uma e outra todos os dias são meus.”, Alberto Caeiro, *Poemas Inconjuntos*, Athena n.º 5, 1925

que é”, diz-nos Paulo Freire, (Cit. por Vieira, 1993: 1). A ideia de experiência é assim fundamental para perceber a noção do ser, não só na biografia, mas também no retrato. Vejamos que o desejo de ir para além do rosto, o demonstrar a identidade, o tempo e o espaço, presente nos retratistas sobretudo pós-modernos, se liga diretamente a esta noção, pois a experiência estará diretamente ligada à vivência.

“O que distinguiu a espécie *Homo Sapiens* dos outros seres do género *homo* é a nossa capacidade de contar histórias.” (Gonçalves, 2014:14) A narrativa biográfica nasce também ela desta necessidade, uma vontade de perpetuar na memória a história de alguém, começando com os heróis, os santos, os reis e posteriormente os autores, personalidades de relevo e também o “eu”. Kofes, em 1994 ao referir-se às “estórias de vida” diz que “primeiro, ela é uma fonte de informação sobre o contexto social; segundo, ela é uma evocação do sujeito; terceiro, ela é uma reflexão, resultado da relação entre o biografado e o pesquisador.” (Cit. por Gucci, 2007: 2).

O nosso projeto resulta, assim, também ele desta relação entre a informação obtida, a evocação das figuras selecionadas, e a nossa reflexão sobre o autor.

Assim, torna-se importante para nós, aliar a imagem ao texto, pois tal como Shearer West no diz, o retrato dar-nos-á a presença e o poder evocativo, e a biografia acrescentará o contexto social e elementos da experiência vivida, completando assim a história que nos propomos a contar. Para este efeito propõe-se que um escritor a designar tome em conta a ilustração e a vida do retratado para a criação de um pequeno texto que acompanhará o desenho no artefacto final.

2.3 Pertencer

Mas o que faz alguém ser do Porto? Deveremos ter em conta somente aqueles que nasceram na cidade? Aqueles que nela vivem? Ou aqueles que de alguma maneira estão ligados a ela? O sentimento de pertença é um dos sentimentos basilares de qualquer comunidade e isso é inerente ao ser humano.

Não decidimos ser parte da cidade, é de alguma forma ela que nos agarra... Manuel António Pina, afirmava que “Uma cidade é (eu é que sei) mais do que ruas, casas e pessoas. É uma roupa interior que nos veste por dentro, uma pele imemorial, um corpo à desmesurada medida do nosso corpo.”⁹ A noção de pertença é mais do que a naturalidade, embora esta possa ser parte essencial da mesma. Certeau diz-nos que este processo está relacionado com um acumular de ligações e sentimentos que têm origem no dia-a-dia, memórias e experiências espaciais

9 (s/a), Manuel António Pina, Porto, *Modos de Dizer*, <http://www.mundolivro.net/v1/detalhe01.php?id=59119> (20/09/2015)

que nascem de uma relação com o lugar, o caminhar e percorrê-lo diariamente. Quando dizemos que conhecemos esta rua, que sabemos que loja existe no próximo cruzamento, estamos a tomar a cidade como nossa. Este conhecimento do espaço físico traz-nos a sensação de pertença. (Certeau, 1984:117)

Outro dos aspetos importantes será a relação emocional que estabelecemos com o espaço. Acontecimentos marcantes, a presença de amigos ou/e familiares ou a casa onde vivemos, são factores indispensáveis quando analisamos este sentimento. A memória será então a base deste “*pertencer*” sobretudo pela recordação de experiências pessoais e íntimas. Quando dizemos que alguém é do Porto, corremos o risco de a associar à cidade sem que a mesma se sinta como tal, a cidade pode-lhe pertencer mas ele pode não pertencer à cidade. As personalidades que aqui vamos tratar estão sempre de alguma forma ligados ao Porto, sendo pessoas fundamentais para a sua história.

Assim, partimos para uma investigação sobre personalidades marcantes da cidade, anotando nomes, datas e análises biográficas. Interessa-nos perceber não só os factos que os tornam reconhecidos pela sociedade e que os tornam figuras de excelência, mas também descobrir como lá chegaram, o que os motivou, quem eram na infância, que memórias trazem consigo ou quais as suas paixões. Informações que vão de encontro a um lado mais humano e íntimo e que por isso desvendam também uma faceta menos popularizada de cada um.

2.4 Investigação e análise biográfica

A seleção das personalidades escolhidas começou por uma análise aos inquéritos realizados, passando depois por uma divisão de áreas: Ciências Naturais, Ciências Sociais, Arte e Desporto.

Começou-se por decidir que o projeto incidiria primeiramente num volume relativo às figuras contemporâneas, sendo que nos pareceu importante realçar quem ainda vive na cidade e quem todos os dias contribui para a sua energia e vitalidade cultural e científica. Sendo que num panorama geral também poderemos dizer que encontramos um número maior de obras relativas ao passado e tal como Foucault nos diz “*necessitamos de uma consciência histórica da situação presente*” (Foucault, 1995:232). Aqui tendo em conta o grande número de nomes possíveis, tentou-se criar um grupo 50 figuras que pudessem representar a cidade (anexo 3), atentando não só na popularidade da mesma, como na relevância dentro da sua área, tentando também apresentar um grupo diversificado em termos de carácter, atitude e idade.

Qualquer escolha apresenta sempre dificuldades, e aqui há sempre o porquê escolher um em vez do outro. Temos a certeza que não serão as 50 figuras que todos escolheríamos, até talvez não os 50 mais importantes, são uma escolha e uma seleção que nos pareceu ser curiosa, interessante e pertinente para os dias de hoje. Destes 50 foram, então, apenas escolhidos 20. Um grupo que tenta apresentar um figura relevante de cada um dos ramos e sub-ramos da área. Vejamos na página seguinte a seleção final:

Listagem de personalidade escolhidas:

Arte

Arquitetura: *Álvaro Siza Vieira*

Artes Plásticas: *Alberto Carneiro*

Design: *João Machado*

Moda: *Nuno Gama*

Música/Composição: *António Pinho Vargas*

Música/Interpretação: *Rui Reininho*

Gastronomia: *Rui Paula*

Literatura: *Valter Hugo Mãe*

Ciências Naturais

Química: *Alberto Amaral*

Física: *Alexandre Quintanilha*

Medicina: *Daniel Serrão*

Medicina: *Sobrinho Simões*

Biologia: *Nuno Ferrand*

Ciências Sociais

História: *Germano Silva*

Política: *Rui Moreira*

Economia/Gestão: *Artur Santos Silva*

Religião: *D. Manuel Clemente*

Desporto

Futebol: *Vítor Baía*

Atletismo: *Rosa Mota*

Basquetebol: *Nuno Marçal*



FIG. 62 – Cláudia Salgueiro, *Caderno de esboços*, 2016, 16 X 21,5 CM

Amostra de duas páginas do caderno de esboços dedicado ao projeto. Ambas as imagens representam o estudo de possibilidades iniciais em torno de Álvaro Siza Vieira.

CAPÍTULO 3

Projeto Final

3.1 Opções formais e técnicas

Depois uma longa pesquisa e inventariação relativa aos vários tipos de retrato, agrupando retratos de presidentes, desportistas, reis ou bispos e selecionando retratos cénicos de forma a perceber semelhanças e regras de representação. Atentando em técnicas e autores, como foi referido anteriormente, mas também percebendo ícones de caracterização histórica, como, por exemplo no âmbito português, Fernando Pessoa como os seus óculos, chapéu e bigode inconfundíveis, Luís de Camões de pala no olho ou Eça de Queirós de monóculo e bigode farto. Passámos para uma primeira fase de esboços onde se explorou várias possibilidades.

Primeiramente explorou-se um retrato figurativo com base em silhuetas e inspirado na fotografia de dupla exposição, aqui manter-se-ia uma ligação com o retrato tradicional a partir da silhueta e explorar-se-ia o mundo interior de cada um, misturando a história com o rosto de uma forma literal. Depois, pensou-se em aliar a figura à ação, onde uma representação figurativa surgiria num cenário característico da sua atividade de forma literal ou metafórica, seguindo o exemplo de Tullio Pericoli, por exemplo. Foram ainda realizadas várias experiências onde a figura surge retratada tradicionalmente, através do rosto, compondo-se ladeada de objetos e formas representativas da sua história biográfica e profissional.

Finalmente ponderou-se um retrato de interpretação mais abstrata, inspirado em imagens de *set design* e onde se criaria uma composição com objetos simbólicos da vida de cada uma das figuras. Esta hipótese procuraria explorar a ideia da experiência do ser, uma incursão pela história e memória de cada um. Mais do que um livro de rostos quer-se-ia criar um conjunto de ilustrações que questionassem o que torna cada um uma pessoa de excelência, sobretudo pelas razões que fizeram com que chegassem ao patamar que tomam nos dias hoje. Uma tentativa de procurar momentos cruciais nos seus percursos, gostos e vontades, aspetos que *a priori* o público em geral desconhecerá. Vejamos que para além de Foucault, também Francisco Providência reflete sobre esta ideia e em “Design Et Al” diz-nos que “*Toda a existência é expressão do ser*” (Cit. por Vilar, 2014:58). Este viria assim a ser o cerne de todo o projeto.

No âmbito do retrato que suprime o rosto e a figura humana, para além dos artistas e exemplos vistos anteriormente tornou-se relevante observar o projeto “Google Doodles”. Sendo que este é um exemplo popular, presente no dia a dia de milhões de pessoas, ao contrário dos exemplos das artes plásticas aos quais apenas um nicho terá acesso.

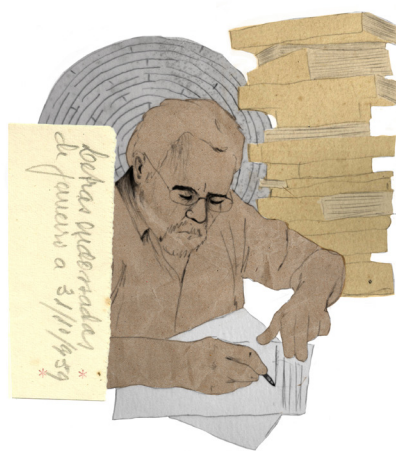
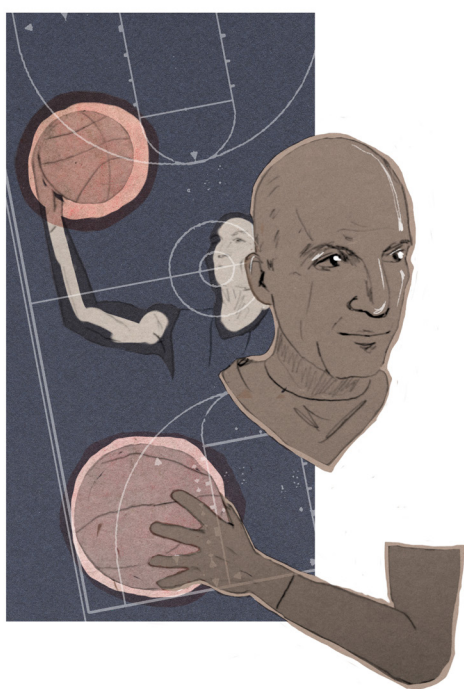
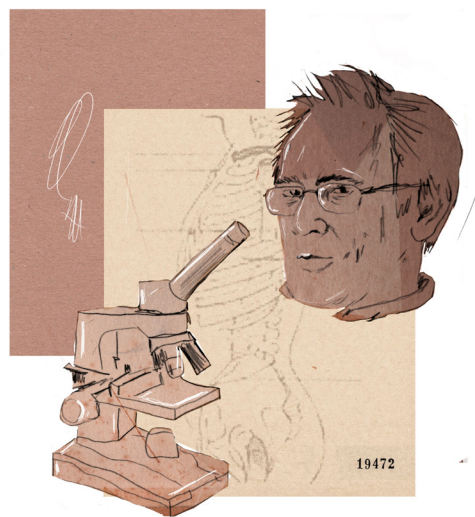


FIG. 63 – Cláudia Salgueiro, *Siza Vieira, Sobrinho Simões, Nuno Marçal, Mário Cláudio*, 2016, técnica mista, 21 x 29,7 cm

Conjunto de retratos criados num primeiro momento do projeto, aliando a figura e o seu universo pessoal.

Os “Google Doodles” consistem em alterações festivas realizadas sobre o logótipo da Google em ocasiões especiais, o primeiro exemplo deste projeto surgiu em 1998 com um desenho criado por Larry Page e Sergey Brin, em honra do festival americano “Burning Man”. Posteriormente a tarefa passou para Dennis Hwang e é atualmente realizada por um departamento de 10 ilustradores dentro da empresa. No início de 2010 estas ilustrações começaram a ter mais destaque, ser mais frequentes, complexas e “atrevidas”, desprendendo-se cada vez mais do logótipo inicial.

Contudo, entre os mais de 2000 *doodles* criados para celebrar feriados e épocas festivas, o que nos interessa neste caso específico são, tal como foi dito, as variações realizadas para comemorar o aniversário e a vida de artistas, cientistas e outras personagens da história mundial. Aqui há uma síntese e uma escolha de elementos para a representação de cada figura que nos parece relevante analisar. É verdade que por vezes se recorre a um retrato figurativo, como por exemplo o 126.º aniversário de Bernardo Alberto Houssay em 2013, o 205.º aniversário de Juliusz Slowacki em 2014, ou o Dia de Martin Luther King Jr. de 2016, onde os rostos surgem por entre as letras ou se misturam com as mesmas. Mas o que nos interessa verdadeiramente são os casos onde os objetos, cenários e paisagens se tornam a cara da personagem e tomam o lugar desta. Este um exemplo a larga escala, onde o retrato ilustrado coloca a figura humana em segundo plano ou a substitui por outras formas.

Vejamos exemplos como o de Victor Horta, lançado no dia 6 de Janeiro de 2015 em honra do seu 1154.º aniversário. Victor Horta foi um arquiteto pioneiro da arte nova na Bélgica, e a sua representação é feita exclusivamente com recurso à escadaria da Casa Tassel, a sua obra-prima. O mesmo sucede com Alexander Calder, escultor e pintor, onde a 22 de Julho de 2011, no seu 113.º aniversário, há uma apropriação de um dos seus móveis para a criação da ilustração. Já no dia 2 de Abril de 2013, celebrou-se o 366.º aniversário de Maria Sibylla Merian, naturalista e ilustradora científica. Aqui tentou-se não só representar os insetos, principal fonte de investigação da autora, mas também um réptil, uma vez a sua pesquisa se alargou aos outros reinos do mundo animal. Nestes três casos a palavra “Google” é sempre inscrita de forma subtil e inserida na ilustração.

O nosso conceito passaria então por esta metonímia, onde a parte se torna um todo e onde uma coleção de objetos e ações construiria o retrato da figura.

Tecnicamente foram testadas opções mistas com aguarela, opções puramente digitais e a grafite que viria a ser a base final do desenho. A escolha deste material reflete-se num desejo de continuar a explorá-lo, sendo que já haviam alguns projetos pessoais anteriores que incidiam sobre mesmo. Depois hou-



FIG. 64 (topo) – Google Doodle, 205.º aniversário de *Juliusz Slowacki*, 4 de Setembro de 2014
<http://www.google.com/doodles/juliusz-slowackis-205th-birthday>

FIG. 65 (baixo) – Google Doodle, 126.º aniversário de *Bernardo Alberto Houssay*, 10 de Abril de 2013
<http://www.google.com/doodles/bernardo-alberto-houssays-126th-birthday>

Ilustrações criadas no âmbito “Google Doodles” onde são utilizados os rostos e referências figurativas para homenagear a personalidade escolhida. No caso de Juliusz Slowacki, poeta polaco, o retrato passa apenas pela sua face inserida na tipografia. Já com Alberto Houssay, fisiologista argentino, apesar de se apresentar uma imagem mais estilizada, continua-se a fazer referência ao rosto com formas que ajudam na identificação (óculos, cabelo, bigode), havendo também uma indicação profissional.



FIG. 66 (topo) – Google Doodle, 154º aniversário de Victor Horta, 6 de Janeiro de 2015
<http://www.google.com/doodles/victor-hortas-154th-birthday>

FIG. 67 (baixo) – Google Doodle, 1366.º aniversário de Maria Sibylla Merian, 2 de Abril de 2013
<http://www.google.com/doodles/maria-sibylla-merians-366th-birthday>



Exemplos de ilustrações criadas no projeto “Google Doodles”,
 onde não é utilizada a figura humana.

Em ambos os casos a homenagem passa por uma referência
 ao universo, estética e imagética do autor em questão.

ve influências, para além de todas as descritas anteriormente, como Hassam Amekan, Joanna Concejo e Chiara Carrer, que levariam a uma exploração da colagem adjacente ao desenho e também numa alteração do papel base, que passaria do branco puro do Canson Bristol para um papel de capa mais amarelo e texturado que acentuaria também a ideia de memória e tempo.

O digital viria a entrar no fim, resultante de um interesse sobre as possibilidades de relação entre o desenho analógico e o digital. Relação de proximidade, cor, linha e sobreposições que depois se estenderiam a um pós-processamento de colagem que permitiria uma maior flexibilidade nos estudos compositivos. Estes recortes e colagens seriam também uma mais-valia na criação de pistas sobre a identidade da figura em questão.

É sobretudo esta ideia de tempo, memória e vida que constituem o conceito ilustrativo principal. Tal como Fernando Pessoa dizia “*A memória é a consciência inserida no tempo.*”. Serão os momentos mais relevantes e construtivos na vida de cada um que passam nas memórias citadas maioritariamente em entrevistas. Contudo, embora tenha sido este um dos ênfases da nossa pesquisa biográfica, não foi possível encontrar dados desta natureza para algumas das figuras selecionadas, que por razões de tempo e modo são sobretudo questionadas e entrevistadas sobre assuntos de cariz profissional.

3.2 Retratos e retratados

Álvaro Siza Vieira

Álvaro Siza Vieira, a figura mais nomeada pelo público nos inquéritos realizados, nasce em 1933 em Matosinhos e torna-se o arquiteto português mais premiado de sempre.

Entre 1949 e 1955 forma-se em arquitetura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, recebendo mais tarde o doutoramento *Honoris Causa* em várias instituições académicas: Universidade Politécnica de Valência, Escola Politécnica Federal de Lausanne, Universidade de Palermo, Universidade Menendez Pelayo, Universidade Nacional de Engenharia de Lima, Universidade Coimbra e Universidade Lusíada. Siza Vieira conta com várias obras um pouco por todo o mundo, desde Portugal ao resto da Europa, América e Ásia.

A nível nacional e internacional foi realizando vários projetos de relevo como a Piscinas das Marés, o Museu de Serralves, a Igreja de Marco de Canaveses, o museu para a Fundação Iberê Camargo no Brasil, o plano de recuperação da “Zona 5 de Schilderswijk”, em Haia, o projeto para os “blocos

6-7-8” de Ceramique Terrein, em Maastricht, a reconstrução da zona do Chiado após o incêndio de 1988, e ainda múltiplos projetos em Espanha, como o Centro Meteorológico da Villa Olímpica em Barcelona, o Centro Galego de Arte Contemporânea, a Faculdade de Ciências da Informação, em Santiago de Compostela, o pavilhão polidesportivo na Ilha de Arousa, o Café Moderno em Pontevedra, a reitoria da Universidade de Alicante, o Edifício Zaida, em Granada ou o Complexo Desportivo Ribero Serralo, em Cornellá de Llobregat.

Entre os prémios que recebeu podemos contar com a “Medalha de Ouro da Fundação Alvar Aalto”, o “Prémio Prince of Wales da Harvard University”, o “Prémio Europeu de Arquitetura da Comissão das Comunidades Europeias/Fundação Mies Van der Rohe”, um “Leão de Ouro” em Veneza, o “Prémio Vitruvio” pelo Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires, o “Praemium Imperiale” pela “Japan Art Association”, o prémio pela “Wolf Foundation” em Israel e ainda um “Prémio Pritzker” da Fundação Hyatt de Chicago, em 1992, pelo conjunto da sua obra.

O seu trabalho caracteriza-se por uma relação entre o organicismo e racionalismo, o ambiente natural e cultural, passando por um estudo da problemática urbana e da construção de habitação social, tendo sempre em mente a simplicidade do desenho.

“Desenho de prazer, de ausência, de repouso, cruza-se com o outro, pois de nada nos alheamos por inteiro. Um ou outro podem surgir na mesma folha de papel, aparentemente estranhos, voluntária ou involuntariamente relacionados.

Pode um retrato minucioso ou um risco ao acaso iluminar no instante a paciente pesquisa, percorrendo os corredores da memória, sem que haja apelo ou consciência disso. Desenho é projeto, desejo, libertação, registo e forma de comunicar, dúvida e descoberta, reflexo e criação, gesto contido e utopia.

Desenho é inconsciente pesquisa e é ciência, revelação do que não se revela ao autor, nem ele revela, do que se explica noutra tempo. Liberto, o outro desenho conduz ao desenho consciente.”¹

A nossa ilustração parte então desta relação intrínseca que existe entre o arquiteto e o desenho. Entre o edifício e os objetos encontramos a Fundação Iberê Camargo, a sua primeira obra na América do Sul, onde retoma a influência de Le Corbusier, e uma janela do Museu de Serralves constroem a base edificada apresentada no retrato.

1 Álvaro Siza Vieira, *Exposição Álvaro Siza - Esquissos ao Jantar*, http://ultimasreportagens.com/destaque_desenhosaojantar.php (02/02/2016)

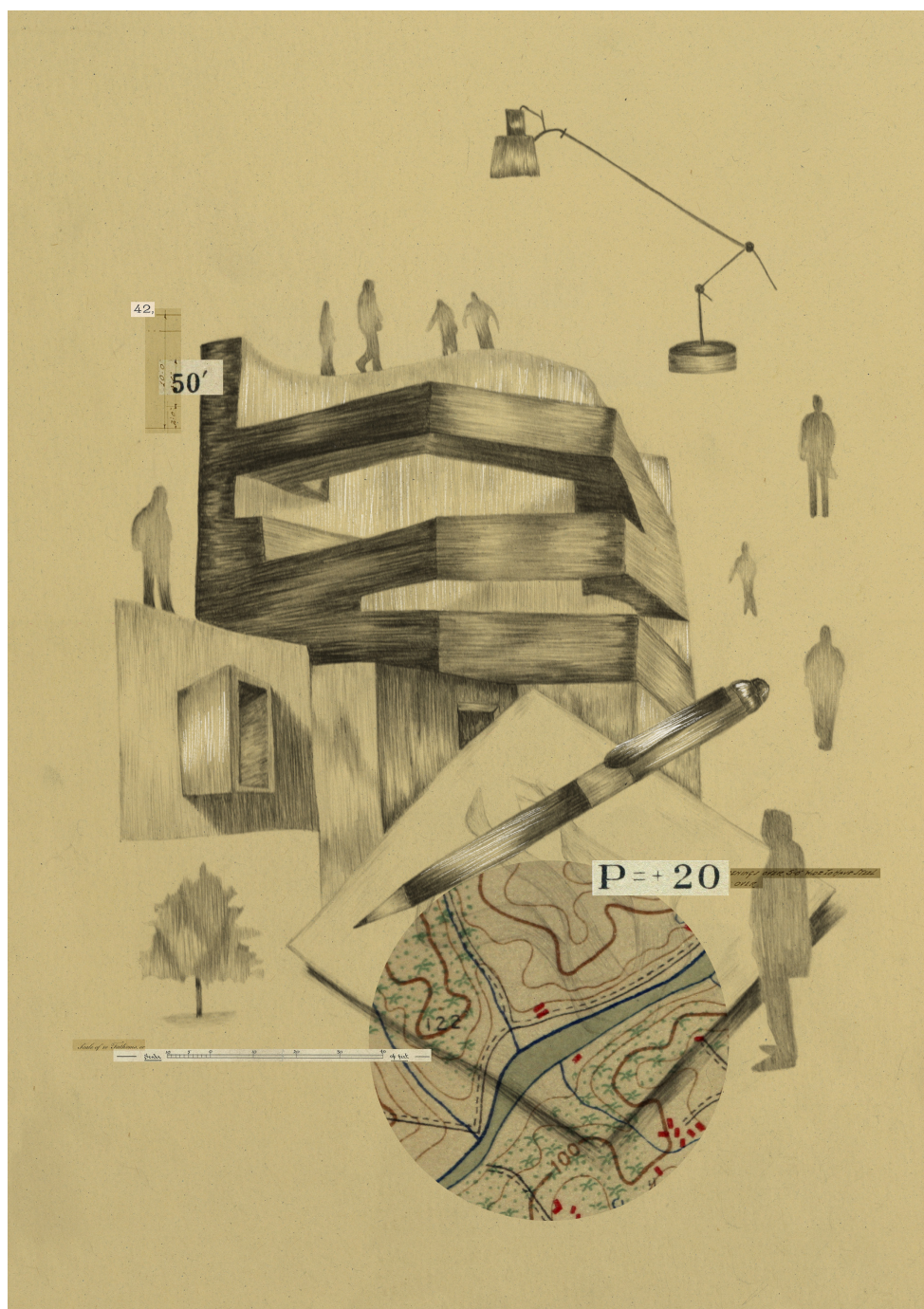


FIG. 68 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Álvaro Siza Vieira*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Alia-se a presença de figuras que habitam os seus espaços, uma árvore que cresce nos seus jardins e um candeeiro, porque Siza Vieira não é só arquiteto, é artista e designer, assinando múltiplas peças de ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, iluminação e cerâmica.

“Para Álvaro Siza, projetar não significa só desenhar objetos, mas também os seus contornos. Significa desenhar as razões que justificam o projeto. A forma nasce assim de uma cultura, adquirida e sedimentada que se materializa ainda no ato de fazer, com seriedade e compromisso. Desenhar é um problema de tempo. Tempo necessário para decompor o problema, para realizar este grande processo lógico que passa pela arquitetura, o produto, o cliente, o material; tempo para compreender, recolher dados e alcançar resultados; tempo para se distanciar o suficiente e observar de longe; tempo para o regresso ao envolvimento inicial, participando assim com a emoção. Siza recupera o sentido do tempo através de objetos que permitem um certo desfasamento temporal entre o ato necessário para o seu uso e o seu efeito retardado. Como, por exemplo o puxador da gaveta de uma cómoda que provoca um abrandamento da sua abertura: dois centímetros de cabo, equivalentes a instantes preciosos.”²

Alberto Carneiro

Alberto Carneiro, nasce em 1937 numa pequena aldeia do norte de Portugal, São Mamede de Coronado. Começou por trabalhar numa oficina de santeiro, onde se viria a iniciar nas tecnologias da pedra, madeira e marfim. Frequentou os estudos liceais na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, no Porto, e na Escola António Arroio, em Lisboa, formando-se depois em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto e na *Saint Martin's School of Art* em Londres. Aqui toma contacto com a arte minimal e conceptual, aproximando-se da *Land Art*, desenvolvendo uma relação entre a arte e a natureza e abrindo novos caminhos na prática artística portuguesa na década de 60/70.

“A matéria e a minha vida com ela na formulação do meu próprio ser. A natureza sonha nos meus olhos desde a infância. Quantas vezes adormeci entre as ervas? A minha primeira casa foi em cima da cerejeira que hoje é uma escultura. Entre o meu corpo e a terra houve sempre uma identidade profunda. A floresta ou a montanha que eu trabalho num tronco de árvore ou num bloco de pedra fazem parte integrante do meu ser. O meu trabalho é uma apropriação totalizadora da matéria recriada a dois níveis: o da posse

² Maria Milano, *Siza Design*, <http://www.esad.pt/pt/news/siza-design> (02/02/2016)



FIG. 69 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Alberto Carneiro*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

bruta através do furor existencial dos sentidos e o da posse mental pela necessidade de me reencontrar nas raízes de mim mesmo. Se a minha mão agarra um pedaço de terra, revejo nela a imensidade de mim: a ancestralidade e a futuridade.”³

Ao longo da sua vida realiza mais de setenta exposições individuais e participa em mais de cem mostras coletivas, entre as quais as Bienais de Veneza e de S. Paulo. Ao longo da sua carreira foram realizadas 4 exposições antológicas da sua obra na Fundação Calouste Gulbenkian, Museu de Serralves, Museu Nacional Machado de Castro, Centro Galego de Arte Contemporânea e Museu de Arte Contemporânea do Funchal.

A sua obra está presente um pouco por todo o país mas também em Inglaterra, no Equador, na Irlanda, Coreia do Sul, Andorra, Ilha Formosa, Espanha e Santiago do Chile, recebendo múltiplos prémios e distinções como o “Prémio Nacional de Escultura”, o “Prémio Nacional de Artes Plásticas da Associação Internacional de Críticos de Arte” e o “Prémio de Artes do Casino da Póvoa”.

Foi também professor e autor de textos e livros sobre arte e pedagogia, dedicando-se também ao estudo da Psicologia Profunda, do Zen, do Tantra e do Tao. Em 1971 publica “As notas para um manifesto de uma arte ecológica”.

*“Toda a produção artística de Alberto Carneiro se confunde com a sua própria vida e com as reminiscências do meio onde nasceu e cresceu e se descobriu como artista e criador.”*⁴

No nosso retrato há uma electro-serra que se mistura com os troncos e elementos naturais das suas esculturas, a electro-serra com que trabalhava e pela qual ainda anseia voltar.

*“Queria ter a possibilidade física de voltar à electro-serra. Pesa quatro quilos. Sei que para já não posso. Mas acredito que vou poder. A descoberta da electro-serra como instrumento de trabalho é uma coisa relativamente tardia na minha atividade de escultor.”*⁵

3 Alberto Carneiro, *(sem título)*,

<http://www.artistasunidos.pt/utopia/42-pessoas/artistas-plasticos/952-alberto-carneiro> (14/04/2016)

4 Fundação de Serralves, *Alberto Carneiro: Arte Vida / Vida Arte - Revelações de Energias e Movimentos da Matéria*, <http://www.serralves.pt/pt/actividades/alberto-carneiro-arte-vida-vida-arte-revelacoes-de-energias-e-movimentos-da-materia/> (14/04/2016)

5 Alberto Carneiro, *Alberto Carneiro*,

<http://anabelamotaribeiro.pt/alberto-carneiro-101919> (17/04/2016)

Existe a procura pela essência da natureza e das árvores – a casa da árvore e a cerejeira da sua infância representada por uma flor. É sobretudo destacado e procurado o ênfase pela sua estreita comunhão com a natureza.

*“Relaciono a casa da cerejeira (o lugar onde passava o meu tempo) com a escultura, não separando as duas coisas. No dia 12 de Dezembro de 1968, eu estava em Londres, tive a consciência de que não havia separação entre a vida, o meu quotidiano, a essência dele, e o meu trabalho. Tomo a decisão de ir à minha experiência de vida, fazendo uma prospecção dentro do meu mundo infantil e da minha relação com a natureza. A cerejeira está lá como lugar, como memória, como qualquer coisa que não se perdeu e que se mantém na escultura.”*⁶

João Machado

João Machado nasceu em 1942 em Coimbra e licenciou-se em Escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Desde 1983 que se dedica às artes gráficas, destacando-se no campo do cartaz e da ilustração. Como ele próprio costuma dizer, a *“Escultura foi o início, e o Design Gráfico um destino”*.⁷

A sua originalidade gráfica, com referências na pop-art e arte japonesa, aliada ao domínio da cor, composições expressivas, formas geométricas abstratas e acentuada simplificação das imagens, valeram-lhe vários prémios ao longo da carreira.

Vejamos o “1º Prémio Nacional Gulbenkian” para a melhor ilustração de livros para a infância, o “1º Prémio Grafiporto”, o “1º Prémio Nacional de Design”, o “Prémio Especial da *Die Erste Internationale Litfass Kunst Biennale*”, a “Medalha de Bronze da Bienal do Livro de Leipzig”, a menção honrosa, “Computer Art Bienal”, o “1º Prémio Mikulás Galanda”, na Bienal do Livro de Martin, na Eslováquia, o “1º Prémio *First International Competition for Fair Poster*”, o “1º Prémio *Logo Film Commission, Association of film Commissioners International Denver*”, o “Best of Show – European Design Annual”, o “Prémio Zgraf 8 Ico-grada Excellence”, a medalha de bronze, na “4th International Triennial of Stage Poster” e o prémio “Asiago International Award 2005”.

⁶ idem.

⁷ (s/a), *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joão%20machado (29/03/2016)

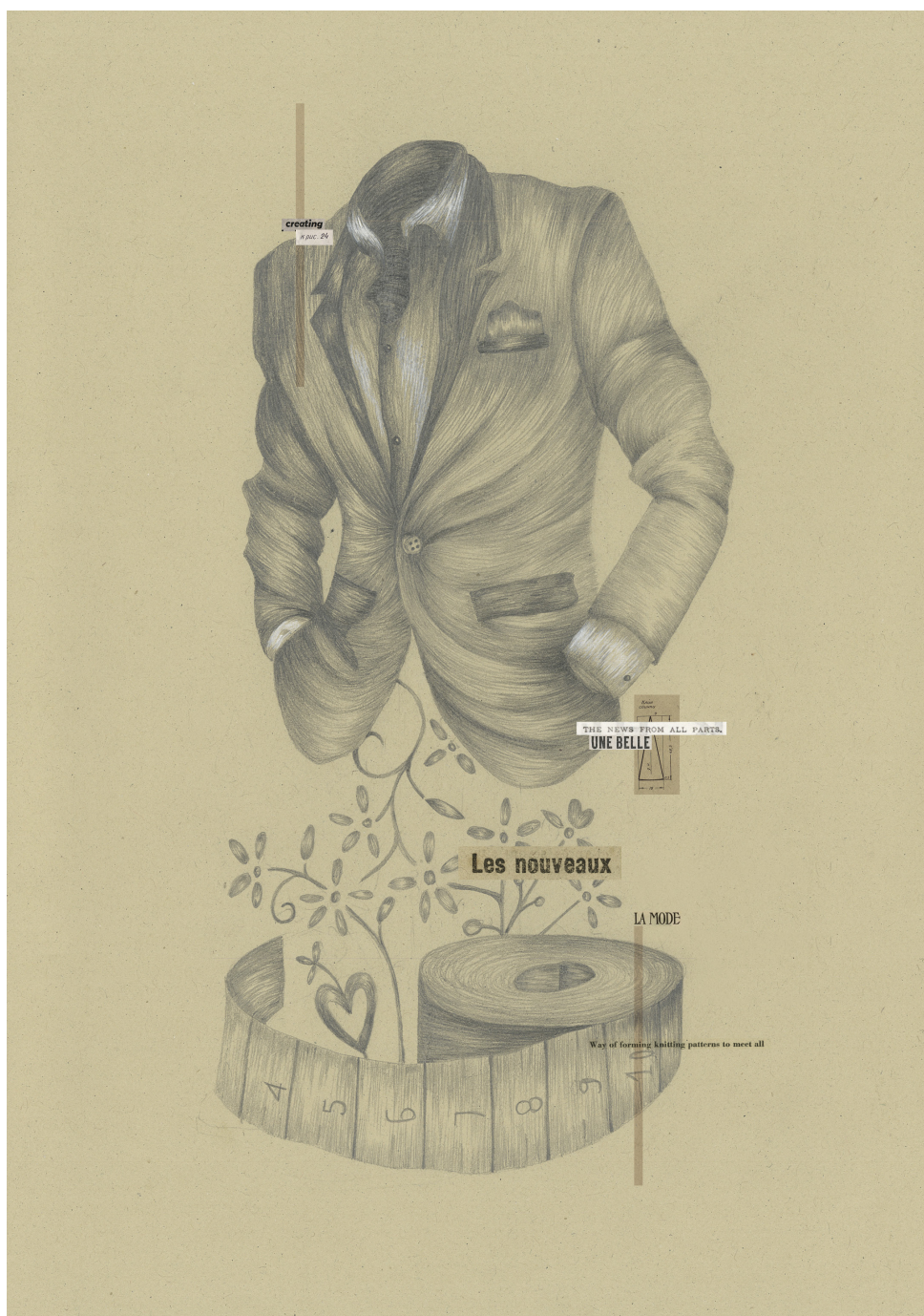


FIG. 71 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Nuno Gama*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Criou centenas de cartazes para eventos culturais e artísticos, como o Cinema, Exponor, Cimeira do Rio de 1992, Expo'98, Comemorações do Dia da Água, etc. As suas obras estão espalhadas pelos museus do mundo e são presença em livros e revistas. João Machado é único português que expôs até hoje na DDD Gallery de Osaka, uma das referências mundiais do Design Gráfico.⁸

O seu retrato, parte de elementos utilizados na cartazística do autor, apresentando um instrumento escultórico em espaço negativo, aludindo, assim, às suas origens. Existe um lápis, fruto da importância do desenho no seu trabalho, e um avião de papel que voa em direção ao infinito, a parte sonhadora e imaginativa do trabalho criativo.

Nuno Gama

Nuno Gama nasceu em 1966, em Azeitão. Frequentou o curso de Moda no CITEX e radicou-se no Porto. Em 1991 lança a sua marca própria, “Nuno Gama Têxtil, Lda.” Colabora com múltiplas marcas de tecidos, calçado e peles e cria as fardas de funcionário para vários museus portugueses. Participa na “Moda Lisboa”, no “Portugal Fashion” e em feiras internacionais como a “Nouvel Espace”, a “Gaudí”, a “Mode Gitanes”, e a “Hombres de Fraldas”. Ganha reconhecimento internacional e vê a sua marca ser comercializada um pouco por toda a Europa, Estados Unidos, Canadá, Japão, Taiwan, Arábia Saudita, Hong Kong, Angola e Beirute. As suas inspirações vêm da tradição portuguesa e dedica-se não só ao vestuário como também a linhas de calçado, malas, carteiras, artigos de viagem, joalharia e *sportswear* para jovens.⁹ Apaixonado por Portugal, o seu trabalho foi sempre marcado por símbolos como o Galo de Barcelos ou os lenços de Viana.

*“Continuo a tentar perceber, por exemplo, porque é que temos uma esfera armilar. Continuo a ler Camões, Fernando Pessoa... Quero fazer parte desse património. É aqui, neste Portugal dos pensadores e dos desafios que me revejo e que quero estar, não no Portugal medíocre.”*¹⁰

8 idem.

9 (s/a), *Biografia*, http://modalisboa.pt/designers/nuno-gama_19 (27/05/2016)

10 (s/a), Nuno Gama: “Quero que os homens que desfilam para mim incendeiem tudo à sua volta”, <http://sol.sapo.pt/artigo/127041/nuno-gama-quero-que-os-homens-que-desfilam-para-mim-incendeiem-tudo-a-sua-volta> (27/05/2016)



FIG. 72 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de António Pinho Vargas*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 CM

Conta que começou a fazer roupa aos 12 anos, porque toda a roupa lhe tinha deixado de servir. Hoje tem nove lojas distribuídas pelas cidades do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga e Vilamoura. Em 1996 é considerado “*Personalidade do Ano*”, recebendo um Globo de Ouro. Em 2012 recebe o prémio de “*Melhor Design de Loja*” nos “*Fashion Awards Portugal*”, sendo que já em 2015 é feito Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

*“Acho que já li Os Lusíadas tantas vezes que quase os sei de cor. Gosto muito de história, o meu pai plantou em mim essa semente.”*¹¹

O seu retrato passa por um fato, vestido por alguém e numa pose descontraída e mãos nos bolsos.

*“O que vejo são crianças de 16, 17 ou 18 anos a desfilar e eu não faço roupa para essas crianças. Se quiserem comprar a roupa que faço, não tenho nada contra, claro. Mas não são o perfil certo para as minhas criações. Faço roupa para um homem adulto. No casting para este desfile tivemos aqui centenas de pessoas... pessoas que por terem barba ou tatuagens a mais não podem entrar numa agência”*¹²

Surgem depois os motivos tradicionais portugueses e uma fita métrica, material de medição diária. Há o homem que nasce de orgulho nacional e a postura firme de quem luta para ir mais além.

*“A nobreza do nosso povo é gigantesca comparativamente a muitas outras culturas, gostaria de o reafirmar numa sociedade contemporânea e é para isso que trabalho todos os dias.”*¹³

António Pinho Vargas

António Pinho Vargas, nasce em 1951 em Vila Nova de Gaia. Formou-se em História na Faculdade de Letras do Porto, concluiu o Curso Superior de Pia-

11 *idem*.

12 (s/a), Nuno Gama: “Quero que os homens que desfilam para mim incendeiem tudo à sua volta”, <http://sol.sapo.pt/artigo/127041/nuno-gama-quero-que-os-homens-que-desfilam-para-mim-incendeiem-tudo-a-sua-volta> (27/05/2016)

13 (s/a) Nuno Gama: “Tive a Felicidade de ter sido posto à prova inúmeras vezes”, <http://lifestyle.sapo.pt/fama/entrevistas/artigos/nuno-gama-tive-a-felicidade-de-ter-sido-posto-a-prova-inumeras-vezes> (27/05/2016)

no no Conservatório do Porto e diplomou-se em Composição no Conservatório de Roterdão como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

No âmbito do jazz gravou 7 discos com composições originais e tocou por toda a Europa e Estados Unidos como músicos como Kenny Wheeler, Steve Potts, Paolo Fresu, Arild Andersen e Jon Christensen. Viria também a compor música para teatro e cinema. Destacando-se ainda como compositor clássico, sendo autor de três óperas e várias peças. Recebeu três vezes o “Prémio de Imprensa Sete de Ouro” para o melhor disco instrumental do ano, e foi condecorado pelo Presidente de República Portuguesa com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, recebendo ainda a “Medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de V. N. de Gaia” em 1998.

Atualmente dedica-se à composição erudita contemporânea.

O seu retrato passa pela harmonia da música. Parte de um dos seus êxitos “Dança dos Pássaros”, que integra um dos seus primeiros discos, “Cores e Aromas”, em 1985, mas usa também as aves como representação da liberdade e inquietude que o caracterizam.

“Era uma visão do mundo que me inquietava. Quando uma visão se enraíza como continuidade, descobrir as descontinuidades é uma tarefa muito dura. Então fui procurar respostas para as minhas perguntas.”¹⁴

Para além disso, não esqueçamos que o canto das aves desde cedo teve um papel importante na música, sendo Vivaldi e Beethoven alguns dos autores que incorporam os seus ritmos em composições. A inquietude passa pelas teclas que fogem do instrumento num ato de procura incessante. Nos recortes há partes de pautas de jazz, mas também clássicos como Bach.

“Não se pode responder a uma música com palavras, porque simplesmente ficará sempre alguém da música, é uma outra esfera do pensamento e da expressão humanas”¹⁵

14 António Pinho Vargas cit. por Pedro Boléo, *Pinho Vargas: “Se alguém ficar comovido, terá servido para alguma coisa”*, <https://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/pinho-vargas-artesao-do-presen-te-1688954> (25/06/2016)

15 António Pinho Vargas, *Entrevista à Revista DaCapo (Parte II)*, <http://antoniopinhovargas.blogspot.pt> (28/06/2016)

Rui Reininho

Rui Reininho nasce no Porto em 1955. Formou-se em cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e aprendeu música de forma autodidata. É 1981 com os GNR que começa o seu percurso de excelência no mundo da música.

Escreveu mais de 200 canções e é autor de músicas incontornáveis do panorama pop-rock português, tais como, “Dunas”, “Efectivamente” ou “Pronúncia do Norte”.

Para além do seu sucesso musical, a sua rebeldia, atitude e excentricidade tornaram-no numa das figuras mais carismáticas e icónicas da música portuguesa.

“Nos anos 70, o meu grupo era o grupo dos freaks, era o grupo que ia para o Piolho, eram os anarquistas do Majestic, onde conheci depois o Jorge Lima Barreto, com quem venho a tocar mais tarde. Éramos uns miúdos de 16 ou 17 anos, arrogantes, mas com um sentido poético.

Eu tinha o cabelo pelos ombros, brinco, socas... Era excêntrico, agent provocateur. Continuo. Não resisto a uns bons sapatos de crocodilo! O Dalai Lama usa Dock Martens. Ninguém é santo.”¹⁶

A grande revelação da banda acontece em 1985, com o álbum “Os Homens não se querem Bonitos” e com “Psicopátria”, lançado em 1986, com qual alcançaram um *Disco de Prata*. Já em 1992, depois de esgotarem o Coliseu de Lisboa, lançam “Rock in Rio Douro” que lhes vale 4 *Discos de Platina*, permanece 38 semanas no top e lhes faz encher o Estádio de Alvalade com 40.000 espectadores (foram a primeira banda portuguesa a conseguir tal feito). Ao longo do seu percurso gravaram 12 álbuns originais, 19 colectâneas e 4 banda sonoras.

Em 2008, lança o seu primeiro álbum a solo, “Companhia das Índias”.

Publica também obras literárias, como o livro “Sífilis versus Bilitis” ou “Líricas Come on & Ana”. Em 2005 é premiado com a “Medalha de Mérito Cultural do Estado Português.”

O retrato, contudo, permanece saturado, pela independência e solidão e pelo cavaleiro da triste figura que diz ser.

¹⁶ (s/a), Rui Reininho: “Sou um cavaleiro da triste figura”, <http://sol.sapo.pt/artigo/112150/rui-reininho-sou-um-cavaleiro-da-triste-figura> (08/05/2016)



FIG.73 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Rui Reininho*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

*“Mas não gosto de me envolver em demasia com as pessoas. Habituei-me a estar sozinho. (...) Mas realmente eu era um cavaleiro da triste figura, como ainda sou agora, como as pessoas ainda me chamam.”*¹⁷

A ilustração parte da sua força e atitude revolucionária, representada através do seu punho erguido e microfone na mão que se estende à ideia de conquistador. No entanto tal como nos restantes retratos tentámos ir às origens e buscar algo mais, daí surge o carro como parte da sua história na música. Vejamos que no início da sua carreira, assim que os seus pais lhe ofereceram um carro, ele afirmou que o venderia para se tornar músico em Londres.¹⁸

Nos recortes saltam as referências ao rock e aos concertos. Recorreu-se a bilhetes, jornais e panfletos que ajudassem a criar um ambiente mais pop-rock, mais urbano e mais íconico, sendo que Rui Reininho é uma figura do palco e da televisão e por isso está numa ligação mais direta como o público em geral.

Rui Paula

Rui Paula, nasceu no Porto em 1967. Autodidata, começou a aprender as artes culinárias no seio da família, em Alijó, época da qual recorda sabores, cheiros e texturas. Assumindo, por isso, a memória como a sua principal fonte de inspiração.

*“Com oito anos a minha avó exigia que eu cortasse as torradas todas iguais, com precisão e minúcia, para que entrassem perfeitamente no braseiro. Vivíamos num casa farta, e todos os dias ajudava-a a cozinhar para mais de 20 a 30 pessoas. Com ela, e desde cedo, aprendi a importância da excelência até nas mais simples tarefas.”*¹⁹

Em 1994 abre, em colaboração com a sua mulher, o seu primeiro restaurante, o “Cêpa Torta”, onde começa a desenvolver uma linguagem de expressão tradicional/regional à qual vai acrescentando um toque moderno e distinto. Já em 2007, com o seu irmão, abre o “DOC (Degustar, Ousar, Comunicar)” entre a Régua e o Pinhão. Em 2010, abre o “DOP” no Palácio das Artes no

¹⁷ idem.

¹⁸ idem.

¹⁹ (s/a), Chef Rui Paula. Restaurante DOC, o referencial gastronómico do Douro.

<http://www.avenida-chique.com/#!/Chef-Rui-Paula-Restaurante-DOC-o-referencial-gastronómico-do-Douro/cmbz/561a39970cf297bd685dd501> (13/05/2016)



FIG. 74 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Rui Paula*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Porto, onde mantém os pratos de autor mas aposta numa viagem ao pratos da cozinha portuguesa clássica aliada à gastronomia de marisco e peixe que o Porto permite. Posteriormente e já num percurso de fama e sucesso torna-se Chefe Consultor do “Hotel Vidago Palace”, abre um restaurante em Recife, no Brasil e toma rédeas à cozinha do Restaurante “Casa de Chá da Boa Nova”, onde se espelha na alta gastronomia e nas técnicas internacionais.

Apesar de autodidata, Rui Paula, foi fazendo ao longo da sua carreira estágios nos mais prestigiados restaurantes pelo mundo fora, como por exemplo o “El Celler de Can Roca”, em Espanha, premiado como um dos melhores do mundo em 2013 e 2015.

O percurso culinário tem-lhe valido vários prémios, como a “Melhor Carta de Vinhos Regional pela Revista de Vinhos”, o prémio “Novo Projecto Turístico Privado” na 4ª edição dos “Prémios Turismo de Portugal”, o prémio “Garfo de Ouro”, do anuário Boa Cama, Boa Mesa, o prémio “Best of Wine Tourism” na categoria de restaurante vínico, atribuído pela Great Wine Capitals Global Network, o prémio “Especial Gastronomia David Lopes Ramos”, uma medalha de ouro no concurso “Gastronomia e Vinhos Verdes” promovido pela Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes e nove medalhas de ouro e quatro de prata no concurso “Gastronomia com Vinho do Porto” sob a tutela do Instituto do Vinho e da Vinha. Com os seus livros é também premiado e ganha um “*Gourmand World Cookbook*” na categoria de “Melhor Primeiro Livro Culinário” e um sobe a um terceiro lugar na categoria “*Best Cookbook Photography*”.

Já para os seus restaurantes foi um 1º Prémio, para o DOP, pela “Melhor Carta Nacional Absoluta de Vinhos 2013”, e para o DOC, o 1º Prémio de “Melhor Carta de Vinhos Regional” na 4ª edição do Concurso Nacional de Cartas de Vinhos.

No centro do retrato encontramos uma flor de amor-perfeito, pois para o chef cada prato deve convocar todos os sentidos, a começar pela visão, razão pela qual utiliza flores comestíveis.²⁰

“A comida deve ter cor, cheiro, sabor, fazer barulho (crocante), ser fresca e poder até ser tacteada e degustada à mão.”²¹

20 Rui Paula, *Os fundamentos da cozinha de Rui Paula*, <http://rui-paula.com/web/rui-paula/conceito/> (08/05/2016)

21 idem.



FIG. 75 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Válder Hugo Mãe*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Depois há os espargos e o alecrim que enlaçados no garfo, talher magistral, se transformam em formas esguias que abraçam o prato, fazendo referência à cozinha emocional e ao empratamento de Rui Paula.

As colagens por sua vez, advêm de antigos livros de receitas e dão pistas para a atividade profissional do retratado, trazendo para a mesa o ênfase da memória que Rui Paula tanto aprecia.

Valter Hugo Mãe

Valter Hugo Mãe nasce em 1971, na cidade de Saurimo, em Angola. Na sua infância passou por Paços de Ferreira e desde 1981 que vive em Vila do Conde. Formou-se em Direito e realizou um pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna Contemporânea.

Em 1999 co-fundou a editora “Quasi edições”, co-dirigiu a revista “Apeadeiro” e fundou a editora “Objecto Cardíaco.” Publicou livros de poesia, romances, contos e literatura infantil.

Venceu o “Prémio Literário José Saramago”, com a obra “o remorso de baltazar serapião”, que nas palavras do Nobel:

*“(...)é um autêntico tsunami, não no sentido destrutivo, mas da força. Foi a primeira imagem que me veio à cabeça quando o li. Quando foi publicado? E os sismógrafos não deram por nada? Oh, que terra insensível: este livro é uma revolução. Tem de ser lido, porque traz muito de novo e fertilizará a literatura. Por vezes tive a sensação de estar a assistir a um novo parto da língua portuguesa.”*²²

Contudo, para além deste voltaria a ganhar prémios como o “Prémio Almeida Garrett” ou o “Grande Prémio Portugal Telecom de Literatura Melhor Livro do Ano.”

Os seus primeiros romances são denominados tetralogia das minúsculas, uma vez que foram escritos sem letras capitais de forma a acentuar, segundo o autor, o carácter oral dos textos e a liberdade do pensamento.

É um dos escritores portugueses mais reconhecidos da atualidade, a sua obra está traduzida em múltiplas línguas e o seu mérito tem vindo a ser reconhecido em países com o Brasil, a Alemanha, Espanha, França ou Croácia, p.e.

Para além da sua atividade como escritor, tem vindo a integrar projetos musicais e artísticos. Em 2007 realizou a sua primeira exposição individual no

²² (s/a), *Biografia*, http://www.alpiarca.pt/biblioteca/pdf/valter_hugo_mae.pdf, (05/02/2016)

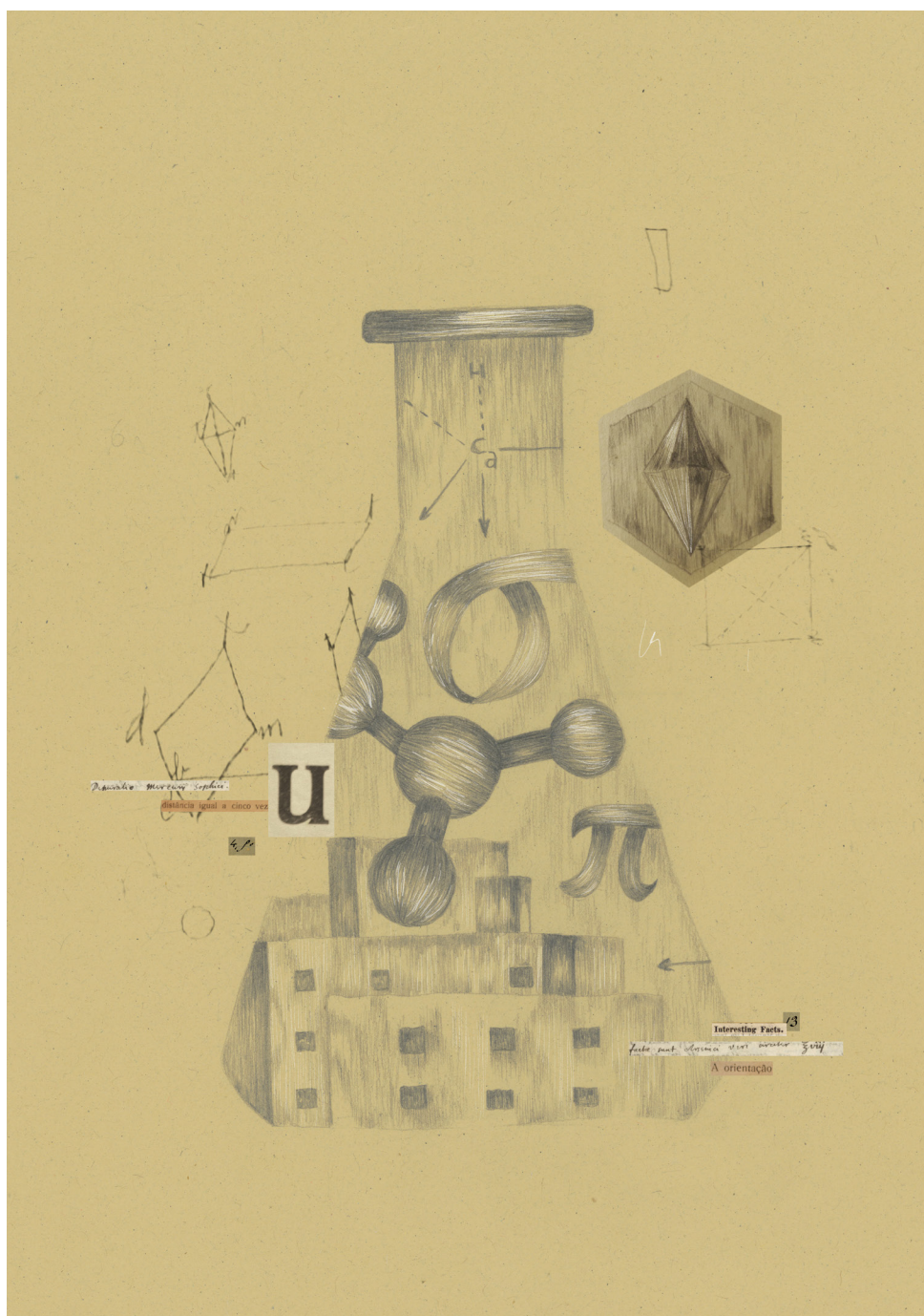


FIG.76 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Alberto Amaral*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 CM

âmbito do desenho. O seu retrato parte dos óculos que usa e lhe marcam o rosto, para um conjunto de livros e folhas soltas que deambulam pelo espaço. Valter Hugo Mãe sugere que o título a dar sobre um livro dedicado à sua vida seria qualquer coisa que tivesse a ver com o imaginário.

*“tenho uma crónica chamada Autobiografia Imaginária, talvez esse mesmo. Eu tenho a sensação de que a vida é uma coleção de coisas nas quais não acreditamos. Essa dimensão do incrível, a perplexidade com que olhamos para aquilo que afinal somos, interessa-me muito. Acho que é, em última análise, aquilo que nos define. A minha vida daria sempre um título que envolvesse essa dimensão imaginária da factualidade.”*²³

Por isso os livros e as palavras voam nas asas da imaginação. Depois há a referência a Paula Rego e Francis Bacon, tidos como as primeiras imagens que o fascinaram.

*“Preciso de escrever num processo de procura e aquilo que encontro normalmente é uma surpresa para mim.”*²⁴

É um ser utópico, admite... surge de costas, a olhar para além dos livros.

*“Procuro muito enrijecer, nesse sentido de robustecer, fazer com que nem toda água me mude, nem toda água possa estragar tudo.”*²⁵

Alberto Amaral

Alberto Amaral, nasce em Fafe em 1942. Formou-se em engenharia Químico-Industrial pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, realizando posterior doutoramento em Química Quântica na Universidade de Cambridge (Inglaterra). Até 1977 esteve em comissão de serviço na Universidade de Lourenço Marques, em Moçambique, regressando depois ao Porto, onde se torna professor catedrático aliado ao cargo de presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Ciências. Durante 13 anos foi Reitor da instituição, sendo reeleito duas vezes e completando um dos reitorados mais longos da

23 (s/a), *Entrevista a Valter Hugo Mãe*,
[http://www.revistaestante.fnac.pt/entrevista-estante-valter-hugo-mae/\(18/03/2016\)](http://www.revistaestante.fnac.pt/entrevista-estante-valter-hugo-mae/(18/03/2016))

24 *idem*.

25 *idem*.

Universidade. Durante o reitorado ergueu centros de investigação e residências universitárias, construiu novos edifícios para a Faculdade de Ciências, Letras, Arquitetura, Desporto, Medicina Dentária e Engenharia, para além de introduzir novas metodologias de avaliação.

Em 2012 a Universidade do Porto edita em sua homenagem, “Alberto Amaral – um cientista entre a Academia e a Ágora”, um livro onde se reúne alguns dos seus textos sobre aspetos académicos e políticos em torno do ensino superior.

No mesmo ano é premiado com a medalha de mérito da Universidade do Porto, pela mão do reitor José Carlos Diogo Marques dos Santos.

*“A fluidez, o correr normal, o fluxo sem paragens, a capacidade de adaptação a contextos de trabalho muito diferenciados, a translação e expressão em diferentes áreas do conhecimento, mantendo os mesmos exigentes critérios de racionalidade científica, são características do percurso vital e académico de Alberto Amaral.”*²⁶

Ao longo do seu percurso editou várias obras como, “Governing Higher Education: National Perspectives on Institutional Governance”, “The Higher Education Managerial Revolution?”, “Markets in Higher Education: Rhetoric or Reality”, “Reform and Change in Higher education: Analysing Policy Implementation”, “Essays in Supportive Peer Review; From Governance to Identity. A festschrift for Mary Henkel” e “European Integration and the Governance of Higher Education and Research”.

Publicações recentes incluem os artigos em várias revistas internacionais, incluindo “Quality Assurance in Education”, “Higher Education Quarterly”, “Higher Education Policy”, “Higher Education in Europe”, “European Journal of Education”, “Higher Education, Quality in Higher Education”, “Higher Education Management and Policy”, “Tertiary Education Management”, “Education for Chemical Engineers” e “Planning for Higher Education, Journal of Adult and Continuing Education”.²⁷

Dirigiu o Centro de Investigação de Políticas no Ensino Superior, onde permanece como investigador e preside o Conselho de Administração da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior.

O cientista e gestor universitário foi uma das figuras sobre as quais a vontade de descobrir mais sobre a sua biografia e a tentativa de ir às origens e para

²⁶ (s/a), *Reitores da Universidade do Porto*,

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1025435 (12/02/2016)

²⁷ idem.

além da profissão não foi possível, pelo que o seu retrato gira sobretudo neste âmago da ciência e educação.

Assim, encontramos um *Balão de Erlenmeyer* como objeto principal, um recipiente de vidro utilizado maioritariamente para misturar soluções e cujo o formato permite agitar energicamente o seu conteúdo. Neste retrato, no seu interior surge parte de uma molécula de etileno, assim como um “ómega” e um “pi”, que fazem referência à atividade de investigação científica e química que Alberto Amaral desenvolveu. Os seus valores de reitor e gestor universitário residem na base do balão, são edifícios que crescem, se desenvolvem e suportam uns ao outros.

Existem também esboços e equações, as ditas imagens do pensamento de quem compulsivamente procura e desenvolve um estudo.

Já nas colagens é grande “U” que dá a maior pista sobre a identidade do retratado fazendo uma referência direta à Universidade.

Alexandre Quintanilha

Alexandre Quintanilha, nasce em 1945 na cidade de Lourenço Marques, em Moçambique. Formou-se em Física Teórica na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, doutorando-se em Física do Estado Sólido na Universidade de Paris.

Em 1972 mudou-se para Berkeley nos Estados Unidos, onde se manteve como investigador na Universidade da Califórnia, direcionando os seus estudos para os mecanismos bioquímicos e fisiológicos do stress oxidativo em organismos vivos. Integrou a equipa do “Grupo de Graduação em Ciência Aplicada da U.C.” e dirigiu um centro de estudos ambientais no Lawrence Berkeley National Laboratory. Presidiu o “Grupo de Novas Iniciativas da U.C.”, foi membro do “Comité de Investigação” para o diretor do departamento de Genoma Humano e membro da equipa de aconselhamento científico para a construção do “*Advanced Light Source*”.

É em 1990 que chega ao Porto, para integrar a Faculdade de Ciências Biomédicas, tornando-se presidente do conselho científico da mesma.

Dirige o Instituto de Biologia Molecular e Celular, onde dá formação em genética humana e doenças genéticas, engenharia biomédica, neurobiologia básica e clínica e biologia do stress. É ainda presidente do Conselho Científico do Pavilhão do Conhecimento e do “Grupo de Acompanhamento de Mobilidade e Recursos Humanos do VI Programa Quadro da Comissão Europeia”, integrando também o “Comité de Investigação e Exploração da Na-

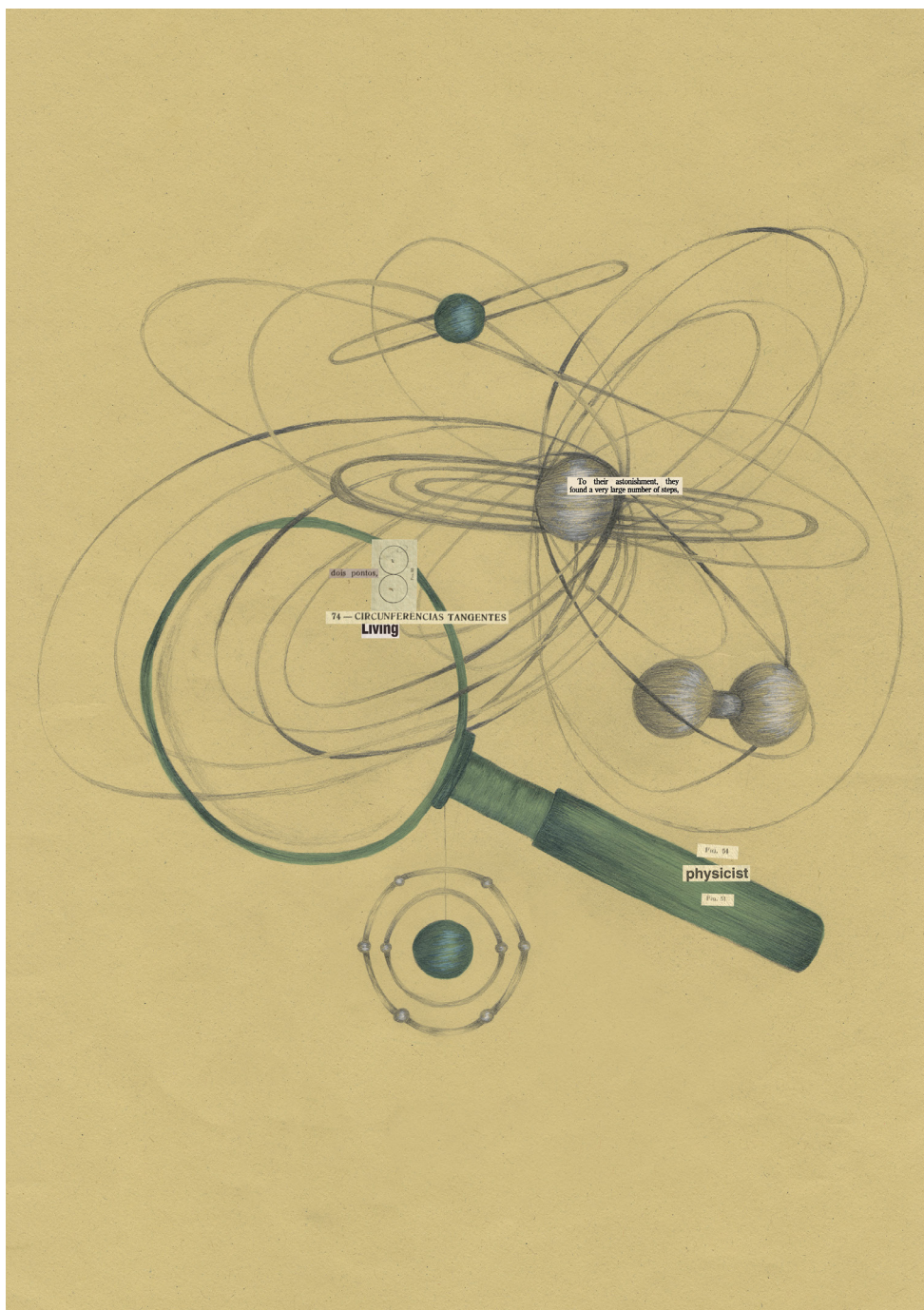


FIG. 77 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Alexandre Quintanilha*, 2016, técnica mista, 21 X 29.7 CM

tional Geographic”. Em 1993, foi eleito Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant’lago da Espada.

Entra na vida política em 2015 e torna-se cabeça de lista do Partido Socialista. Ao longo do tempo publicou uma média de 100 artigos científicos em revistas mundiais e dedicou-se à promoção da ciência na educação, aproximando do grande público, visitando escolas, aparecendo na televisão e realizando múltiplas palestras.

As suas grandes áreas de investigação centram-se no stress biológico, percepção do risco e promoção pública da ciência.

“Percebi muito cedo que a literatura me fascinava quando lia autores que me faziam descobrir a mim próprio. Na ciência estudei o impacto do oxigénio nos seres vivos. Fascinou-me a ideia de que o oxigénio enferruja, oxida, estraga, mas é essencial à vida humana.”²⁸

Quintanilha assume-se como um curioso compulsivo e o nosso retrato parte daí, da lupa e da sua relação intrínseca com o oxigénio e com a órbita que circula à sua volta. Uma órbita compulsiva em representação do stress que investiga.

“As pessoas são aquilo que fazem e aquilo que são, e não aquilo que dizem.”²⁹

Em física, órbita é a trajetória que um corpo percorre ao redor de outro sob a influência de alguma força, a ilustração tenta ter essa face de novelo energético onde as elipses e as formas ora se tocam ora se afastam. Onde há uma relação entre a vida e a profissão e onde cada movimento influencia o seguinte.

Daniel Serrão

Daniel Serrão nasce em Vila Real, em 1928. Em 1951 ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, para depois em 1959 terminar o doutoramento na mesma instituição. Passou pela ala de Patologia do Hospital de Santo António e pelo Hospital Militar de Luanda, onde termina como Major de Guerra. Foi professor e desenvolveu investigação em torno da ética médica e da bioética em geral, publicando também artigos sobre patologia hepática, regeneração

²⁸ (s/a), Alexandre Quintanilha. “Melhorar a sociedade não é só fazer dinheiro”, <http://ionline.sapo.pt/269874> (12/02/2016)

²⁹ Alexandre Quintanilha, Alexandre Quintanilha e Richard Zimler, <http://anabelamotaribeiro.blogs.sapo.pt/alexandre-quintanilha-e-richard-zimler-16838> (14/05/2016)

do fígado, biópsia renal e oncologia. Foi Vogal do Conselho Geral e Vice-Presidente da Assembleia-Geral da Ordem dos Médicos, Vogal do Conselho de Fomento Cultural do Instituto de Alta Cultura, Vogal do Conselho de Fomento Cultural do Instituto de Alta Cultura, membro, em representação de Portugal, do “Comité Ad.Hoc de Bioéthique”, Membro eleito do Bureau do CDBI, Presidente (*Chair*) do “*Working Party on The Protection of the Human Embryo and Foetus (CDBI CO-GT3)*”, Membro do Conselho Científico das Ciências da Saúde do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), Presidente da Comissão de Fomento da Investigação em Cuidados de Saúde, do Ministério da Saúde, Presidente do Conselho de Ética da Saúde do Hospital da Ordem da Trindade e Presidente do Conselho Médico da MÉDIS. Sendo, ainda, condecorado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

Assume a família como base fundamental, é reconhecido pela sua atitude e posição contra o aborto e eutanásia, sendo um defensor da vida.

*“E nós, que nos consideramos bem equipados com os valores sociais, os grandes pilares da ética social, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a dos Direitos das Crianças, o que é que somos capazes de fazer pelo sofrimento dos outros? Esta é, para mim, a pergunta-chave, a pergunta radical num debate sobre ética, sofrimento e vida.”*³⁰

O seu retrato, parte então, da sua posição na discussão sobre a ética da vida. Recorrendo à metáfora na qual um bebé é uma semente, neste caso um feto onde as artérias sanguíneas se confundem com raízes de onde brota vida. É sobretudo este ênfase na nossa relação com a vida e morte que se procura.

*“Com a morte de cada homem termina um universo cultural específico, mais ou menos rico mas sempre original e irrepetível. O que o homem deixa quando morre - os seus escritos, os objetos culturais que criou, a memória da sua palavra, dos seus gestos ou do seu sorriso naqueles que com ele viveram, os filhos que gerou - tudo exprime uma realidade que está para além do corpo físico, de um certo corpo físico que esse homem usou para viver o seu limitado tempo pessoal de ser homem.”*³¹

As colagens fazem referência ao coração em analogia à emoção e há um destaque da ideia de vida e de primeiro estágio. Sendo também um questionário à nossa existência.

³⁰ Daniel Serrão, *Ética, Sofrimento e Vida*, <http://www.danielserrao.com/gca/index.php?id=181> (02/06/2016)

³¹ Daniel Serrão, *Daniel Serrão*, <http://www.danielserrao.com> (02/06/2016)



FIG.79 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Sobrinho Simões*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 CM

Sobrinho Simões

Manuel Sobrinho Simões, nasce em 1947 no Porto. Licenciou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde começou o seu interesse pela patologia e onde mais tarde se doutoraria na área.

Em 1970 assume funções de “Monitor além Quadro” de Anatomia Patológica, e é em 1971 nomeado Assistente Eventual da disciplina de Anatomia Patológica. Depois do doutoramento toma lugar de especialista no Hospital de S. João e é nomeado Professor Auxiliar Além Quadro.

Posteriormente continua os seus estudos e termina um pós-doutoramento em “Microscopia Eletrónica”, em Oslo, no “Norsk Hydro’s Institute for Cancer Research”. Aqui começa a alcançar reputação internacional no campo da Patologia Tireoideia.

No meio da educação continua a ascender e em 1988 é nomeado Professor Catedrático na Instituição onde se tinha inicialmente formado.

Cria o IPATIMUP (Instituto de Patologia e Imunologia Molecular e Celular da Universidade do Porto), uma unidade de investigação que dirige anualmente centenas de consultas de diagnóstico para hospitais e institutos de oncologia da Europa e da América.

O seu percurso na investigação científica levam-no a vários pontos do mundo e tornam-no Professor Adjunto de Patologia e Biologia Celular do “Jefferson Medical College” na Universidade de Thomas Jefferson em Filadélfia, avaliador do “Consórcio de Investigação em Cancro Gástrico” formado pelo Instituto de Cancro da Noruega e pela Universidade de Zhengzhou, *expert* em Patologia Molecular do “American Board of Pathology” e especialista convidado do Centro de Telepatologia da União Internacional Contra o Cancro, sedado na Charité, Humboldt University, em Berlim.

Dirige a “Sociedade Europeia de Patologia”, onde organiza os dois primeiros congressos intercontinentais de Patologia, forma a “divisão de Moscovo” e desenvolve a “divisão de Ankara” da Escola Europeia de Patologia, dirige ainda o “xviii Congresso Europeu de Patologia”, em Berlim.

“Sobrinho Simões é a combinação perfeita entre a nobreza e a inteligência científica, bem como uma pessoa gentil, atenciosa, generosa e carismática.”³²

32 (s/a), *Sobrinho Simões é o campeão dos patologistas*,
<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-12-07-Sobrinho-Simoes-e-o-campeao-dos-patologistas>
 (03/02/2016)

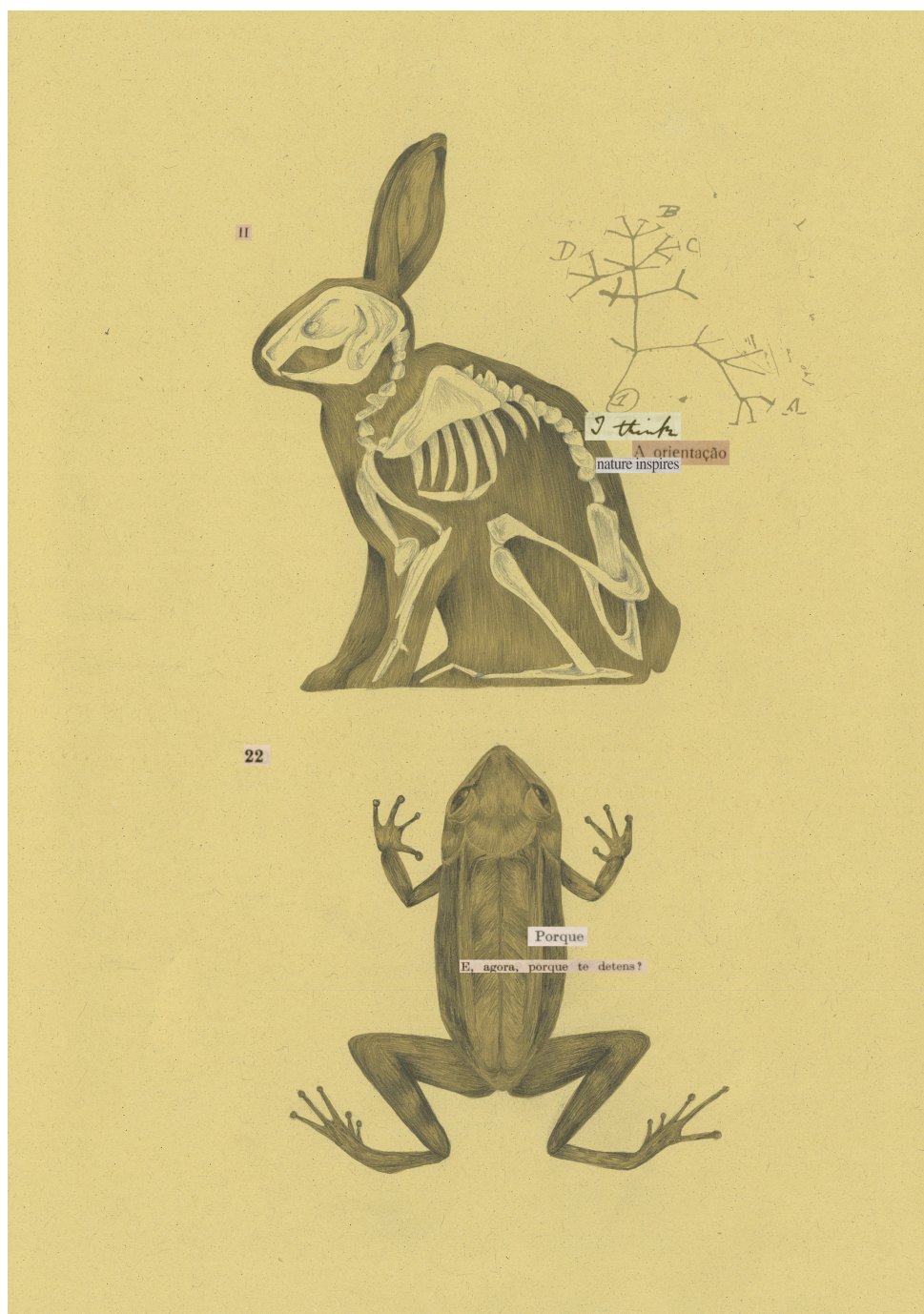


FIG.80 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Nuno Ferrand*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 CM

Integra os conselhos científicos da Escola Europeia de Patologia, do Curso Europeu de Patologia Celular e da Associação Europeia de Prevenção de Câncer e o Comité Redatorial da Associação de Diretores de Patologia Cirúrgica dos E.U.A. (ADASP).

Editou centenas de artigos em publicações de renome internacional e em 2015 é eleito o patologista mais influente do mundo pela revista “The Pathologist”, sendo de seguida agraciado com o voto de louvor do Conselho Geral da Universidade do Porto.

É tido como muito ligado ao cânone da racionalidade científica, mas não obstante muito afetivo com quem o rodeia.

*“Porque gosto de pessoas. Não acho graça nenhuma a coisas. A nenhuma coisa. A não ser aos livros.”*³³

O seu retrato parte de um microscópio focado na investigação científica e no olhar o pormenor. Daí nascem as folhas de um carvalho. Porquê? Como símbolo do projeto da sua vida o IPATIMUP, no qual plantou um carvalho no ano da sua fundação, que viria a secar e a plantar de novo. Paralelamente e através da cor, faz-se uma referência à medicina, ao corpo humano e as veias sanguíneas que percorrem o nosso corpo.

É médico sem exercer, porque o que o motiva é a investigação. É cientista e educador, porque o que mais gosta de fazer é ensinar, segundo diz. As folhas que emergem são também isso, espelho do conhecimento que se espalha e dos novos médicos que ajuda a instruir.

Nuno Ferrand

Nuno Ferrand, nasce em 1963. Realiza licenciatura e doutoramento em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, onde hoje é Professor Associado e dirige o Programa Doutoral em Biodiversidade, Genética e Evolução. A sua pesquisa gira em torno da documentação de padrões de diversidade genética de populações naturais e compreensão de processos evolutivos, onde o coelho toma lugar de espécie modelo e estudo principal. Sendo que a domesticação, ecologia e conversação são algumas das áreas onde reside o seu principal interesse. Adicionalmente também investigou a evolução de anfíbios e répteis na Península Ibérica e África.

³³ Sobrinho Simões cit. por Anabela Mota Ribeiro, *Manuel Sobrinho Simões*, <http://anabelamotaribeiro.pt/manuel-sobrinho-simoes-137812> (12/03/2016)

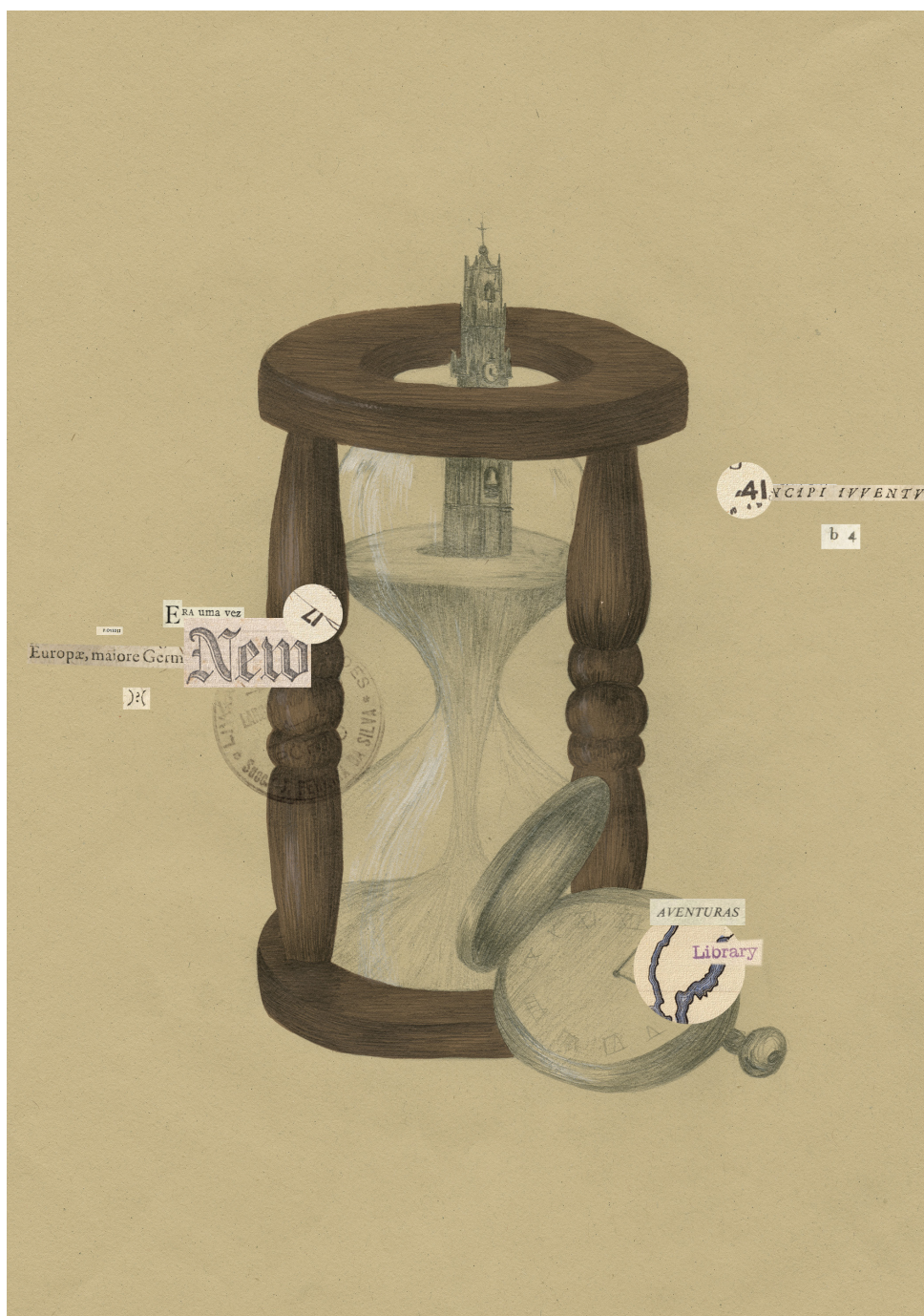


FIG.81 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Germano Silva*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Já publicou cerca de 150 artigos em revistas internacionais como a “Science, Nature Genetics”, “Molecular Biology and Evolution”, “PloS Genetics”, “Biological Journal of the Linnean Society, Genetics, Molecular Ecology” e a “Molecular Phylogenetics and Evolution, Heredity.” Tendo também publicado o livro “Anfíbios e Répteis de Portugal” e “Genética, Biotecnologia e Agricultura”.

É diretor e investigador do “Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto” e diretor do Museu de História Natural da mesma instituição, sendo considerado um dos nomes mais destacados da biologia em Portugal.

Recentemente tomou o lugar de coordenador científico da série documental “As Novas Viagens Philosophicas”, um projeto de investigação científica levada a cabo por biólogos do CIBIO – Universidade do Porto ao longo de 5 anos de viagem por 12 países e 4 continentes.

“A primeira coisa que queremos é encantar as pessoas pelo mundo natural. Depois, mostrar a investigação moderna que é feita por pessoas normais, motivadas e com curiosidade.”³⁴

O seu retrato parte assim de uma composição de ilustração científica clássica, onde se mostra a sua espécie de eleição (coelho) e um representante anfíbio. Depois a árvore de Darwin é a representação mais fiel da sua dedicação ao estudo evolutivo e as palavras recortadas levantam questões sobre as certezas e incertezas da ciência, assegurando uma vontade de continuar, uma vez que a natureza será sempre uma fonte de inspiração.

Germano Silva

Germano Silva, nasce em Penafiel em 1931. Ainda com um ano de idade vem morar para a cidade do Porto, onde viria a fazer a Instrução Primária, a ajudar o pai na Companhia Carris de Ferro do Porto, a trabalhar na Fábrica de Fósforos e na Fábrica de Lanifícios de Lordelo para depois se formar no Curso Geral de Comércio na Escola Comercial de Oliveira Martins.

É em 1956 que chega ao Jornal de Notícias como colaborador desportivo e entra no mundo do jornalismo. Aqui faz um percurso completo, passando de estagiário, a repórter e redator para finalmente chegar a chefe de redação.

³⁴ Nuno Ferrand cit. por Helena Geraldês, *Nova série de televisão mostra os biólogos portugueses como nunca os vimos*, <http://www.wilder.pt/historias/nova-serie-de-televisao-mostra-os-biologos-portugueses-como-nunca-os-vimos/> (05/07/2016)

Quarenta anos depois, em 1996, aposenta-se mas não obstante mantém a coluna “À Descoberta do Porto”.

Hoje é um historiador da cidade e organiza percursos revelando o seu passado e as suas histórias.

Marcou presença no corpo regente do Teatro Experimental do Porto, da Cooperativa Árvore e da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, onde permanece como presidente de Assembleia Geral. É dos sócios fundadores do “Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende” e mantém-se membro do seu Conselho Fiscal. Foi distinguido pelas Câmaras Municipais do Porto e de Penafiel com as medalhas de mérito de ouro.

“O Germano até de uma pedra é capaz de contar uma história.”³⁵

No seu currículo contam-se livros como “À Descoberta do Porto”, “Porto: nos recantos do passado”, “Caminhar pelo Porto”, “Porto: sítios com história”, “Porto: história e memórias”, “Porto: nos atalhos da história”, “Porto: uma cidade a descobrir”, “Porto da história e da lenda” e “Porto Desconhecido & Insólito”. Tenta sobretudo descobrir as pessoas que habitam a cidade, as ruas e os sorrisos ocultos.³⁶

Em Junho de 2016 foi aprovado pelo Senado da Universidade do Porto, a atribuição de um Doutoramento *Honoris Causa* ao historiador, premiando o seu percurso individual e autodidata. O reitor Sebastião Feyo de Azevedo refere, na sua proposta de atribuição do título, que “*não haverá, em todo o panorama nacional, alguém que de uma forma tão completa seja identificado com o gosto pela história de uma cidade como Germano Silva o é pela do Porto.*”³⁷

O seu retrato conta com uma ampulheta, maestra do tempo e da história, na qual a Torre dos Clérigos se ergue, porque a vida de Germano Silva se confunde e mistura com a própria cidade. Surge também um relógio, acentuando a noção temporal, porque todo o tempo é história já dizia Paul Ricoeur.³⁸

35 Manuel Vitorino, *Germano, o historiador do Porto*, <http://mautempocanal.blogspot.pt/2011/10/germano-contador-de-estorias.html> (08/05/2016)

36 (s/a), *Germano Silva, um homem do Porto*, <http://www.viva-porto.pt/Entrevistas/germano-silva.html> (08/05/2016)

33 Sebastião Feyo de Azevedo cit. por Filipa Silva, *Germano Silva vai ser Doutor Honoris Causa pela Universidade do Porto*, <https://jpn.up.pt/2016/06/20/germano-silva-vai-doutor-honoris-causa-pela-u-niversidade-do-porto/> (01/07/2016)

38 Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa*, São Paulo: Papirus Editora, 1994, p. 54

Rui Moreira

Rui Moreira nasce em 1956 na cidade do Porto. No seu último ano no Liceu Nacional Garcia da Orta forma a União de Estudantes Democratas Independente, em forma de movimento contra a radicalização política que tinha tomado conta do liceu. Forma-se em Gestão de Empresas na Universidade de Greenwich, no Reino Unido. Foi Presidente da Associação Comercial do Porto, membro do Senado da Universidade do Porto e do Conselho Consultivo da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica e presidiu o Conselho de Administração da Sociedade de Reabilitação Urbana do Porto até em 2013 ser eleito Presidente da Câmara Municipal da cidade.

Foi campeão nacional de vela e representou Portugal em vários campeonatos europeus e mundiais. Sendo que o seu interesse pelo desporto o viria a fazer chegar a membro do Conselho Consultivo do Futebol Clube do Porto e a comentador desportivo em programas televisivos. Mas as suas maiores fontes de atenção foram os negócios e a política, começando pelo negócio da família nos transportes marítimos. Contudo, aos 35 anos, depois de uma insuficiência renal que o leva às portas da morte, decide vender o negócio e viver a vida de outra maneira.

O seu retrato parte então de um barco à vela que desliza e navega na gravata do homem de negócios, fazendo uma ligação entre a viagem, o jovem rebelde e velejador e o jovem gestor que viria a tornar. Um dicotomia que ainda hoje o caracteriza. O edifício da Câmara do Porto surge ao fundo, como um marco e uma meta à qual se propôs chegar deixando o seu nome entrar na história da cidade.

“É aquele que aprendeu a viver com frugalidade.”³⁹

Não obstante, não deixa também de ser um ícone da vida no mundo dos negócios, sendo esta a sua ascendência e lugar onde inicia a sua vida comercial.

“Rui descende dos Fonseca Araújo, armadores de navios com rotas para o Brasil e para a Terra Nova, banqueiros e abastados terratenentes - eram os donos do Palácio da Brejoeira, no Alto Minho.”⁴⁰

39 Rui Moreira cit. por Anabela Mota Ribeiro, *Rui Moreira*, <http://anabelamotaribeiro.pt/rui-moreira-24958> (14/03/2016)

40 Rui Moreira cit. por Manuel Carvalho, *O burguês da Foz que tomou de assalto a Câmara do Porto*, <http://www.publico.pt/temas/jornal/o-burgues-da-foz-que-tomou-de-assalto-a-camara-do-porto-27221209> (18/04/2016)



FIG.82 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Rui Moreira*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Artur Santos Silva

Artur Santos Silva, nasce no Porto em 1941. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e logo após terminar o curso tornou-se assistente de Finanças Públicas e Economia Política na mesma faculdade.

Foi Diretor-Geral do Banco Português do Atlântico, Secretário de Estado do Tesouro, Vice-Governador do Banco de Portugal, Vogal do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian e da Partex Oil & Gas Holdings Corporation. Fez parte do Conselho de Administração da Jerónimo Martins e foi membro Conselho de Administração da Fundação de Serralves .

Presidiu a Comissão Executiva e Conselho de Administração do Banco Português de Investimento, o Conselho Geral da Universidade de Coimbra, a Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, o Conselho Administrativo do “Porto – Capital Europeia da Cultura 2001” e a Fundação Calouste Gulbenkian entre 2012 e 2017. Para além disso está também ligado à Fundação Mário Soares, ao “Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende” e ao conselho de fundadores da Casa da Música.

Ao longo da sua carreira foi premiado com um Medalha de Honra, Grau de Ouro, pela Câmara Municipal do Porto e foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e da Ordem da Liberdade sendo também feito comendador com Ordem de Mérito.

Internacionalmente recebe, em França, a Ordem Nacional de Mérito e é feito Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra e em Espanha recebe a Ordem de Mérito Civil. Há seis anos (2010) foi agraciado com o grau de Doutor *Honoris Causa* na Universidade do Porto.

É banqueiro, economista de renome e tem forte ligação à cultura. Aqui retratado através de um gomo de tangerina. Porquê? Porque é a sua fruta preferida e porque remete para um dos seus poemas preferidos de Eugénio de Andrade:

“(...) deixai-me agora falar
do fruto que me fascina,
pelo sabor, pela cor,
pelo aroma das sílabas:
tangerina, tangerina.”⁴¹

Mas também porque simboliza a vida, a boa sorte e a cor do banco que fundou e ao qual dedicou grande parte da sua vida, o BPI.

41 Eugénio de Andrade cit. por Anabela Mota Ribeiro, *Artur Santos Silva*, <http://anabelamotaribeiro.pt/23191.html> (07/01/2016)



FIG.83 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Artur Santos Silva*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

“Tive a ideia, construí o projeto, atraí acionistas portugueses, entidades internacionais financeiras, e para isso tive de dar muito a cara e comprometer-me neste desafio. E isto foi um sonho que passou a projeto e a instituição estritamente a partir de mim. Não fui convidado por ninguém. Fui eu que tive a ideia e mobilizei investidores. Os acionistas com mais peso eram empresas do Norte. A componente mais dinâmica do nosso País estava no Norte. A sede natural do banco era o Porto.”⁴²

Depois aliam-se os gráficos que se podem assemelhar a montanhas nas suas subidas e descidas. Para completar o desenho recorreu-se à apropriação de um papel de contas antigo, fazendo uma ligação mais direta à economia e gestão.

D. Manuel Clemente

Manuel Clemente nasce em 1948, na cidade de Torres Vedras. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em Teologia na Universidade Católica Portuguesa. Ingressou no Seminário Maior de Cristo Rei dos Olivais e doutorou-se em Teologia Histórica na mesma instituição.

Desde cedo que teve afeto pela religião e pelo catolicismo e *“aos 13 anos, o rapaz dissera à mãe que queria ir para o seminário. Ela recusou: primeiro, formava-se; depois, logo decidia.”⁴³*

Em 1979 é ordenado sacerdote e foi coadjutor das paróquias de Torres Vedras e Runa, depois o seu caminho eclesial prosseguiu. Foi membro da Equipa Formadora do Seminário Maior dos Olivais e posteriormente vice-reitor e reitor do seminário em questão. Foi membro do Cabido da Sé Patriarcal, Diretor do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Coordenador do Conselho Presbiteral do Patriarcado, Coordenador da Comissão Preparatória da Assembleia Jubilar do Presbitério para o Ano 2000, Promotor da Pastoral da Cultura na Conferência Episcopal Portuguesa, Presidente da Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais, Vice-Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa e membro do Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais.

Em 2007 foi nomeado “Bispo do Porto” pelo Papa Bento XVI. Foi o primeiro bispo português a transmitir uma mensagem de Natal pela internet.

⁴² Artur Santos Silva cit. por Anabela Mota Ribeiro, *Artur Santos Silva*, <http://anabelamotaribeiro.pt/23191.html> (07/01/2016)

⁴³ Rita Garcia, *D. Manuel Clemente: o miúdo que brincava aos padres*, http://www.sabado.pt/vida/pessoas/detalhe/d_manuel_clemente_o_miudo_que_brincava_aos_padres.html (09/04/2016)



FIG.84 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de D. Manuel Clemente*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

*“No Porto, dispensou o motorista e o carro oficial e conduz o seu Volkswagen Golf. Outras vezes anda a pé. Corta o cabelo na Barbearia Invicta, na praça de Carlos Alberto, e confessa-se na Fraternidade Franciscana.”*⁴⁴

Em 2013 é nomeado “Patriarca de Lisboa” pelo Papa Francisco, sucedendo a D. José Policarpo e tornando-se, o 17º Patriarca de Lisboa, assumindo o título de D. Manuel III, Cardeal-Patriarca de Lisboa.

*“D. Manuel Clemente tem perfil, talento e diplomacia de sobra para lidar com os desafios que lhe surgirem pela frente. Quase a completar 65 anos, está longe da idade da reforma. A sua voz dentro da Igreja e na sociedade é ouvida com atenção, os eu perfil de intelectual e a abertura para o diálogo valeram-lhe várias distinções muito para além dos muros da Igreja.”*⁴⁵

Publicou cerca de 25 livros e estudos sobre História, Teologia e Pastoral, colabora regularmente no programa televisivo “Ecclesia” e no programa de rádio “Dia do Senhor”.

Foi distinguido com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, o Prémio Pessoa e com a Medalha Municipal de Honra da Cidade do Porto.

*“É habitual insistir-se na nossa infinita capacidade de adaptação, seja aonde for. Pergunto-me se não se trata antes do contrário. Se não devíamos falar até da impossibilidade de deixarmos de ser quem somos, tal a densidade interior que acumulámos. Não temos de nos adaptar por aí além, porque já temos dentro e acumulados os infinitos aléns que nos formaram.”*⁴⁶

O seu retrato mantém o carácter sóbrio da religião. Há as mãos que rezam de terço na mão, a incontornável mitra como símbolo do seu percurso e recortes bíblicos que adornam e envolvem a composição.

44 idem.

45 (s/a), *D. Manuel Clemente, novo patriarca de Lisboa: biografia e pensamento*, http://www.snpcultura.org/d_manuel_clemente_novo_patriarca_lisboa_biografia_pensamento.html (08/04/2016)

46 idem.



FIG.85 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Vítor Bala*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Vítor Baía

Vítor Baía nasce em 1969 em São Pedro da Afurada. A sua carreira no mundo desportivo começou cedo no Académico de Leça, partindo para o F.C. Porto aos 13 anos de idade, sendo em 1989 que chega à equipa principal.

É considerado um dos melhores guarda-redes da história do futebol, vencendo 32 competições com o F.C. Porto e com o F.C. Barcelona, entre elas a Taça Intercontinental, a *Europe League*, a Taça das Taças, a Liga dos Campeões, a Supertaça Europeia, a Liga Portuguesa, a Taça de Portugal, a Supertaça Cândido de Oliveira, a Liga Espanhola, a *Copa del Rey*, a Supercopa de Espanha.

Foi o 1º jogador português a atingir as 75 internacionalizações,

Pelo seu desempenho ao longo de 525 jogos e 18 épocas recebeu em 1988/89, o Troféu “*Foot-Reuch*”, o Troféu Jornal “*Record*”: Revelação do Ano, foi galardoado com “Dragão de Ouro: Futebolista do Ano”, foi considerado o Futebolista do Ano da CNID, o “Melhor Jogador Hummel” e recebeu o Prémio Regularidade do Jornal “A Bola”. Em 1990 recebeu o Prémio Trevo de Ouro: Adidas, foi considerado o Melhor Jogador do *Torneio Phillips Cup*, volta a receber o Troféu “*Foot-Reuch*”: Melhor Guarda-Redes do Campeonato Nacional e a ser novamente considerado “Futebolista do Ano” da CNID.

Em 1991 e 1992, recebe o Prémio Gandula para “Melhor Guarda-Redes”, o Troféu Jornal “Público”: Melhor Guarda-Redes do Ano, o Troféu Jornal “Record” – Melhor Guarda-Redes do Ano.

Em 1993 é considerado “Melhor Futebolista do Torneio Centenário do F.C. Porto”, recebe mais um Prémio Gandula para Melhor Guarda-Redes e o Prémio Jornal “Público”: Melhor Guarda-Redes do Campeonato Nacional.

Em 1994, é considerado o Guarda-Redes mais valioso do Campeonato Nacional e o Guarda-Redes do Ano da “*European Sports Magazine*”.

Em 1996, recebe o Troféu Jornal “*Record*”: Melhor Jogador do Ano e o Troféu Jornal “A Marca”: Troféu “*Juan Gamper*”.

Em 2002 é nomeado Figura Nacional do Ano na III Gala Nacional do Desporto. Em 2003 recebe o Prémio Carreira na Gala de Desporto.

Em 2004 recebe pela UEFA o prémio “*Best Goalkeeper 2003/04*”: Melhor Guarda-Redes da Europa, e pela FIFA o “*Best Goalkeeper 2003/04*”: Melhor Guarda-Redes do Mundo, assim como uma medalha de mérito desportivo, o Troféu Jornal “Público”: Melhor Guarda-Redes do Ano e Troféu Carreira da Superliga / Jornal Notícias.

Já em 2008 é condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique e agraciado com um Prémio “alto prestígio” pela Confederação do Desporto de Portugal.

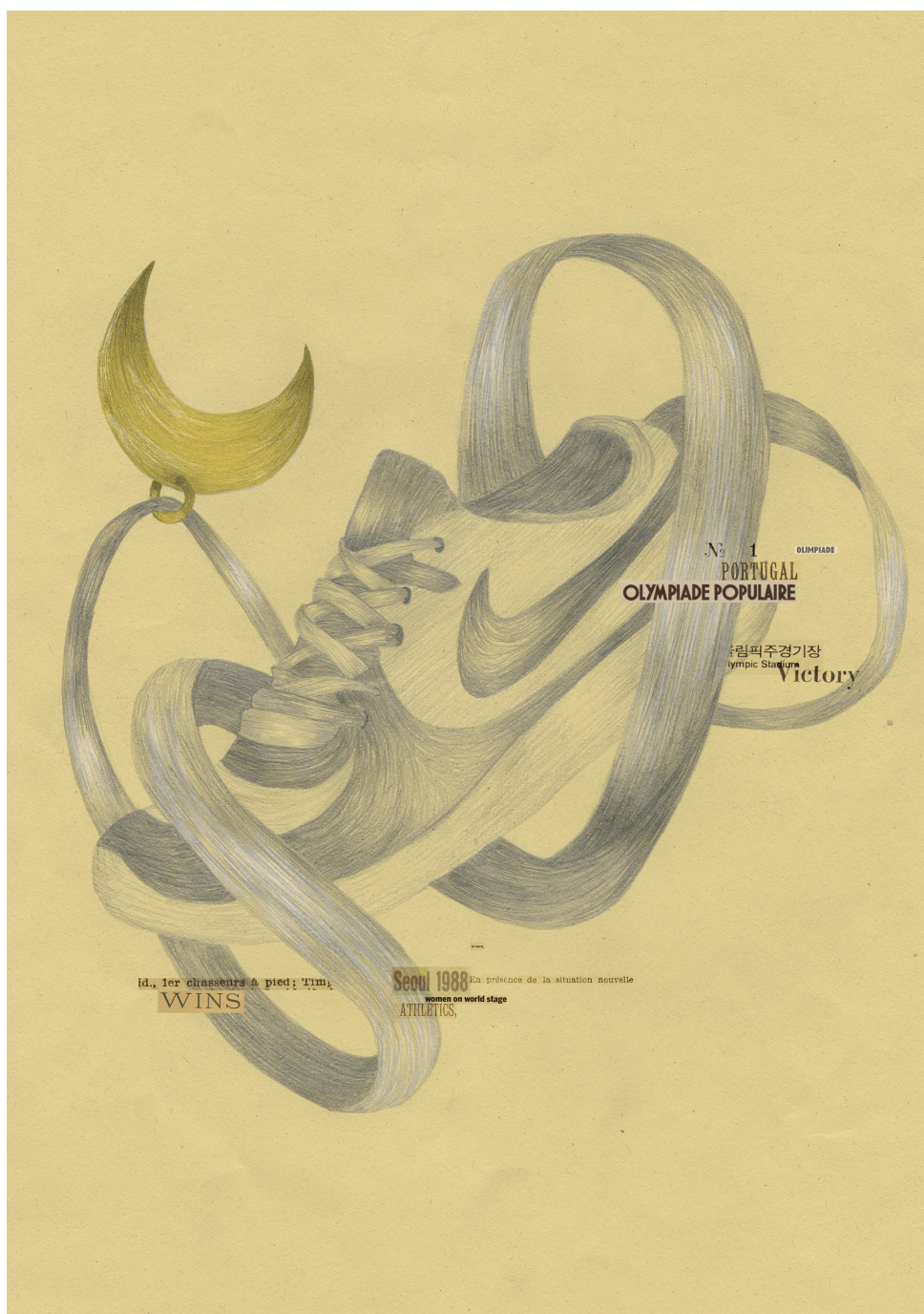


FIG.86 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Rosa Mota*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

Tem uma Fundação, sem fins lucrativos, em seu nome, com o objetivo de apoiar o desenvolvimento social, cultural, educativo, desportivo e artístico de crianças e adolescentes com dificuldades.

O seu retrato parte naturalmente do amor ao futebol, de quem aos 16 anos é aconselhado a deixar de jogar devido a possíveis problemas circulatórios, mas que não desiste e continua a seguir o seu sonho. Essa relação é retratada pela luva, o campo e a própria bola. Indo mais além podemos ver no canto inferior esquerdo indicações numéricas relativas aos títulos que foi ganhando ao longo da sua carreira.

Rosa Mota

Rosa Mota, nasceu em 1958 no Porto. Começou a correr no Futebol Clube da Foz, onde esteve de 1974 a 1977. Preferia a natação e o ciclismo, mas sendo que estas modalidades requeriam mais custos acabou por se dedicar ao atletismo. Em 1978 entra no F.C. Porto, onde permanece apenas durante dois anos, devido a problemas de asma. Em 1981 ingressa, então no Clube de Atletismo do Porto, clube onde permaneceria durante toda a sua carreira.

Participou na primeira maratona feminina realizada no desporto de alta competição, durante o Campeonato Europeu de Atletismo de 1982, em Atenas, na Grécia. Apesar de não pertencer ao lote das favoritas consegue o seu primeiro lugar na modalidade.

Posteriormente, com o apoio do treinador José Pedrosa volta a ganhar o primeiro lugar na maratona de Roterdão e na Maratona de Boston.

Em 1984, ganha o bronze nos Jogos Olímpicos e torna-se a primeira mulher portuguesa a alcançar uma medalha nas Olimpíadas. Neste mesmo ano, bate o recorde da Maratona de Boston e volta a alcançar uma vitória na frente.

As vitórias seguiram-se, no Campeonato da Europa de 1986, Maratona de Tóquio, Campeonato do Mundo de Roma até finalmente alcançar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, sendo a segunda portuguesa a conseguir o ouro na competição olímpica. Posteriormente, volta a vencer a maratona de Boston, a maratona de Osaka, o Campeonato da Europa de Split e Maratona de Londres em 1991.

É galardoada não só com a Ordem do Infante D. Henrique, onde recebe o Grau de Dama em 1983, o Grau de oficial, em 1985, e a Grã-Cruz em 1988. Mas também com o Prémio Abebe Bikila e como uma distinção da Association of International Marathons and Distance Races.

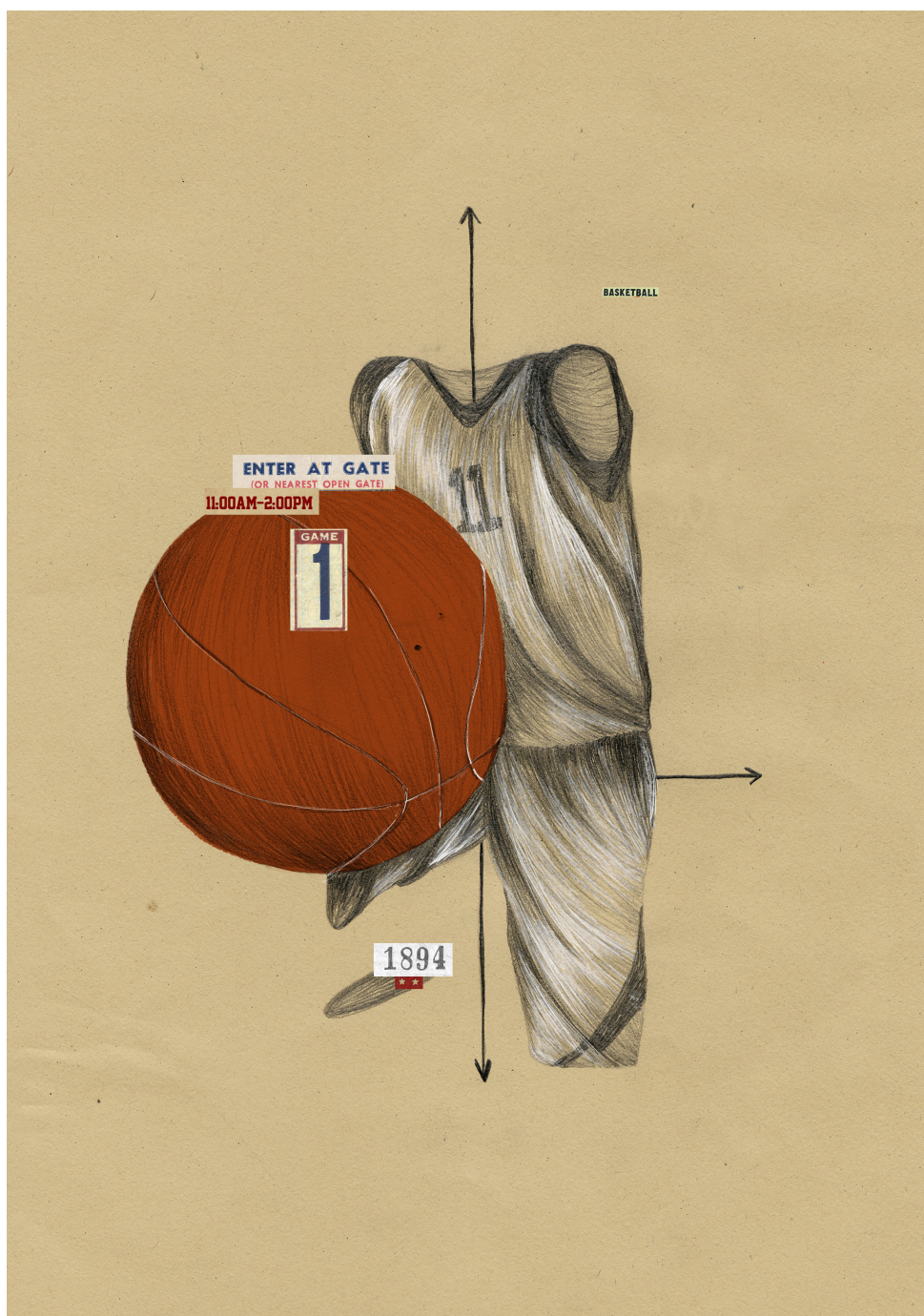


FIG.87 – Cláudia Salgueiro, *Retrato de Nuno Marçal*, 2016, técnica mista, 21 x 29.7 cm

O seu retrato transparece a sua vontade de correr, enleada na fita da vitória que pendura não uma medalha olímpica mas sim a lua. Rosa Mota conta que começou a correr nas vielas da Foz do Douro, não por gostar mas por medo do escuro, sendo que quando voltava a casa depois das aulas já era noite.⁴⁷

Ao longo da sua carreira conquistou não só as medalhas mas definitivamente a lua do seu medo e a lua dos seus sonhos.

*“A menina da foz, filha de gente humilde, passasse a ser conhecida pela Rosinha do nosso contentamento.”*⁴⁸

Inevitavelmente a medalha olímpica teria de estar representada, por isso as olimpíadas de Seul estão presentes através sapatilha da *Nike* com que finalizou os 42 km de corrida e através dos recortes.

Nuno Marçal

Nuno Marçal nasceu em 1975 no Porto. Começou a sua carreira de basquetebolista no F.C. Porto, ganhando duas vezes o campeonato nacional de juniores e uma vez o campeonato nacional sub-22.

*“O basquetebol surgiu na minha vida, através do meu irmão, que era praticante da mesma modalidade no ano em que comecei a praticar. Comecei a praticar ténis aos 7 anos, e aos 9 anos a minha etapa basquetebolística tinha início no F.C. Porto, clube onde jogava o meu irmão. O facto de ter um irmão praticante, aliado ao facto de ter já uma estatura considerável, impulsionaram o meu ingresso na modalidade. Foi das melhores escolhas da minha vida.”*⁴⁹

Em 1992/93 ingressa na equipa principal vindo a recolher o título nacional em 1995/96. Alcança a vitória com a camisola do F.C. Porto, em mais três Campeonatos Nacionais, em seis Taças de Portugal, quatro Taças da Liga e duas Supertaças. No Oliveirense ganha a Supertaça, em 2002/03.

47 Nicolau Do Vale Pais, *Rosa e o medo do escuro*, http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/rosa_e_o_medo_do_escuro.html (03/04/2016)

48 (s/a), *Rosa Mota, Eterna Campeã*, <http://www.record.xl.pt/modalidades/atletismo/detalhe/rosa-mota-eterna-campea-845491.html> (05/01/2016)

49 Nuno Marçal cit. por Carlos Marinho, *Entrevista a Nuno Marçal - Jogador de basquetebol*, <http://www.clube.spm.pt/arquivo/1390/> (07/03/2016)

Em Espanha joga pelo *Polaris Múrcia* e pelo *Ciudad de Huelva*, voltando depois para o F.C. Porto. Não obstante na época de 2012/2013, a equipa portuense encerra a secção de basquetebol e Nuno Marçal ingressa no Maia Basket.

É considerado um dos melhores jogadores portugueses de sempre do basquetebol nacional e na seleção é internacional A desde 1995.

O seu retrato passa pela sugestão de movimento de lance com grande destaque na bola de basquetebol, havendo uma elevação do atleta acentuada pelas setas direcionais. Os recortes assentam no mundo desportivo e pretendem acrescer esse sentimento de energia.

3.3 Artefacto

“O verdadeiro design de livros é um somente um assunto de tacto (tempo, ritmo, toque).”

Jan Tschichold, *The Form of the Book*, 1991

Para a concretização do artefacto, foi fundamental a visita às gráficas, aos ateliers e à loja do editor José da Cruz Santos, pois foi aqui que encontramos as nossas referências e observamos os nossos pares. Salientamos a loja uma vez que foi o local onde vimos uma maior quantidade de livros semelhantes àquele que nos propomos fazer, tanto em forma como em conteúdo – os livros homenagem.

Desde o início que houve uma inclinação e vontade de procurar livros/caixa, uma vez que este formato acentua a ideia de coleção e de objeto. Foi feita uma recolha mais exaustiva sobre livros com este carácter, dos quais destacamos, “Invasão da Casa Andersen” e “A vida das Histórias” da Edições Eterogêmeas, no âmbito do livro ilustrado e com folhas soltas, e objetos como o catálogo “Neue Werkstatt”, o livro de fotografias “James Braund – Photographer” com design do estúdio Hofstede, a coleção de gravuras “Woodcut Notecards” de Bryan Nash Gill, e ainda o “One&Only” dos Inaria Design. Estes últimos têm um carácter ora de catálogo, ora de branding/identidade, à exceção dos postais de Bryan N. Grill. Contudo, achámos importante perceber também aqui as estratégias utilizadas, vejamos que todos eles apresentam folhas soltas, sendo que somente o catálogo alemão as apresenta em folhetos agraphados.

“One&Only” e “Invasão da Casa Andersen” apresentam caixa exterior e interior, criando um maior suporte e estrutura para as folhas interiores, “A Vida das Histórias” e o catálogo “Neue Werkstatt” abrem de forma semelhante, transformando-se num plano e deixando à vista todo o seu interior. A versão de Bryan Nash Gill toma o sentido mais tradicional de caixa com tampa, e o livro do fotógrafo aproxima-se mais de um dossier/arquivo.

São livro/objetos que apesarem de apresentarem a estratégia inicial de caixa tomam caminhos muito diferentes entre eles.

Percebemos que ao longo do nosso percurso, premeado tanto pelas visitas ao ateliers e bibliotecas de designers como pelas gráficas, muitas das nossas referências e fontes de inspiração encontram-se um pouco fora do circuito comercial, não são objetos de grande tiragem ou grande mediatismo, são sim, maioritariamente edições especiais e de coleção.

Tendo em conta toda a nossa investigação, não só sobre o livro mas também sobre o retrato, concluímos que o nosso artefacto passaria também ele por folhas soltas. Cada retrato seria independente dos outros, acentuando a



FIG.88 (topo esq.) – AA.VV. Katalog “Neue Werkstatt”, Neue Werkstatt, 2012

FIG.89 (topo dir.) – Hofstede, James Braund – Photographer, c. 2014(?)

FIG.90 (baixo esq.) – Bryan Nash Gill, “Woodcut” Notecards, Princeton Architectural Press, 2012

FIG.91 (baixo dir.) – Inaria Design, One&Only, One&Only, 2004

individualidade e aproximando-se do contexto histórico do retrato, possibilitando também ao leitor a escolha de um dos desenhos para colocar na parede se for esse o seu desejo. Acentuando esta ideia, o design da página ilustrada é marcado por uma margem branca com cerca 35 e 55 mm, apresentando em baixo o nome do retratado. Este conceito parte do convite à moldura e pretende evocar o lado histórico e memorial da ilustração presente em gravuras e litografias, por exemplo. Há a ideia de grupo e seleção, mas também a ideia do uno e da valorização de cada um.

Tschichold relembra que quando projetamos um livro devemos ter em conta a sua forma de manuseio, será para ler com uma mão? Será para ler em cima de uma mesa?

Sendo este um livro sobretudo de imagens, pensamos que será para ler e abrir em cima da mesa. Um livro para ter na estante e lembrar em épocas especiais, um livro/prenda para oferecer, um livro para levar como recordação da cidade, um livro de memórias para recordar de tempos em tempos, um objeto de coleção.

Johanna Drucker diz-nos que *“A qualidade estética das páginas, depende do sentido de ritmo e tempo, do abrir e fechar, do design do espaço e de como eles criam relações dramáticas entre os elementos visuais”* (Drucker, 1997: 188). Então, para além da caixa e dos retratos soltos, acrescentámos um folheto (folha dobrada), que cria e acresce dramatismo ao livro. Sugerimos aqui posterior seleção de um escritor que tendo por base a personalidade retratada, atividade profissional, biografia e ilustração criada elaboraria um texto ora poético ora descritivo (idealmente de forma bilingue PT-IN), o que permitiria um acréscimo na valorização literária e narrativa do retrato e do objeto.

Vejamos então que primeiramente teríamos um nome e uma profissão, para depois ao abrir encontrarmos uma fotografia e um texto permeados pelo retrato ilustrado. Poderá ser encontrada uma versão da solução proposta em anexo e na maquete do artefacto.

O retrato por si só, mantém o desafio da descoberta e do quem é quem, mas todo o conjunto do livro permite a apresentação e devida divulgação das figuras de relevo, pois no fundo era esse um dos principais objetivos.

Falando agora de tempo e ritmo de leitura, sugerimos que este seja um livro para ler e ver devagar. Para abrir a caixa e observar um folheto, para depois abrir e descobrir o retratado, desvendando cada um dos pormenores e pistas oferecidas, para finalmente o fechar e passar ao próximo consecutivamente ao longo das 20 personalidades. Este é um objeto de descoberta, um objeto para lembrar os mais velhos e ensinar os mais novos sobre as pessoas que nos rodeiam e sobre as suas qualidades. Pois cada um de nós é um mundo para descobrir.

De forma a acentuar uma relação sensorial do leitor com o objeto, foram selecionados materiais com texturas diferentes. Primeiramente a impressão



FIG.92 (topo) – Luís Mendonça, *A Vida das Histórias*, Edições Eterogémeas, 2008

FIG.93 (baixo) – Luís Mendonça, *Invasão da Casa Andersen*, Edições Eterogémeas, 2013

dos retratos foi feita em Cartolina CLA 330 GR, os folhetos biográficos em Munken Pure 90 GR e na caixa testou-se papel *craft* no interior e pano cru no exterior. Contudo, acreditamos que estes materiais criavam entre si uma relação demasiado virgem/luminosa, multiplicando-se com problemas de futura sujidade e envelhecimento.

Assim sendo, depois de analisadas várias hipóteses, optamos por uma caixa de madeira onde o título do projeto seria gravado a laser. Esta solução torna-se mais madura, acentuando a tateabilidade e sensibilidade do objeto. A diferença entre texturas e materiais cresce, tornando mais intensa a relação sensorial com o leitor através do cheiro da madeira e do toque poroso e seco que a mesma propõe. A madeira, que já foi árvore, poderá também criar um sentido memorial e metafórico com a noção de vida e tempo que aqui pretendemos explorar. A noção de caixa/gaveta é mais uma vez acentuada, simbolicamente ligada à ideia de guardar e preservar, acrescentando proteção ao seu interior e aludindo a uma gaveta de memórias pessoais e coletivas, girando entre o passado e o presente.

Nesta constante descoberta e análise de materiais, foi consequentemente também alterado o papel proposto para os folhetos, optando então por um papel vegetal esquiço de 38gr. Esta opção deve-se a intrínseca fragilidade do papel, às transparências que propõe, possibilita e oferece, não deixando naturalmente de lado o seu toque e contraste com a madeira e gramagem da ilustração que guarda no interior.

O lado negativo desta decisão deve-se à própria natureza do papel, que pela sua suavidade e gramagem se tornou impossível de imprimir, de forma “artesanal”, para a maquetagem do projeto, vejamos que ora era recusada logo *a priori* nos centros de cópias e similares, ora encravava máquinas de impressão, ora saía sem qualquer tinta. Sendo que propomos um texto criado por um escritor, e na maquete apresentada este seria apenas simulado, optámos por manter este papel e demonstrar a sua relação sensorial e rítmica com todo o restante objeto, assumindo assim que não seria possível realizar a maquetagem dos folhetos na sua totalidade sem recorrer a uma gráfica profissional, o que dado à natureza do projeto e o número de exemplares realizados neste momento não se justificaria.

Não obstante, mantemos a colagem manual de uma fotografia na página ímpar do folheto. O seu tamanho assemelha-se a uma *fotografia de passe*, mais uma vez acentuando a ideia de memória e de relação pessoal com o objeto. Para este fim, recorreu-se a papel Conqueror Gold Dust 250gr, sendo que para o folheto introdutório também se optou por uma alteração para papel *craft*.

Todo o artefacto propõe uma melodia, uma divergência de sensações que gira entre as finas folhas de esquiço à espessura e materialidade típica da madeira. A variação de retratos ilustrados e de personalidades escolhidas oferecem



FIG.94 – Pormenores do artefacto final.



FIG.95 – Vistas gerais do artefacto final.

uma narrativa que se pretende estender no futuro texto poético/biográfico. Já em relação ao título foram colocadas várias hipóteses como “Porto20”, “Expressão do Ser – Porto”, “Vinte Figuras do Porto” e finalmente, com o contributo do Prof. Emílio Remelhe, chegámos ao “Persona Invicta”, um título que alia a ideia de personalidade a relevância e destaque. (*Personalidade é um termo abstrato utilizado para descrever e dar uma explicação teórica do conjunto de peculiaridades de um indivíduo que o caracterizam e diferenciam dos outros.*) “Persona Invicta” que à letra significará pessoas invencíveis e que possibilitará uma edição bilingue sem qualquer tradução no título, foi assim o mote escolhido para o objeto final.

3.4 Considerações

Já na fase final desta investigação e deste projeto iremos sintetizar um pouco do que foi tratado, analisando o que foi e poderia ter sido feito.

Assim, ao longo dos três capítulos que constituem este relatório, incidimos primeiramente na pertinência e na problemática do projeto. Acreditamos que, o livro homenagem dedicado às figuras de relevo da cidade do Porto, é pouco explorado pelo mercado, sendo que não foi encontrado nenhum livro neste âmbito específico. Poderá fazer sentido explorar então esta lacuna? Será relevante fazê-lo?

Dado o crescimento cultural acentuado da cidade pensamos que sim, acreditamos que este objeto poderá ser uma mais valia, pois apresenta e destaca aqueles que pouco a pouco lhe acrescem valor, sendo esta uma relação recíproca entre a cidade e as pessoas.

Posteriormente passamos pela história do retrato e pelo seu contexto, tentando perceber se seria realmente este o caminho ideal. A análise poderia ter sido extensiva, sendo que o caso português poderia ter tido maior ênfase, contudo, dada a natureza do projeto/investigação, acreditamos ter passado pelos momentos fulcrais da sua história, e sobretudo analisado e entendido os seus limites e questões. O que é um retrato e aquilo que pode ser? Percebendo então que caminhos seriam possíveis.

Já nos casos de estudo, tentámos focar-nos em ilustradores contemporâneos que apresentassem divergências de estilo e interpretação, passando primeiro por André Carrilho, um ícone do retrato português que se dedica maioritariamente à caricatura e cartoon, depois por Frederico Babina, um designer e arquiteto que renega o aspeto figurativo e explora o retrato através da linguagem e estética do próprio retratado, e por fim Tullio Pericoli, um ilustrador de mais idade, que explora o retrato figurativo e cénico, carregado de símbolos e metáforas.

No segundo capítulo dá-se ênfase à conceção e exequibilidade do proje-

to, fazendo para isso uma série de visitas e análises que contribuíram para a criação de novos conhecimentos de produção gráfica e para a percepção de possibilidades técnicas que poderiam acrescentar valor ao artefacto final.

Passando depois para um estudo mais conceptual e mais direccionando ao conteúdo, tentámos analisar o retrato enquanto biografia e perceber até que ponto um vive sem o outro e qual a maneira ideal de aliar os dois, para depois fazer a derradeira seleção de figuras a apresentar no projeto final. Para isso, foi feito um estudo sobre o que é “pertencer” e sobre o que nos faz sentir ser da cidade. Esta será uma questão complexa e que nos deixa com o problema de seleccionar alguém que não se sinta do Porto.

Não obstante, e através da nossa investigação, inquéritos e análise biográfica, pensamos ter seleccionado figuras icónicas da cidade, que fazem parte da sua história e a sua relação com a mesma é inquestionável. Sendo que apesar disso, poderão ter uma relação íntima, familiar e pessoal que os leva a estar ligados a outro local.

Para além disso, a problemática da escolha, faz-nos acreditar que não escolhemos as vinte figuras que todos seleccionariam como mais relevantes na cidade. Esta é uma realidade que não poderíamos contornar, contudo acreditamos que a nossa reflete o Porto contemporâneo, apresentado figuras de áreas distintas, com histórias de vida díspares, com crenças e valores diferentes e sobretudo com o Porto em comum.

A seleção inicial de 50 figuras, embora mantivesse o problema, poderia reduzi-lo, contudo tendo em conta a natureza do projeto académico e o seu tempo de execução, acreditamos que uma seleção de 20 personalidades foi o número de ideal e possível para a qualidade final do mesmo. Mantendo uma figura por ramo profissional específico e mantendo a coesão e interesse final do grupo.

Para terminar no capítulo três cingimo-nos ao projeto em si e à sua execução prática, fazendo uma reflexão inicial sobre as opções tomadas técnica e formalmente, para depois passar para a apresentação de cada uma das figuras e retratos finais. Aqui fazemos uma breve introdução biográfica que pretende não só mostrar o valor da personalidade em questão, como explicar um pouco das opções tomadas no desenho.

Finalmente explica-se um pouco do pensamento por detrás do artefacto gráfico final, refletindo sobre as nossas escolhas e decisões referentes ao mesmo. Acreditamos que o projeto final, embora encontre em si as limitações de uma maquete, se apresenta como um objeto curioso, que digna as figuras seleccionadas e que corresponde aos objetivos a que nos propusemos inicialmente.

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento deste relatório e do projeto em si, pretendemos questionar a pertinência do retrato nos dias de hoje. Se continuará ou não a fazer sentido retratar alguém.

O retrato contemporâneo é, como vimos, muito mais do que uma pintura comissariada por alguém, desmultiplica-se por todos os meios e serve diferentes propósitos. Apesar de presentemente o retrato “clássico” continuar a ter um papel de distinção e relevância na sociedade, vejamos os exemplos das galerias de retrato dos reitores, bispos e presidentes da república, optámos por seguir um caminho não figurativo/mimético, acreditando que a representação física da pessoa não é o mais importante, mas sim a divulgação do seu trabalho e da sua história, a sua biografia, as suas vitórias e aquilo que o faz e fez ser uma personalidade de relevo para a cidade.

Acreditamos ter tomado um caminho acertado e acreditamos nas possibilidades, interesse e pertinência do projeto.

Para além de toda a investigações teórica, foi importante o processo de desenho em si e todo o processo de procura e descoberta que levou à solução final. Tal como Francisco Providência afirma “*O desenho também pode ser representação do seu modelo, mas a sua maior importância não resulta do que representa (ou de quem representa, no seu esforço de aparência) mas da representação em si mesma, ou seja, da apresentação de si enquanto registo gráfico, enquanto finalidade, enquanto desenho.*” (Cit. por Vilar, 2014:76).

É esta relação com o desenho que também nos interessa, o desenho pelo desenho e o desenho como forma de ver o mundo, pois como Almada Negreiros diria “*O que os olhos veem só o desenho sabe*”.¹

Salientamos também a relação deste projeto com o tempo. O tempo de leitura e de relação entre o leitor e o objeto, mas também processualmente o tempo do desenho. Atualmente vivemos numa sociedade onde o tempo é contado e extremamente acelerado, pelo que a relação pessoal que se estabelece com estes desenhos mais demorados é um ponto de interesse e de possível investigação futura.

Sendo esse, também, um dos prazeres que ficou deste relatório, o prazer da investigação e uma vontade de explorar as relações entre o desenho e o design, o desenho e o tempo.

Sobre o projeto em si, acreditamos que corresponde ao pretendido, fica a vontade e em aberto a possibilidade de um outro volume sobre os falecidos e a eventual extensão às 50 personalidades. Posteriormente, haverá também uma procura sobre a melhor forma de o fazer chegar ao público, em forma editada ou expositiva.

¹ cit. por AA.VV. *Ver, Pensar, Editar*, Porto: Universidade do Porto, 2014

1. Inquérito

Desde as suas origens mais remotas o Porto tem vindo a crescer e a tornar-se uma cidade de referência com exposição internacional. Mas uma cidade não se faz por si só, são as pessoas que a habitam, que a tornam viva e que a fazem memorável... que lhe dão alma e a fazem crescer.

Por entre as ruas do Porto e no seu abrigo estão muitas figuras excelência, pessoas que merecem destaque e que pelas suas ações foram mais longe. São pessoas das mais diversas áreas, com determinação, paixão, força de vontade e persistência, que aos poucos marcaram a sua história. Para além de homenagear a cidade enquanto um todo, torna-se importante perceber como são estas figuras que a construíram e alimentaram.

Escreve abaixo o nome e a ocupação de pessoas que consideres de relevo na cidade do Porto.

[illegible]

"O Porto nasce e morre conosco." Mário Cláudio

Quando pensamos na cidade Porto e nas suas gentes não é só dos que vivem entre nós que nos lembramos, mas também dos que pelas suas ações se eternizaram no tempo e permanecem na nossa memória. Aqueles que construíram a cidade e a tornaram naquilo a que hoje chamamos Porto.

Escreve abaixo o nome e a ocupação de pessoas que consideres terem tido relevo na cidade do Porto.

MORTOS

[illegible]

Nome

Assinatura

Data

ANEXOS

2. Resultado dos 652 Inquéritos realizados

Figura de Relevó	Nº de vezes citado
Não sabe/Não conhece	200
Álvaro Siza Vieira	244
Pinto da Costa	166
Rui Moreira	116
Manoel de Oliveira	106
Rui Veloso	105
Eduardo Souto Moura	83
Rui Rio	68
Pedro Abrunhosa	66
Rosa Mota	41
Rui Reininho	36
Paulo Cunha e Silva	32
Anónimos	30
Sophia de Mello Breyner	30
Eduardo Aires	28
Júlio Resende	24
Agustina Bessa-Luís	22
Abel Salazar	20
Daniel Serrão	20
Eugénio de Andrade	20
Germano Silva	20
Manel Cruz	18
Miguel Araújo	17
Miguel Sousa Tavares	17
Eça de Queirós	15
José Rodrigues	15
Nicolau Nasoni	14
Florbelá Espanca	13
Soares dos Reis	13
Alexandre Quintanilha	12
António Ferreira Gomes	12
Edgar Cardoso	12
Fernando Távora	12
Francisco Sá Carneiro	12
Infante D. Henrique	11
Mário Cláudio	11
Manuel Sobrinho Simões	11
Belmiro de Azevedo	10
Catarina Martins	9
Sérgio Godinho	9

Figura de Relevo	Nº de vezes citado
Vasco Graça Moura	9
Alcino Soutinho	8
Almeida Garrett	8
Ana Aragão	7
Camilo Castelo Branco	7
Duque da Ribeira	7
Francisco Providência	7
Guilhermina Suggia	7
Helena Sá e Costa	7
Marques da Silva	7
Nuno Gama	6
Ramalho Ortigão	6
Vanessa Fernandes	6
António Nobre	5
Capicua	5
Carlos Prata	5
Fernando Gomes	5
João Machado	5
Joel Cleto	5
José Maria Pedroto	5
Júlio Dinis	5
Júlio Machado Vaz	5
Luciana Abreu	5
Madalena Sá e Costa	4
Manuel António Pina	4
Mariza	4
Mr Dheo	4
Nuno Grande	4
Rui Massena	4
Sara Sampaio	4
Adelino Ângelo	2
Agostinho da Silva	2
Almada Negreiros	2
Américo Amorim	2
António Capelo	2
António Carneiro	2
António Ferreira	2
António Francisco dos Santos	2
Aurélia de Sousa	2
Aureliano da Fonseca	2

Figura de Relevô	Nº de vezes citado
Aurora Cunha	2
Bento Carqueja	2
D. Maria	2
Elisa Ferreira	2
Emerenciano	2
Fernando Medina	2
Fernando Rocha	2
Filipa Martins	2
Guilherme Pinto	2
Hazul	2
Henrique Moreira	2
José Antônio Fundo	2
José Pinto da Costa	2
Luís Onofre	2
Manuel Pizarro	2
Manuela Azevedo	2
Mariana Monteiro	2
Mário Ferreira	2
Miguel Vieira	2
Nuno Portas	2
Passos Manuel	2
Pedro Burmester	2
Raúl Meireles	2
Ricardo Jorge	2
Ricardo Quaresma	2
Sampaio Bruno	2
Valentim Loureiro	2
Valter Hugo Mãe	2
Vitor Baía	2
Abi Feijó	1
Adolfo Casais Monteiro	1
Agostinho Ricca	1
Alberto Amaral	1
Alberto Pêssimo	1
Albino Aroso	1
Alexandra Aragão	1
Álvaro Cassuto	1
Álvaro Lapa	1
Álvaro Rodrigues	1
Amândio Siza	1

Figura de Relevó	Nº de vezes citado
Amélia de Sousa	1
André André	1
André Villas-Boas	1
Andrew Howard	1
Ângelo de Sousa	1
Antero de Quental	1
António Cruz	1
António Pinho Vargas	1
António Quadros	1
António Sarmiento	1
António Teixeira Lopes	1
Armando Alves	1
Artur Santos Silva	1
Aureliano Veloso	1
Aurélio Paz dos Reis	1
Barão Forrester	1
Beatriz da Conceição	1
Benedita Pereira	1
Bispo D. Hugo	1
Carlos Mota Cardoso	1
Carlos Tê	1
Carolina Torres	1
Casemiro de Oliveira	1
Cassiano Barbosa	1
Condensa do Lobão	1
Cruz Santos	1
Cupertino Miranda	1
D. Luís	1
David Matos Martelo	1
Diana Chaves	1
Domingos Sequeira	1
José António Pinto	1
Esprequeira Mendes	1
Fernando Alvim	1
Fernando Lanhas	1
Fernando Moreira de Sá	1
Fernando Palhinhas	1
Fernando Póvoas	1
Francisco de Almada	1
Guerra Junqueiro	1

Figura de Relevó	Nº de vezes citado
Guilhermina Rego	1
Gustave Eiffel	1
Hélder Pacheco	1
Hélder Postiga	1
Hernâni Monteiro	1
Isabel Alves Costa	1
João Correia	1
João de Almada	1
João Oliveira Marques	1
João Paulo Rodrigues	1
João Pinto	1
José Alho	1
José Cambra	1
José Carvalho	1
José Mário Branco	1
José Mourinho	1
José Sócrates	1
José Soeiro	1
Juan Pereira	1
Júlio Couto	1
Júlio Magalhães	1
Leonor Beleza	1
Luís Archer	1
Luís Fernandes	1
Manuel Campos	1
Maria Amélia Canossas	1
Maria da Fé	1
Maria Gambina	1
Marta Marques	1
Marta Pinto	1
Miguel Guedes	1
Miguel Januário	1
Mota Freitas	1
Neca Rafael	1
Nuno Baltazar	1
Nuno Ferrand	1
Oliveira Martins	1
Oliveira Salazar	1
Paulo Alexandrino	1
Paulo Almeida	1

Figura de Relevó	Nº de vezes citado
Paulo Pinto	1
Paulo Rocha	1
Paulo Vallada	1
Pedro Alves	1
Pedro Homem de Mello	1
Pedro Mexia	1
Pedro Osório	1
Pedro Ramalho	1
Pêro Vaz de Caminha	1
Pinto de Magalhães	1
Raúl Brandão	1
Regina Pessoa	1
Rogério de Azevedo	1
Rui Jorge	1
Rui Magalhães	1
Ruy Luís Gomes	1
Salvador Caetano	1
Sara Moreira	1
Sebastião Feyo de Azevedo	1
Teresa Lago	1
Tiago Guedes	1
Tony de Matos	1
Valdemar Mota	1
Vítor Veloso	1
Walter Osswald	1
Wasted Rita	1
Zoe Lima	1

Área	Nº de personalidades citadas
Artes	111
Ciências Sociais	65
Ciências Naturais	27
Desporto	24
Total	227

ANEXOS

3. 50 Personalidades Contemporâneas Portuenses

ARTE

Arquitetura

Siza Vieira (1933–)

Eduardo Souto Moura (1952–)

Design

Armando Alves(1935–)

João Machado(1942–)

Artes Plásticas

Alberto Carneiro(1937–)

José Rodrigues(1936–2016) *Falecido no decorrer do projeto.*

Zulmiro de Carvalho(1921–)

Música

Rui Reininho (1955–)

Rui Veloso (1957–)

Pedro Burmester (1963–)

António Pinho Vargas (1951–)

Manel Cruz (1974–)

Pedro Abrunhosa (1960–)

Literatura

Mário Cláudio (1941–)

Valter Hugo Mãe (1971–)

Agustina Bessa-Luís (1922–)

Cinema

João Canijo (1957–)

Culinária

Rui Paula (1967)

Hélio Loureiro (?–)

Moda

Nuno Gama (1966–)

Luís Buchinho (1969–)

Maria Gambina (1969–)

DESPORTO

Futebol

João Pinto (1961–)

Vítor Baía (1969–)

Basquetebol

Nuno Marçal (1975–)

Atletismo

Rosa Mota (1958–)

Fernanda Ribeiro (1969–)

CIÊNCIAS NATURAIS

Química

Alberto Amaral (1942–)

Biologia

Nuno Ferrand (1963–)

Medicina

Daniel Serrão(1928-)

Manuel Sobrinho Simões(1947-)

Júlio Machado Vaz (1949–)

Engenharia

José Carlos Príncipe(1950-)

Física

Alexandre Quintanilha (1945–)

CIÊNCIAS SOCIAIS

Direito

Miguel Veiga (1936–)

Economia

Ilda Figueiredo(1948-)

Luís Valente Oliveira (1937–)

Miguel Cadilhe (1944–)

Política

Rui Moreira (1956–)

Teixeira dos Santos (1951–)

Religião

D. Manuel Clemente (1948–)

Gestão

Pinto da Costa (1937–)

Américo Amorim (1934–)

Artur Santos Silva (1941–)

Belmiro de Azevedo (1938–)

História

Hélder Pacheco (1940–)

Germano da Silva (1931–)

Joel Cleto (1965–)

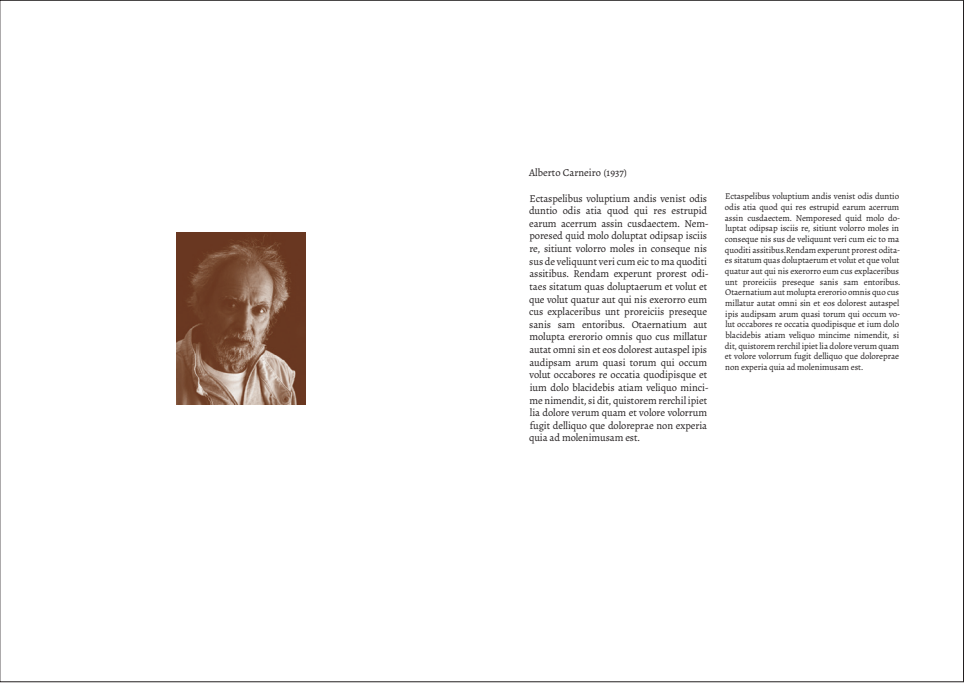
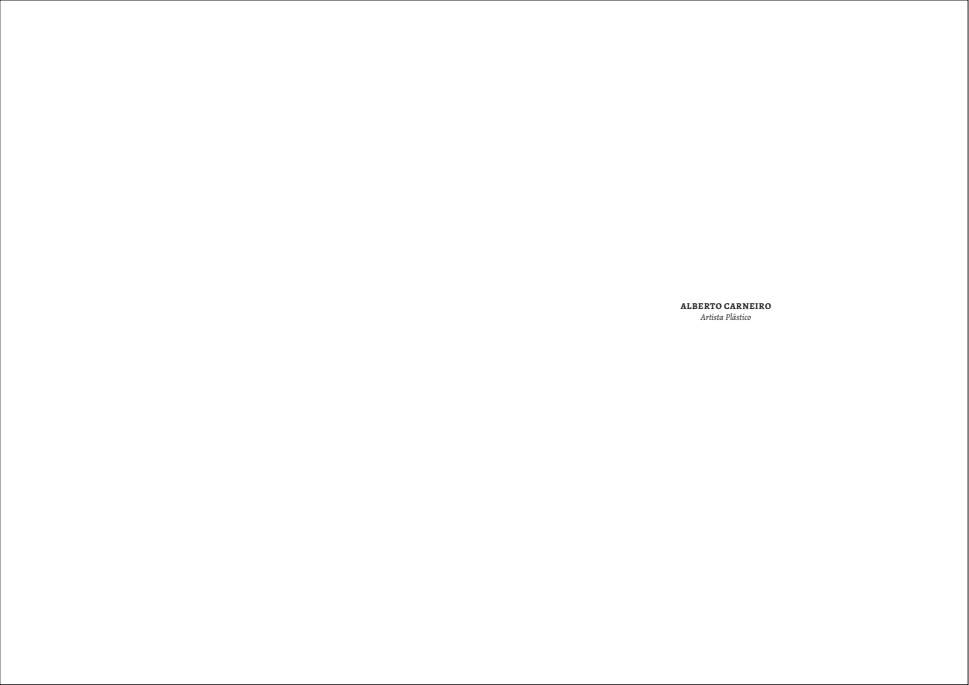
Jornalismo

Carlos Daniel (1970–)

Júlio Magalhães (1963–)

ANEXOS

4. Exemplificação do design proposto para os folhetos explicativos presentes no artefacto final (frente e verso).



ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 1 – Interior do livro <i>Retratos Legendados</i> , Serafim Guimarães (pormenor)	P. 20
FIG. 2 – Retratos presentes na Galeria de Retratos na Reitoria da Universidade do Porto	P. 22
FIG. 3 – Capa e pormenor interior do livro <i>Lisbon Poets</i> , André Carrilho	P. 23
FIG. 4 – Interior do livro <i>21 personalidades do séc. XX/XXI... AA.VV.</i>	P. 23
FIG. 5 – Joseph Wright of Derby, <i>The Corinthian Maid</i> , c.1782(?)	P. 28
FIG. 6 – Joseph-Benoît Suvée, <i>Invention of the Art of Drawing</i> , 1791	P. 28
FIG. 7 – The Librarian, Giuseppe Arcimboldo, c. 1566(?), óleo sobre tela	P. 30
FIG. 8 – Charles Demuth, <i>I Saw the Figure 5 in Gold</i> , 1928, óleo sobre cartão	P. 34
FIG. 9 – Charles Demuth, <i>Love, Love, Love</i> , 1929, óleo sobre painel	P. 34
FIG. 10 – Charles Demuth, <i>Poster Portrait of Arthur Dove</i> , 1924, óleo sobre painel	P. 34
FIG. 11 – Charles Demuth, <i>Poster Portrait of Georgia O'Keeffe</i> , 1924, óleo sobre tela	P. 34
FIG. 12 – Tracey Emim, <i>Everyone I Have Ever Slept With</i> , 1995, instalação	P. 36
FIG. 13 – Shepard Fairey, <i>Hope</i> , 2008, digital	P. 36
FIG. 14 – Milton Glaser, <i>Dylan</i> , 1966, litografia offset	P. 36
FIG. 15 – André Carrilho, <i>Alicia Keys</i> , c. 2010(?), digital	P. 38
FIG. 16 – André Carrilho, <i>Tom Waits</i> , 2011, digital	P. 38
FIG. 17 – André Carrilho, <i>Tiago Miranda</i> , c. 2010(?), digital	P. 38
FIG. 18 – André Carrilho, <i>Jimi Hendrix</i> , 2007, digital	P. 38
FIG. 19 – André Carrilho, <i>Pete Seeger</i> , 2009, digital	P. 38
FIG. 20 – André Carrilho, <i>Keith Richards</i> , c. 2010(?), digital	P. 38
FIG. 21 – André Carrilho <i>Fernando Pessoa</i> , c. 2010(?), digital	P. 40
FIG. 22 – André Carrilho, <i>Fernando Pessoa</i> , 2015, digital	P. 40
FIG. 23 – André Carrilho, <i>Florbela Espanca</i> , 2015, digital	P. 41
FIG. 24 – André Carrilho, <i>Luís de Camões</i> , 2015, digital	P. 41
FIG. 25 – André Carrilho, <i>Mário de Sá-Carneiro</i> , 2015, digital	P. 41
FIG. 26 – André Carrilho, <i>Cesário Verde</i> , 2015, digital	P. 41
FIG. 27 – André Carrilho, <i>Peter O'Toole</i> , 2001, digital	P. 42

FIG. 28 – André Carrilho, <i>António Lobo Antunes</i> 2009, digital	P. 42
FIG. 29 – André Carrilho, <i>Paul Aster</i> , 2010, digital	P. 42
FIG. 30 – André Carrilho, <i>Thomas Hampson</i> , 2014, digital	P. 42
FIG. 31 – Frederico Babina, <i>Archidirector City</i> , 2015, digital	P. 44
FIG. 32 – Frederico Babina, <i>ArchiPortrait</i> , 2014, digital	P. 45
FIG. 33 – Frederico Babina, <i>Archist City</i> , 2014, digital	P. 46
FIG. 34 – Tullio Pericoli, <i>Charles Darwin</i> , 1986, aguarela e tinta sobre papel	P. 48
FIG. 35 – Tullio Pericoli, <i>Jean-Paul Sartre</i> , 1985, aguarela e tinta sobre papel	P. 48
FIG. 36 – Tullio Pericoli, <i>Woody Allen</i> , 1987, aguarela e tinta sobre papel	P. 48
FIG. 37 – Tullio Pericoli, <i>James Joyve</i> , 1987, aguarela e tinta sobre papel	P. 48
FIG. 38 – Tullio Pericoli, <i>Sigmund Freud</i> , 1986, aguarela e tinta sobre papel	P. 48
FIG. 39 – Tullio Pericoli, <i>Italo Calvino</i> , 1987, aguarela e tinta sobre papel	P. 48
FIG. 40 – Tullio Pericoli, <i>José Saramago</i> , 1990, tinta sobre papel	P. 50
FIG. 41 – Tullio Pericoli, <i>Theodor Adorno</i> , 1990, tinta sobre papel	P. 50
FIG. 42 – Tullio Pericoli, <i>Jacques Derrida</i> , 2002, carvão sobre papel	P. 50
FIG. 43 – Tullio Pericoli, <i>Jane Austen</i> , 2004, lápis sobre papel	P. 50
FIG. 44 – Tullio Pericoli, <i>Fernando Pessoa</i> , 1987, aguarela e tinta sobre papel	P. 52
FIG. 45 – Tullio Pericoli, <i>Fernando Pessoa</i> , 1987, tinta sobre papel	P. 52
FIG. 46 – Tullio Pericoli, <i>Fernando Pessoa</i> , 1990, lápis sobre papel	P. 52
FIG. 47 – Tullio Pericoli, <i>Fernando Pessoa</i> , 2002, aguarela e tinta sobre papel	P. 52
FIG. 48 – Livros observados nas gráficas “MaiaDouro” e “Greca – Artes Gráficas”	P. 56
FIG. 49 – Eduardo Aires, <i>Inside/Outside</i> , 2013	P. 57
FIG. 50 – Andrew Howard, <i>A Ordem do Ver e do Dizer</i> , 1995	P. 57
FIG. 51 – Humberto Nelson, <i>Georges! Anda ver o meu país de marinheiros</i> , C. M. P. Varzim, 2000	P. 57
FIG. 52 – António Queirós, <i>Álvaro Siza – One House in Mallorca</i> , A.mag, 2014	P. 60
FIG. 53 – Armando Alves, <i>Uma Prenda para Eugénio com Algumas Túlipas</i> , Edições Asa, 2004	P. 60
FIG. 54 – Armando Alves, <i>Artistas Retrataam Escritores que Retrataam Artistas</i> , Modo de Ler, 2008	P. 60

FIG. 54 – Armando Alves , <i>os docéis animais</i> , Edições Asa, 2003	P. 60
FIG. 56 – Luís Mendonça, <i>Minhamãe</i> , Edições Eterogémeas, 2012	P. 60
FIG. 57 – Luís Mendonça, <i>Efêmera</i> , Edições Eterogémeas, 2014	P. 61
FIG. 58 – Conjunto de livros, Luís Mendonça/Gémeo Luís	P. 61
FIG. 59 – Rui Mendonça, <i>7Artistas/7 Poetas</i> , Modo de Ler, 2012	P. 61
FIG. 60 – Rui Mendonça, <i>Miguel Veiga - Cinco Esboços para um Retrato</i> , Modo de Ler, 2011	P. 61
FIG. 61 – Rui Mendonça, <i>Avelino Sá</i> , Galeria Fernando Santos, 2012	P. 61
FIG. 62 – Cláudia Salgueiro, <i>Caderno de esboços</i> , 2016	P.68
FIG. 63 – Cláudia Salgueiro, <i>Siza Vieira, Sobrinho Simões, Nuno Marçal, Mário Cláudio</i> , 2016	P.70
FIG. 64 – Google Doodle, <i>205.º aniversário de Juliusz Slowacki</i> , 2014	P.72
FIG. 65 – Google Doodle, <i>126.º aniversário de Bernardo Alberto Houssay</i> , 2013	P.72
FIG. 66 – Google Doodle, <i>154º aniversário de Victor Horta</i> , 2015	P.73
FIG. 67 – Google Doodle, <i>1366.º aniversário de Maria Sibylla Merian</i> , 2013	P.73
FIG. 68 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Álvaro Siza Vieira</i> , 2016, técnica mista	P.76
FIG. 69 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Alberto Carneiro</i> , 2016, técnica mista	P.78
FIG. 70 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de João Machado</i> , 2016, técnica mista	P.80
FIG. 71 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Nuno Gama</i> , 2016, técnica mista	P.82
FIG. 72 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de António Pinho Vargas</i> , 2016, técnica mista	P.84
FIG. 73 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Rui Reininho</i> , 2016, técnica mista	P.88
FIG. 74 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Rui Paula</i> , 2016, técnica mista	P.90
FIG. 75 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Valter Hugo Mãe</i> , 2016, técnica mista	P.92
FIG.76 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Alberto Amaral</i> , 2016, técnica mista	P.94
FIG. 77 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Alexandre Quintanilha</i> , 2016, técnica mista	P.98
FIG. 78 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Daniel Serrão</i> , 2016, técnica mista	P.100
FIG. 79 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Sobrinho Simões</i> , 2016, técnica mista	P.102
FIG.80 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Nuno Ferrand</i> , 2016, técnica mista	P.104
FIG.81 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Germano Silva</i> , 2016, técnica mista	P.106

FIG.82 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Rui Moreira</i> , 2016, técnica mista	P.110
FIG.83 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Artur Santos Silva</i> , 2016, técnica mista	P.112
FIG.84 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de D. Manuel Clemente</i> , 2016, técnica mista	P.114
FIG.85 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Vítor Baía</i> , 2016, técnica mista	P.116
FIG.86 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Rosa Mota</i> , 2016, técnica mista	P.118
FIG.87 – Cláudia Salgueiro, <i>Retrato de Nuno Marçal</i> , 2016, técnica mista	P.120
FIG.88 – AA.VV. <i>Katalog "Neue Werkstatt"</i> , Neue Werkstatt, 2012	P.124
FIG.89 – Hofstede, <i>James Braund – Photographer</i> , c. 2014(?)	P.124
FIG.90 – Bryan Nash Gill, <i>"Woodcut" Notecards</i> , Princeton Architectural Press, 2012	P.124
FIG.91 – Inaria Design, <i>One&Only</i> , One&Only, 2004	P.124
FIG.92 – Luís Mendonça, <i>A Vida das Histórias</i> , Edições Eterogémeas, 2008	P.126
FIG.93 – Luís Mendonça, <i>A Invasão da Casa Andersen</i> , Edições Eterogémeas, 2013	P.126
FIG.94 – Pormenores do artefacto final.	P.128
FIG.95 – Vistas gerais do artefacto final.	P.129

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

- (s/a), *Arcimboldo, Nature and Fantasy*, National Gallery of Art, 2011
https://www.nga.gov/exhibitions/2010/arcimboldo/arcimboldo_brochure.pdf [10 de Maio de 2016]
- (s/a), *De Almodóvar a Ernest Hemingway – Las biografías de Pericoli*, http://www.elmundo.es/elmundolibro/2004/12/10/lujos_papel/1102686674.html [10 de Maio de 2016]
- (s/a), *Tullio Pericoli – Ritratti arbitrari*, <http://www.einaudi.it/libri/libro/tullio-pericoli/ritratti-arbitrari/978880612266> [10 de Maio de 2016]
- (s/a), *ArchiPortrait by Federico Babina*, http://www.urdesign.it/index.php/2014/04/02/archi_portrait-by-federico-babina/ [10 de Maio de 2016]
- (s/a), *Designers // Federico Babina*, <https://invasioni.net/2015/06/25/federico-babina/> [10 de Maio de 2016]
- (s/a), *Manuel António Pina, Porto, Modos de Dizer*, <http://www.mundolivro.net/v1/detalhe01.php?id=59119> [20 de Setembro de 2015]
- AA.VV. *A ordem de ver e do dizer*, Porto: Fundação de Serralves, 1995
- AA.VV. *A Vida das Histórias*, Porto: Edições Eterogémeas, 2008
- AA.VV. *Dicionário Académico de Latim-Português/Português-Latim*, Porto: Porto Editora, 2014
- AA.VV. *Dicionário Integral da Língua Portuguesa*, Alfragide: Texto Editores, 2009
- AA.VV. *Editoria: Design, Artesanato e Indústria*, Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães, 2012
- AA.VV. *Ilustrarte – Bienal de Ilustração para a Infância*, Barreiro: Ver pra Ler, 2003
- AA.VV. *Ilustrarte – Bienal de Ilustração para a Infância*, Barreiro: Ver pra Ler, 2005
- AA.VV. *Ilustrarte 2007*, Barreiro: Ver pra Ler, 2007
- AA.VV. *Ilustrarte'09*, Lisboa: Ver pra Ler, 2009
- AA.VV. *Ilustrarte'12*, Lisboa: Ver pra Ler, 2012
- AA.VV. *Ilustrarte'14*, Lisboa: Ver pra Ler, 2014
- AA.VV. *Ilustrarte'16*, Lisboa: Ver pra Ler, 2016
- AA.VV. *Invasão da Casa Andersen*, Porto: Edições Eterogémeas, 2013
- AA.VV. *Lisbon Poets*, Lisboa: Lisbon Poets & Co, 2015
- AA.VV. *Priberam Dicionário*, <https://www.priberam.pt/> [30 de Novembro de 2015]
- AA.VV. *Raul Cunca – O Design Plural, Almada: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea*, 2013
- AA.VV. *Uma Prenda para Eugénio com algumas Túlipas*, Porto: Edições Asa, 2004

AA.VV. *Ver, Pensar, Editar*, Porto: Universidade do Porto, 2014

AA.VV. *21 personalidades do séc. XX/XXI escolhem as vinte e uma personalidades portuguesas do milénio*, Porto: Modo de Ler, 2014

AA.VV. *21 Retratos do Porto para o Século 21*, Porto: Asa, 2004

Aires, Eduardo, *Inside/Outside*, Porto: White Studio, 2013

Arnheim, Rudolf, *Sketching and the Psychology of Design*, Design Issues, Vol. 9, No. 2, The MIT Press, 1933

Barbosa, Conceição, *Manual Prático de Produção Gráfica*, Cascais: Princípiã, 2012

Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, Ed. Brasiliense, 1996
Brilliant, Richard, *Portraiture*, Londres: Reaktion Books, 2008

Brilliant, Richard, *Portraits: The Limitations of Likeness*, Art Journal, 1987 <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00043249.1987.10792358#.VyJ3MmNfX9w> [10 de Abril de 2016]

Caeiro, Alberto, *Poemas Inconjuntos*, Athena n.º 5, 1925

Certeau, Michel de, *The Practice of Everyday Life*, Berkeley: University of California Press, 1984

Cotrim, João Paulo, “Sérgio Godinho e as 40 ilustrações”, <http://www.dn.pt/artes/livros/interior/sergio-godinho-e-as-40-ilustracoes-2129731.html> [10 de Julho de 2016]

Couto, Mia, *Pensageiro Frequente*, Alfragide: Editorial Caminho, 2010

Couto, Mia, *Pensatempos – Textos de opinião*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005

Drucker, Johanna, *The Visible Word: Experimental Typography and Modern Art*, Chicago: University of Chicago Press, 1997

Eco, Umberto, *Como se Faz uma Tese em Ciência Humanas*, Lisboa: Editorial Presença, 2015

Eco, Umberto, *O Signo*, Lisboa: Editorial Presença, 2004

Eco, Umberto, *Os Limites da Interpretação*, Lisboa: Difel, 2004

Elhard, K. C., *Reopening the Book on Arcimboldo's “Librarian”*, Libraries & Culture, Vol. 40, No. 2, University of Texas Press, 2005

Faria, Emília Nóvoa, Martins, António, *A Paixão das Origens*, Guimarães, 2012

Fenster, Tovi, *Gender and the City: The Different Formations of Belonging*, http://www.tau.ac.il/~tobiws/gender_companion.pdf [10 de Abril de 2016]

Foucault, Michel, *A Hermenêutica do Sujeito*, São Paulo: Martins Fontes Editora, 2006

Foucault, Michel, *O que é um autor?*, Lisboa: Nova Vega, 2009

Foucault, Michel, *O sujeito e o poder*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

França, José-Augusto, *O retrato na arte portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1981

Francastel, Pierre y Galienne, *El Retrato*, Madrid: Ediciones Cátedra, 1988

Gonçalves, Luís Jorge, *Contar histórias é preciso*, Alter Ibi N°1, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2014

Gill, Bryan Nash, “Woodcut” Notecards, Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2012

Gucci, Alcides Fernando, *Reflexões sobre os usos de narrativas biográficas e suas implicações epistemológicas entre a Antropologia e a Educação*, http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2007/alcides%20fernando%20gussi.pdf [23 de Maio de 2016]

Guimarães, Serafim, *Retratos Legendados*, Porto: Edições Centenário, 2012

Holanda, Francisco, *Do Tirar Polo Natural*, Lisboa: Livros Horizonte, 1984

Joly, Martine, *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa: Edições 70, 1994

Kaufmann, Thomas DaCosta, *Arcimboldo: Visual Jokes, Natural History, and Still-Life Painting*, Chicago: University Of Chicago Press, 2010

Kuykendall, Lara, *Charles Demuth, I Saw the Figure 5 in Gold*, <https://www.khanacademy.org/humanities/art-1010/art-between-wars/american-art-wwii/a/charles-demuth-i-saw-the-figure-5-in-gold> [12 de Março de 2016]

Lipovetsky, Gilles, *A Era do Vazio: Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo*, Lisboa: Relógio d'Água, 1988

Lipovetsky, Gilles, *De La Légèreté*, Paris: Grasset et Fasquelle, 2015

Lotman, Yuri M, Mosquera, Gerardo, *The Portrait, Interfaces: Portraiture and Communication*, Madrid: La Fábrica, 2011

Marques, Pedro, “Sabendo a Editorial Inova ameaçada de desaparecimento”, <https://pedromarquesdg.wordpress.com/2013/01/09/sabendo-a-editorial-inova-ameacada-de-desaparecimento/> [14 de Março de 2016]

Mason, Daniel, *Materials, Process, Print – Creative Solutions for Graphic Design*, Londres: Laurence King Publishing, 2007

Munari, Bruno, *Artista e Designer*, Lisboa: Edições 70, 2015.

Munari, Bruno, *Fantasia: invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*, Lisboa: Editorial Presença, 1981.

Oliveira, Evelina, “Design de Humberto Nelson, um livro artístico (O melhor que tenho até ao momento) e impresso pela Greca-Artes Gráficas.”, comunicação pessoal, <https://www.facebook.com/EvelinaOliveira.Art/?fref=ts> – 19 de Março de 2014. [05 de Março de 2016]

Pereira, João Castelo-Branco, *A arte do retrato – Quotidiano e circunstância*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999

Poe, Edgar Allan, *The Oval Portrait*, <http://poestories.com/read/ovalportrait> [8 de Outubro de 2016]

Pommier, Édouard, *Théories du Portrait: de la Renaissance aux Lumières*, Paris: Gallimard, 1998

Pope-Hennessy, John, *The Portrait in the Renaissance*, London: Phaidon, 1966

Quigley, Cassie, *With their help: How community members construct a congruent*. International Journal of Science Education, Volume 35, Issue 5, 2013

Priore, Mary Del, *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*, http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf [23 de Maio de 2016]

Ribeiro, Anabela Mota, *André Carrilho*, <http://anabelamotaribeiro.pt/andre-carrilho-94445> [10 de Maio de 2016]

Schwob, Marcel, *Vidas Imaginárias*, São Paulo: Editora 34, 1997.

Ramos, Artur, *Retrato – O desenho da presença*, Lisboa: Campo da Comunicação, 2010

Richardson, Jonathan, *Two discourses. I. An essay on the whole art of criticism, as it relates to painting II. An argument in behalf of the science of a connoisseur; where in is shewn the dignity, certainty, pleasure, and advantage of it*, <https://archive.org/details/twodiscoursesiaooconggooq> [26 de Abril de 2016]

Ricoeur, Paul, *Tempo e narrativa*, São Paulo: Papyrus Editora, 1994

Sage, Adam, *Cave face the oldest portrait on record*, <https://web.archive.org/web/20080724131845/http://www.timesonline.co.uk/article/0,13509-2211142,00.html> [30 de Dezembro de 2015]

Silva, Francisco Ribeiro da, *Os Reitores da Universidade do Porto: Retratos e notas biográficas*, Porto: U.Porto, 2011

Silva, Jorge, *Almanaque Silva*, <https://almanaguesilva.wordpress.com> [30 de Junho de 2016]

Sugizaki, Eduardo, *A espiritualidade ontem e hoje. Foucault e a hermenêutica de si*, Revista da Abordagem Gestáltica – XIV, 2008

Tschichold, Jan., *The Form of the Book: Essays on the Morality of Good Design*. Vancouver: Hartley & Marks, 1991

Universidade do Porto, *Biografias dos reitores da U.Porto reunidas em livro*, https://sigarra.up.pt/up/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=12197 [30 de Novembro de 2015]

Veloso, Maria João, *André Carrilho tem bicho-carpinteiro*, http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/andre-carrilho-tem-bicho-carpinteiro/ [10 de Maio de 2016]

Vieira, Ricardo, *A Construção da Interculturalidade*, A Página da Educação, 1993

Vilar, Emílio Távora, *Design Et Al*, Alfragide: Dom Quixote, 2014

West, Shearer, *Portraiture*, Oxford: Oxford University Press, 2004

Wiedemann, Julius, *Illustration Now! Portraits*, Köln: Taschen, 2011

Wigan, Mark, *Basics Illustration: Global Contexts*, Lausanne: Ava Academia, 2009

Zorro, António, *Grandes Figuras da História de Portugal*, Lisboa: Verbo, 1986

BIOGRAFIAS

(s/a), *Alberto Carneiro*, <http://www.artistasunidos.pt/contactos/952-alberto-carneiro> [20 de Setembro de 2015]

(s/a), *Alberto Carneiro*, <http://www.barquinharte.pt/pt/alberto-carneiro> [20 de Setembro de 2015]

(s/a), *Alberto Carneiro: Arte Vida / Vida Arte - Revelações de Energias e Movimentos da Matéria*, <http://www.serralves.pt/pt/actividades/alberto-carneiro-arte-vida-vida-arte-revelacoes-de-energias-e-movimentos-da-materia/> [20 de Setembro de 2015]

(s/a), *Alexandre Quintanilha*. “Melhorar a sociedade não é só fazer dinheiro”, <http://ionline.sapo.pt/269874> [12 de Fevereiro de 2016]

(s/a), *Álvaro Siza Vieira*, <http://www.bomsucesso.com.pt/architects/álvaro-siza-vieira-143198> [16 de Setembro de 2015]

(s/a), *Álvaro Siza Vieira*, <http://www.cm-matosinhos.pt/pages/428> [16 de Setembro de 2015]

(s/a), *António Pinho Vargas*, http://www.ces.uc.pt/investigadores/cv/antonio_pinho_vargas.php

(s/a), *Biografia*, http://modalisboa.pt/designers/nuno-gama_19 [27 de Maio de 2016]

(s/a), *Biografia*, http://www.alpiarca.pt/biblioteca/pdf/valter_hugo_mae.pdf [05 de Fevereiro de 2016]

(s/a), *Chef Rui Paula. Restaurante DOC, o referencial gastronómico do Douro*. <http://www.avenida-chique.com/#!Chef-Rui-Paula-Restaurante-DOC-o-referencial-gastronomico-do-Douro/cmbz/561a-39970cf297bd685dd501> [13 de Maio de 2016]

(s/a), *D. Manuel Clemente, novo patriarca de Lisboa: biografia e pensamento*, http://www.snpcultura.org/d_manuel_clemente_novo_patriarca_lisboa_biografia_pensamento.html [08 de Abril de 2016]

(s/a), *Germano Silva, um homem do Porto*, <http://www.viva-porto.pt/Entrevistas/germano-silva.html> [08 de Maio de 2016]

(s/a), *Exposição de Alberto Carneiro na Fábrica de Santo Thyrsó*, http://www.cm-stirso.pt/frontoffice/pages/449?event_id=398 [20 de Setembro de 2015]

(s/a), *Entrevista ao Arqtº Álvaro Siza Vieira*, http://transparencias.info/2008_files/abr2008_02_home.html [16 de Setembro de 2015]

(s/a), *Entrevista com o Dr. Rui Moreira*, <http://escolacomercialeindustrial.blogspot.pt/2011/05/entrevista-com-o-dr-rui-moreira.html> [10 de Março de 2016]

(s/a), *Entrevista a Valter Hugo Mãe*, <http://www.revistaestante.fnac.pt/entrevista-estante-valter-hugo-mae/> [18 de Março de 2016]

(s/a), *Nuno Gama: “Quero que os homens que desfilam para mim incendeiem tudo à sua volta”*, <http://sol.sapo.pt/artigo/127041/nuno-gama-quero-que-os-homens-que-desfilam-para-mim-incendeiem-tudo-a-sua-volta> [27 de Maio de 2016]

(s/a), Nuno Gama: “Tive a Felicidade de ter sido posto à prova inúmeras vezes”, <http://lifestyle.sapo.pt/fama/entrevistas/artigos/nuno-gama-tive-a-felicidade-de-ter-sido-posto-a-prova-inumeras-vezes> [27 de Maio de 2016]

(s/a), Rosa Mota, *Eterna Campeã*, <http://www.record.xl.pt/modalidades/atletismo/detalhe/rosa-mota-eterna-campea-845491.html> [05 de Janeiro de 2016]

(s/a), Rui Reininho: “Sou um cavaleiro da triste figura”, <http://sol.sapo.pt/artigo/112150/rui-reininho-sou-um-cavaleiro-da-triste-figura> [08 de Maio de 2016]

(s/a), Sobrinho Simões é o campeão dos patologistas, <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-12-07-Sobrinho-Simoes-e-o-campeao-dos-patologistas> [03 de Fevereiro de 2016]

Baião, Joana, Alberto Carneiro, <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/artistas/ver/127/artists> [09 de Outubro de 2015]

Boléo, Pedrom Pinho Vargas: “Se alguém ficar comovido, terá servido para alguma coisa”, <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/pinho-vargas-artesao-do-presente-1688954> [25 de Junho de 2016]

Carvalho, Cláudia Lima, João Machado é um mestre do design da Graphis, <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/joao-machado-e-um-mestre-do-design-da-graphis-1673671> [09 de Outubro de 2015]

Carvalho, Manuel, O burguês da Foz que tomou de assalto a Câmara do Porto, <http://www.publico.pt/temas/jornal/o-burgues-da-foz-que-tomou-de-assalto-a-camara-do-porto-27221209> [18 de Abril de 2016]

Carvalho, Miguel, O dia em que Siza Vieira voltou a rezar o terço, <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2016-05-11-O-dia-em-que-Siza-Vieira-voltou-a-rezar-o-terco> [20 de Maio de 2016]

Carvalho, Patrícia, Escultura de Alberto Carneiro só deve chegar ao Porto no próximo ano, <https://www.publico.pt/local/noticia/escultura-de-alberto-carneiro-so-deve-chegar-ao-porto-no-proximo-ano-1710544> [09 de Outubro de 2015]

Chaves, Marta, Nuno Gama: “Esta coleção veio da conquista de Portugal pelo mundo”, <http://www.nit.pt/article/10-11-2015-nuno-gama-esta-colecao-veio-da-conquista-de-portugal-pelo-mundo> [16 de Maio de 2016]

Cruz, Valdemar, Siza Vieira. “A reforma dá uma neura terrível”, <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-03-27-Siza-Vieira.-A-reforma-da-uma-neura-terrivel> [16 de Setembro de 2015]

Duarte, Frederico, Foi você que pediu um João Machado? , <http://www.05031979.net/2008/08/foi-voce-que-pediu-um-joao-machado/> [16 de Setembro de 2015]

Figueira, Jorge, O intérprete ideal, <https://www.publico.pt/local/jornal/o-interprete-ideal-26981924> [16 de Setembro de 2015]

Garcia, Rita, D. Manuel Clemente: o miúdo que brincava aos padres, http://www.sabado.pt/vida/pessoas/detalhe/d_manuel_clemente_o_miudo_que_brincava_aos_padres.html [05 de Abril de 2016]

Geraldes, Helena, Nova série de televisão mostra os biólogos portugueses como nunca os vimos, <http://www.wilder.pt/historias/nova-serie-de-televisao-mostra-os-biologos-portugueses-como-nunca-os-vimos/> [05 de Julho de 2016]

- Heitlinger, Paulo, *João Machado (1942-)*, <http://www.tipografos.net/portugal/joao-machado.html> [20 de Setembro de 2015]
- Helm, Joanna, *Fundação Iberê Camargo / Alvaro Siza*, <http://www.archdaily.com.br/br/01-2498/fundacao-ibere-camargo-alvaro-siza> [16 de Setembro de 2015]
- Instituto Camões, *Alberto Carneiro*, <http://cvc.instituto-camoes.pt/biografias/alberto-carneiro.html#.V46w21e9XPc> [16 de Setembro de 2015]
- Instituto Politécnico de Setúbal, *Entrevista Público - Álvaro Siza Vieira*, https://www.si.ips.pt/ese_si/web_base.gera_pagina?P_pagina=28247 [16 de Setembro de 2015]
- Machado, João, *João Machado*, <http://joaomachado.com/> [19 de Setembro de 2015]
- Mandim, David, *O arquitecto que viu a luz e fez escola*, <http://www.dn.pt/gente/interior/o-arquitecto-que-viu-a-luz-e-fez-escola-1888115.html> [16 de Setembro de 2015]
- Marinho, Carlos, *Entrevista a Nuno Marçal - Jogador de basquetebol*, <http://www.clube.spm.pt/arquivo/1390/> [07 de Março de 2016]
- Milano, Maria, *Siza Design*, <http://www.esad.pt/pt/news/siza-design> [02 de Fevereiro de 2016]
- Pais, Nicolau Do Vale, *Rosa e o medo do escuro*, http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/ro-sa_e_o_medo_do_escuro.html [03 de Abril de 2016]
- Paula, Rui, *Os fundamentos da cozinha de Rui Paula*, <http://ruipaula.com/web/rui-paula/conceito/> [08 de Maio de 2016]
- Ribeiro, Anabela Mota, *Alberto Carneiro*, <http://anabelamotaribeiro.pt/alberto-carneiro-101919> [16 de Setembro de 2015]
- Ribeiro, Anabela Mota, *Alexandre Quintanilha e Richard Zimler*, <http://anabelamotaribeiro.blogs.sapo.pt/alexandre-quintanilha-e-richard-zimler-16838> [14 de Maio de 2016]
- Ribeiro, Anabela Mota, *Álvaro Siza Vieira*, <http://anabelamotaribeiro.pt/29930.html> [16 de Setembro de 2015]
- Ribeiro, Anabela Mota, *Artur Santos Silva*, <http://anabelamotaribeiro.pt/23191.html> [07 de Janeiro de 2016]
- Ribeiro, Anabela Mota, *Manuel Sobrinho Simões*, <http://anabelamotaribeiro.pt/manuel-sobrinho-simo-es-137812> [12 de Março de 2016]
- Ribeiro, Anabela Mota, *Rui Moreira*, <http://anabelamotaribeiro.pt/rui-moreira-24958> [14 de Março de 2016]
- Rito, Catarina Vasques, *“O homem dá valor à moda e às tendências”*, <http://www.dn.pt/dossiers/economia/made-in-portugal-mes-da-moda/noticias/interior/o-homem-da-valor-a-moda-e-as-tendencias-2029962.html> [16 de Maio de 2016]
- Sampaio, Sara, *João Machado é um dos Design Masters da Graphis*, <http://p3.publico.pt/cultura/design/14242/joao-machado-e-um-dos-design-masters-da-graphis> [19 de Setembro de 2015]

Serrão, Daniel, *Daniel Serrão*, <http://www.danielserrao.com> [02 de Junho de 2016]

Serrão, Daniel, *Ética, Sofrimento e Vida*, <http://www.danielserrao.com/gca/index.php?id=181> [02 de Junho de 2016]

Silva, Filipa, *Germano Silva vai ser Doutor Honoris Causa pela Universidade do Porto*, <https://jpn.up.pt/2016/06/20/germano-silva-vai-doutor-honoris-causa-pela-universidade-do-porto/> [01 de Julho de 2016]

Universidade do Porto, *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20álvaro%20siza%20vieira [30 de Novembro de 2015]

Universidade do Porto, *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20alberto%20carneiro [12 de Novembro de 2015]

Universidade do Porto, *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joão%20machado [12 de Novembro de 2015]

Universidade do Porto, *Reitores da Universidade do Porto*, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1025435 [12 de Fevereiro de 2016]

Vargas, António Pinho, *Biografia Completa*, <http://www.antoniopinhovargas.com/bio/biografia+completa.htm> [20 de Outubro de 2015]

Vargas, António Pinho, *Entrevista à Revista DaCapo (Parte II)*, <http://antoniopinhovargas.blogspot.pt> [28 de Junho de 2016]

Vieira, Álvaro Siza, *Exposição Álvaro Siza - Esquissos ao Jantar*, http://ultimasreportagens.com/destaque_desenhosaojantar.php [02 de Fevereiro de 2016]

Vitorino, Manuel. *Germano, o historiador do Porto*, <http://mautempocanal.blogspot.pt/2011/10/germano-contador-de-estorias.html> [08 de Maio de 2016]

**Relatório de Projeto**

Cláudia Sofia Brás Salgueiro

Orientação

Professor Luís Mendonça

Apresentado

à Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto
em Design Gráfico e Projetos Editoriais